

Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

RICARDO ALEXANDRE SANTOS DE SOUSA

Agassiz e Gobineau – as Ciências contra o Brasil Mestiço

Rio de Janeiro

2008

RICARDO ALEXANDRE SANTOS DE SOUSA

Agassiz e Gobineau – as Ciências contra o Brasil Mestiço

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em História das
Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo
Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre. Área de
Concentração: História das Ciências

Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury (orientadora)

Rio de Janeiro
2008

RICARDO ALEXANDRE SANTOS DE SOUSA

Agassiz e Gobineau – as Ciências contra o Brasil Mestiço

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em História das
Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo
Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre. Área de
Concentração: História das Ciências

Aprovado em março de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lorelai Brillhante Kury (orientadora)

Profa. Dra. Mônica Monteiro de Barros Grin (Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais/UFRJ)

Profa. Dra. Dominichi Miranda de Sá (Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

SUPLENTES:

Profa. Dra. Heloisa Gesteira (MAST)

Profa. Dra. Nísia Trindade Lima (Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz)

Rio de Janeiro
2008

Ficha catalográfica

S729 Souza, Ricardo Alexandre Santos de
Agassiz e Gobineau: as ciências contra o Brasil
mestiço . / Ricardo Alexandre Santos de Souza . – Rio
de Janeiro : s.n. 2008.
163 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e
da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo
Cruz, 2008.
Bibliografia: p. 156-163

1. Raças 2. Mestiçagem 3. Ciência 4. História 5. Brasil

CDD 572.09

À saudosa vovó Diolina, dedico este trabalho. Cada letra, sílaba e palavra nele contido. Letras que ela tanto amou e que lhe foram negadas na infância, num tempo em que “mulheres não precisavam saber ler”.

Agradecimentos:

Uma dissertação de Mestrado, como um primeiro trabalho acadêmico de peso, acaba se tornando um filho primogênito. Porém, um filho cuja concepção envolve um verdadeiro exército de pais e mães que contribuem, em maior ou menor grau, para a sua existência e sem os quais não seria possível a sua realização. Certamente, será impraticável nomear cada um desses tantos pais e mães, fundamentais para que este trabalho se realizasse. No entanto, gostaria de registrar a minha sincera gratidão a algumas dessas pessoas e entidades.

Nesses dois últimos anos, a Casa de Oswaldo Cruz tornou-se meu lar acadêmico, o que foi fundamental para que este trabalho fosse levado a cabo.

O apoio financeiro recebido da CAPES também contribuiu para que as minhas metas fossem atingidas.

Agradeço à Lorelai Kury, minha orientadora, pela leitura atenta e respeitosa deste trabalho, por compartilhar comigo a sua biblioteca (juro solenemente devolver todos os livros e textos que ainda se encontram em meu poder) e, acima de tudo, por me desafiar e incentivar.

Quando resolvi estudar história, pretendia tão somente ser um melhor guia de turismo, mas as aulas de Manuel Salgado foram fundamentais para que me apaixonasse definitivamente pela pesquisa e vislumbrasse a possibilidade de seguir a carreira de historiador. Obrigado também à Mônica Grin, pelo incentivo ao estudo das teorias raciais sob prisma totalmente novo, nas aulas, nas discussões dos corredores da graduação e no laboratório de “racismo e racialismo”, obrigado ainda pelos muitos livros a mim emprestados e que se revelaram tão úteis à minha formação. Da mesma forma, sou grato a Dominichi Sá, cujo livro de sua autoria “A

Ciência Como Profissão” foi o *insight* provocador para a realização deste trabalho.

Agradeço à professora Heloisa Gesteira, que gentilmente aceitou participar da banca examinadora desta dissertação.

Obrigado aos professores, que tanto contribuíram com a vasta quantidade de leitura a mim apresentada, além da atenção dispensada e torcida constante que fazem toda a diferença. São eles: Flávio Edler, Luiz Antônio Teixeira, Ricardo Waizbort, Nísia Trindade Lima, Dominichi Sá, Marcos Chor Maio, Ricardo Ventura Santos, Simone Monteiro e também Robert Wegner e Gilberto Hochman.

Obrigado à minha querida tia Lili que, com competência, paciência e amor obstinados, fez a revisão do texto deste trabalho. Se alguma imperfeição ainda remanesce nesta versão final, certamente isto se deve à minha teimosia e ao meu amor à criação, que me impediram de acatar plenamente algumas modificações sugeridas. Estendo estes agradecimentos ao Arthur e aos meus primos Sílvia, Bruno, André e Dudu, por roubar-lhes do tempo em companhia de minha tia enquanto ela realizava essa empreitada.

Agradeço à Sheila Thonsom pelo aprimoramento do texto em inglês para o *abstract* desta dissertação.

Meus agradecimentos são ainda dirigidos à Bela, que foi a primeira pessoa a me apontar a possibilidade de prestar concurso para ingresso no Mestrado e a me incentivar a cursá-lo já no nosso primeiro contato.

Agradeço a todos os funcionários da Casa de Oswaldo Cruz e em especial, à Maria Cláudia e ao Paulo.

Muito obrigado ao Prof. Gastão de Carvalho Souza que gentilmente me cedeu a correspondência entre Agassiz e D. Pedro II.

Meus agradecimentos dirigem-se também aos companheiros que cursaram comigo as diversas matérias. Especialmente os amigos: Daiana,

Paula Habib, Silvio Cezar, Fernanda Rebelo, Vivian, Josi Oliveira, André, Vanderlei, Julio Paixão, Roberto, André Carvalho e o saudoso Wal.

Aos meus amigos, obrigado pela torcida, mesmo quando muitos não entendiam a razão de tanto esforço empregado. Portanto, obrigado ao Jorge, que freqüentemente me telefonava pedindo contas do andamento do trabalho; meus agradecimentos vão ainda para Mila e Marcos, Helô e Íris, Regina e Daniel, Numa e Silvia, Pedro Rosa e Beto, Andréa, Marlene, Iolanda, Ana Lúcia, José Bernardo e Lourdes e Marcus Vinícius (por “ceder” meu computador vez por outra). Muito obrigado também aos amigos da graduação, o *crème de la crème* do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), que seguem os diferentes caminhos possibilitados pela carreira de historiador, sem nunca deixarem que a nossa amizade perca o calor, são eles: Amália e Ilton, Douglas e Ana, Sérgio e Aline, Rafael e Valéria, Léo, Adriano e Marcos.

Agradeço à Suzana, por segurar as despesas com as meninas no período de “vacas-magras”, inevitável nesse processo, e à Carol e à Bia (tudo o que faço é puro exibicionismo para elas).

Obrigado ao papai, que tem certeza que enriquecerei como historiador, e à mamãe (que, além da torcida, ora com a fé mais sincera do mundo), à Anna Paula e ao Jorge, ao Sandi e à Neila, à Gabi e ao Dani.

Obrigado ao Carlos, por podermos dividir tão de perto essa experiência do Mestrado, eu em história e ele em biologia. Seu incentivo foi fundamental para tornar tudo mais fácil.

Por último, agradeço ao Beto, por me dar todo o apoio que um companheiro pode oferecer, por ser o maior divulgador do meu trabalho e seu grande incentivador.

Resumo:

O presente trabalho trata da visita de dois personagens ao Império brasileiro na segunda metade do século XIX. Ambos chegaram ao Brasil convencidos de que a mistura entre as raças propiciava a degenerescência do ser humano. Dessa forma, os dois produziram um mau prognóstico acerca da nação, baseados em crenças raciais que permeavam as ciências da época.

O primeiro visitante, Louis Agassiz veio ao Brasil em 1865. Era suíço e adotou os Estados Unidos da América como segunda pátria. Agassiz era um naturalista com sólida formação. Teve contato estreito com figuras emblemáticas como von Martius, Georges Cuvier e Alexander von Humboldt. Na América, tornou-se um arauto do poligenismo¹.

O segundo visitante foi Joseph Arthur de Gobineau - o Conde Gobineau, que chegou ao Brasil em 1869 em missão diplomática. Gobineau era um literato com vasta produção, mas a obra pela qual atualmente é mais conhecido é o *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*², em que procurava compreender a causa da ascensão e queda de todas as grandes civilizações e chegava à conclusão que a questão étnica era a mola propulsora da história da humanidade.

Nosso trabalho procura investigar as vinculações científicas destes dois personagens que, investidos da autoridade de suas convicções científicas, produziram um prognóstico negativo para o Brasil mestiço.

¹ Teoria que pressupunha uma humanidade dividida em diferentes raças, as quais não teriam uma origem comum.

²“ Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas”.

Abstract:

This paper deals with the visit of two scientists to the Brazilian Empire in the second half of the nineteenth century. Both came to Brazil convinced that the racial mixture resulted in the degeneration of the human being. Based on the racial beliefs commonly held at the time, their prognosis for the new nation was rather gloomy.

The first visitor was Louis Agassiz, who came to Brazil in 1865. He was a Swiss who adopted the United States as a second homeland. Agassiz was a naturalist with a solid education. He had close contact with such notables as von Martius, Georges Cuvier and Alexander von Humboldt. In America, he became an advocate of polygenism³.

The second visitor was Joseph Arthur de Gobineau - the Count Gobineau - who came to Brazil in 1869 on a diplomatic mission. Gobineau was a man of letters with a vast body of works, but he is currently best known for his *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*⁴, in which he sought to understand the cause of rise and fall of all great civilizations. He concluded that the fate of civilizations was determined by race quality.

This work seeks to investigate the scientific links between these two theorists, who on the strength of their scientific beliefs, produced a bad prognosis to the mixed-race nation.

³ Polygenism is a theory of human origins positing that the human races are of different lineages. This is opposite to the idea of monogenism, which posits a single origin of humanity.

⁴“The Inequality of Human Races.”

Índice

Nota Introdutória	1
1. Gobineau e Agassiz, vida e formação na Europa	7
1.1. Sara Baartman - o europeu frente à alteridade	7
1.2. O Conde Gobineau.....	10
1.3. Louis Agassiz.....	24
1.4. Gobineau e Agassiz, o Romantismo e a Ciência.....	39
2. Agassiz no Novo Mundo	52
2.1. A Bandeira do poligenismo	52
2.2. O <i>Turning-Point</i> na Carreira em Ascensão	58
2.3. Paradigmas e Métodos.....	65
2.3.1. “Pré-Ciência” X Ciência	65
2.3.2. Agassiz e a Ciência Naturalista.....	68
2.4. A Viagem ao Brasil.....	81
2.4.1. De Turismo a Expedição Científica	81
2.4.2. Chegada ao Rio de Janeiro	87
2.4.3. Rumo à Amazônia.....	88
2.4.4. População Brasileira.....	92
2.5. Volta aos Estados Unidos	98
2.6. Agassiz em Galápagos.....	99
3. Gobineau – o homem para o qual a sorte não sorriu	102
3.1. O Insucesso Literário	102
3.2. Diplomata Rumo ao Brasil	104
3.3. As “Costas Cabral” na Perspectiva Racial	106
3.4. Um Monogenista <i>Sui Generis</i>	111
3.5. Um Nobre Medieval Anacrônico.....	119
3.6. O Brasil e Seus Defeitos	123
3.7. Volta para a Europa	129
3.8. Estocolmo & Péiades, ataque aos franceses	134
3.9. Fim da Carreira Diplomática	139
3.10. Roma – Ottar-Jarl, ruptura definitiva com a França.....	140
Conclusão	143
Referências Bibliográficas	Erro! Indicador não definido.

Nota Introdutória

“Enquanto a profecia ultrapassa o horizonte da experiência calculável, o prognóstico, por sua vez, está associado à situação política. Essa associação se deu de forma tão íntima, que fazer um prognóstico já significava alterar uma determinada situação. O prognóstico é um momento consciente de ação política. Ele está relacionado a eventos cujo ineditismo ele próprio libera. O tempo passa a derivar, então do próprio prognóstico, de uma maneira continuada e imprevisivelmente previsível” (KOSELLECK, 2006, p 32).

O presente trabalho surgiu a partir de indagações acerca da penetração de teorias raciais na segunda metade do século XIX junto à intelectualidade brasileira. Parecia-nos curioso que no país onde a mestiçagem era amplamente difundida em todas as classes sociais pudesse haver influência de pensamentos do tipo racial. A primeira intenção, portanto, seria investigar o alcance de tais teorias junto à elite letrada do país. Porém, à medida que nossa pesquisa foi se aprofundando, novas questões acabaram por levar a pesquisa em outra direção.

A presença de dois personagens tidos como emblemáticos das teorias raciais do século XIX em território brasileiro e o prognóstico produzido por ambos, segundo o qual seria impossível a construção de uma nação civilizada nos trópicos com base na população mestiça que habitava o país, levou-nos a questionar em que bases científicas cada um destes personagens se investia de autoridade para prever um futuro tão pouco alvissareiro para os brasileiros e seu país.

O primeiro personagem, o Conde Joseph Arthur de Gobineau, conhecemos na graduação quando desenvolvemos um trabalho com base em sua correspondência com o Imperador Pedro II, de quem se tornou amigo próximo. O Conde veio ao Brasil em 1869, como ministro da França, e permaneceu na capital do Império brasileiro por pouco mais de um ano. Nada mais corriqueiro do que um diplomata francês ser designado para ocupar posto em uma nação que mantinha excelentes relações com seu

país. Isso se o Conde não fosse o autor do *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* 1853-55, (“Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas”), no qual postulava que a mestiçagem era a causa da degenerescência da raça e motivo da queda de todas as grandes civilizações.

O Rio de Janeiro em 1849, segundo Manolo Florentino, contava em sua freguesia urbana, com uma população escrava de 39% e 5% de libertos, enquanto a população livre era de 56%. Antes porém no censo de 1772, esses números eram de 84% para a categoria livres e 16% para a de escravos⁵ (Florentino. 2002). Se levarmos em conta o intercuro entre as raças na América Portuguesa que produzia uma população mestiça permeando todas as classes; e se somarmos a isso o fato de que a febre amarela, introduzida na Bahia por um navio norte-americano, já começava a fazer vítimas no Rio de Janeiro naquela época, o Conde tinha motivos de sobra para não ficar nada satisfeito com o seu novo posto.

O segundo personagem foi o suíço Louis Agassiz, que adotou os Estados Unidos da América como sua segunda pátria. Agassiz era um dos naturalistas mais respeitados do mundo. Ao contrário de Gobineau, não veio ao Brasil a contragosto, mas em expedição científica, que contou com todo o apoio do Imperador brasileiro, apesar de o ano de 1865 ter sido um momento bastante difícil para o Império devido à guerra do Paraguai.

Agassiz aqui chegou acompanhado de um grupo de cientistas e voluntários e a sua intenção era estudar os animais (principalmente os peixes, que eram a sua especialidade), os vegetais e a geografia do país. Naquele momento em que o evolucionismo darwinista arrebanhava para si grandes nomes da ciência, Agassiz fazia resistência a esta corrente científica defendendo o criacionismo, o catastrofismo e a fixidez das espécies. Para a sua pesquisa, Agassiz contou com enorme aparato com o qual esquadrinhou o território nacional, especialmente a Amazônia.

⁵ Em 1872, a categoria libertos foi incluída nos dados como livres.

Nos Estados Unidos, Agassiz era conhecido como um arauto do poligenismo, doutrina que acredita terem os seres humanos se originado em diferentes lugares do planeta, não havendo assim qualquer parentesco genealógico entre as diferentes raças. No tempo em que esteve na Amazônia, preocupou-se em fotografar as diversas etnias, fruto da mistura entre negros, brancos e índios. Para ele, este tipo de mistura de raças era antinatural e produzia indivíduos híbridos, fisicamente pouco resistentes, sem ânimo vigoroso, moralmente viciosos e extremamente feios. Evidentemente a expectativa de uma nação construída nesses moldes não poderia ter a garantia de um futuro brilhante.

Tanto Gobineau quanto Agassiz eram particularmente dotados de preconceitos que os moviam a ter uma visão negativa dos brasileiros, mas ambos eram homens das ciências e não ousariam produzir um prognóstico tão negativo se não acreditassem em suas bases científicas para comprová-lo. Nosso trabalho, portanto, procura investigar quais as bases das ciências do século XIX que davam aos dois viajantes algum tipo de autoridade científica para condenar toda uma população.

A formação dos dois personagens, a despeito da proximidade do prognóstico a que chegaram sobre os brasileiros, era bastante diversa. Enquanto Agassiz teve a sua formação calcada na História Natural, com seu olhar voltado para figuras como Alexander von Humboldt e Georges Cuvier, Gobineau era um literato avesso às especializações o que lhe permitiu um leque muito vasto de obras no campo da história, antropologia, além de novelas, romances e escultura. A obra de Gobineau somente veio a ter maior aceitação após a sua morte, quando Ludwig Schemann, por meio do compositor Wagner, entrou em contato com seus escritos e tornou-se seu principal divulgador na Alemanha.

No que diz respeito às teorias raciais, a historiografia brasileira tem produzido trabalhos na linha que inicialmente pensávamos seguir. Diversos

autores já investigaram como as teorias raciais tiveram penetração em meio à pequena elite letrada que habitava o Império na segunda metade do século XIX.

No estudo da produção historiográfica acerca dos intelectuais do Brasil oitocentista, Roberto Ventura aponta Nelson Werneck Sodré e Dante Moreira Leite como autores que entendem o racismo científico daquele período como prova do “mimetismo” da cultura local: para Sodré, as teorias raciais e climáticas de Silvio Romero e Euclides da Cunha teriam apenas incorporado por força da imitação teorias estrangeiras, num momento em que a intelectualidade nacional não dispunha de amadurecimento para produzir com originalidade e autonomia (Ventura, 1991). Sob esta perspectiva, as teorias raciais são despidas de seu caráter científico e vistas tão somente como estratégia de dominação. Ou seja, o convencimento da inferioridade do brasileiro como arma estrangeira para justificar uma dominação econômica e política.

Ainda na perspectiva de Ventura, Dante Moreira Leite procura assinalar as contradições na obra de Romero, ocasionada pelo uso simultâneo de vertentes científicas exógenas diferenciadas como o determinismo de meio e de raça (*Id*). Tal qual o trabalho de Sodré, o foco de Leite não está colocado na ciência estrangeira em si, mas na recepção brasileira e na utilização de tais doutrinas como parte de um modelo imperialista de dominação.

Ângela Alonso, na análise de autores como Cruz Costa e Antônio Paim, percebe serem eles menos dogmáticos ao procurarem entender como tais ciências exógenas eram adaptadas aos trópicos pela elite letrada brasileira. Tais autores enfatizam que haveria por parte da intelectualidade local uma “originalidade” com relação à matriz estrangeira. Sob esta perspectiva, a “Escola de Recife”, o positivismo e o darwinismo social seriam exemplos de escolas de pensamento brasileiro (Alonso.2002). Ainda

assim a perspectiva estaria voltada para a “originalidade da cópia” nacional e não para a ciência européia divulgadora de tais teorias.

Alonso (2002) observa que, nos anos 1970, uma outra forma bastante aceita de interpretar a produção do pensamento oitocentista, foi vincular os atores sociais às idéias, tomando como parâmetro as classes. Nesta ótica, aponta a autora, trabalhos como o de Grahan (1973) tomariam o darwinismo social ou spencerianismo como expressão da burguesia urbana; o de Nachman (1972) associaria setores médio urbanos com o positivismo; ainda os de Bresciani (1976 e 1993) ligaria a nova burguesia cafeeira de São Paulo ao positivismo “ilustrado” e finalmente o de Hall (1976) identificaria a classe média com o novo liberalismo. Tais perspectivas, no entanto, estabelecem uma relação muito direta e pouco verificável entre classes e vertentes científicas sem, no entanto, voltarem-se para as tradições que movimentam as diferentes correntes.

O presente trabalho pretende, a partir de um fato histórico, ou seja, o prognóstico negativo quanto ao povo brasileiro mestiço, investigar a vida dos dois personagens, Agassiz e Gobineau, e suas respectivas vinculações científicas. Procuraremos no estudo seguir a linha cronológica de suas vidas, voltando nosso olhar tanto para a formação do pensamento de cada um dos autores em questão, ou seja, a que vertentes científicas características de suas épocas cada um dos teóricos estudados se reporta em seus estudos; bem como para fatos tidos como relevantes de suas respectivas vidas pessoais.

No primeiro capítulo, procuramos investigar a formação científica de Agassiz e Gobineau no continente Europeu, trazendo alguns fatos que mostram o quanto o tema da humanidade, entendida como única ou dividida por meio de raças, era algo que incitava o questionamento tanto nos meios científicos quanto nas populações das grandes cidades européias

em geral. Também neste capítulo procuramos mostrar que o Iluminismo não era a única voz presente, mas que setores tradicionais da sociedade reagiam à visão de uma humanidade única.

No segundo capítulo, procuramos concentrar nossa pesquisa na figura de Agassiz, sua carreira nos Estados Unidos, sua disputa com os evolucionistas e sua vinda ao Brasil na expedição Thayer no contexto desta disputa.

No capítulo terceiro, colocamos nosso foco em Gobineau, sua estada no Brasil, sua principal obra,- o *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* -, e sua volta à Europa.

Finalmente, na conclusão, discutimos o conceito de racismo e racialismo sob o prisma de idéias como eventos sociais. Debatesmos ainda a mestiçagem, como uma indesejável possibilidade de humanidade única, e a ambivalência do mestiço, de difícil classificação como fator gerador de caos para uma ciência moderna que tenciona organizar o mundo e controlar o fluxo da vida.

1. Gobineau e Agassiz, vida e formação na Europa

1.1. Sara Baartman - o europeu frente à alteridade

Em abril de 2002, a cidade de Hankey, localizada a pouco mais de 800 quilômetros da Cidade do Cabo na África do Sul, reuniu milhares de pessoas para uma cerimônia fúnebre, onde os restos mortais de Sara Baartman, depositados em um caixão branco enfeitado com tecidos africanos, seriam finalmente sepultados no provável lugar de seu nascimento há mais de dois séculos. No sepultamento, ervas foram queimadas e o caixão coberto com grinaldas de aloés numa cerimônia tradicional que buscava devolver a dignidade da mulher cujos restos mortais ali se encontravam. A cerimônia fúnebre somente aconteceu após vários anos de negociação que se iniciou em 1995 com uma requisição formal do então presidente da África do Sul, Nelson Mandela, a François Mitterrand, presidente francês, para que os restos mortais de Sara fossem repatriados. (Quereshi, 2004).

Partes do corpo preservadas em formol e seu esqueleto ficaram em exposição no *Musée de l'Homme* em Paris até meados dos anos 1970 quando foram transferidos para um depósito naquele próprio museu. Sara Baartman era então conhecida pelo codinome com o qual se exibira em vida nas cidades de Londres e Paris, *Vênus Hotentote*.

Com a promessa de que ganharia muito dinheiro, Sara fora atraída da região em que vivia para ser apresentada, a partir de 1810, em feiras e espetáculos onde era anunciada como grande fenômeno devido às suas formas exóticas, principalmente as proporções inusitadas de suas nádegas e os lábios vaginais estendidos que formavam uma espécie de cortina (embora essa segunda característica não fosse exibida nas apresentações).

Suas vestimentas propositadamente justas davam aos curiosos europeus a impressão de nudez. Em suas exposições, senhores de cartola e senhoras empoadas muitas vezes procuravam tocá-la com suas bengalas ou sombrinhas, o que por vezes parecia irritá-la, e quando isso acontecia o organizador da exposição em tom autoritário ordenava que a jovem se contivesse, como qualquer domador de circo faz com uma fera que exhibe as garras de forma hostil (Quereshi, 2004).

Para além do lado espetacular e trágico que foi a vida da sul-africana, a curiosidade acerca dos novos mundos e seus habitantes não era privilégio dos leigos. Coleções da flora, fauna e até mesmo de pessoas eram freqüentemente enviadas para os museus e estudiosos europeus. O sistema classificatório de Lineu demandava grandes coleções e bastante treinamento e conhecimento para classificá-las (Knight, 1981). No entanto, a curiosidade acerca do outro não significa querer compartilhar de seus sonhos, sentimentos, desejos e nem tão pouco torná-los parte dos nossos.

Baartman causou sensação também em Paris, onde começou a se exhibir em 1814 e, naquela cidade em especial, o interesse que despertou não se restringiu aos leigos, mas estende-se aos homens da ciência. Durante três dias posou nua para os professores do *Muséum d'Histoire Naturelle*, imagens que aparecem no primeiro volume de *histoire naturelle des mammifères* de Geoffroy Saint-Hilaire e Frédéric Cuvier, irmão de Georges Cuvier.

Após sua morte, em 1815, o próprio Georges Cuvier se encarregou de dissecar o cadáver, e em suas observações advindas do contato que teve com a jovem em vida e após o estudo do seu corpo morto, percebe-se certa tensão em classificá-la como em parte humana e em parte bestial, mesclam-se afirmações de que era vivaz e capaz de comunicar-se bem em holandês⁶,

⁶ Provavelmente, Sara Baartman fora criada em uma fazenda de holandeses na África do Sul, onde aprendera o idioma com seus antigos patrões.

um pouco de inglês e que havia aprendido algum francês no pouco tempo que ficara em Paris; por outro lado o seu esqueleto parecia com o de um macaco mais do que outros que havia examinado (Quereshi, 2004).

O cientista europeu vive no séc. XIX a curiosidade inerente ao seu tempo. Viver num momento de profundas transformações, da industrialização, do crescimento dos centros urbanos, de maior facilidade de comunicação entre o velho mundo e os novos continentes, de reestruturação política após mudanças drásticas de governos e, em meio a tudo, buscar uma maneira de entender e classificar os novos seres humanos com os quais passaram a ter contato nos últimos séculos.

Junto a isso, ou talvez em conseqüência disso, a história, na cultura européia, gozava de um status que nunca antes tivera. É a partir de sua perspectiva que muitos pensadores, intelectuais, artistas e cientistas passam a buscar o entendimento do mundo e do papel do homem.

“O pano de fundo de nosso modernismo foi um historicismo feroz, penetrante. Nunca na história da cultura européia Clio gozou de tanta importância – para não dizer de hegemonia – como em meados do séc. XIX. Se no século XVIII a filosofia fora a rainha do reino do intelecto, com a história limitada ao papel de sua modesta criada, ‘ensinando filosofia pelo exemplo’, no século XIX a história herdou o império da filosofia. Seu modo de pensar e sua perspectiva temporal penetraram na maioria dos campos do conhecimento, enquanto os modelos do passado inspiravam as artes. Até mesmo quando a ciência desenvolveu sua própria autonomia da filosofia natural, a história natural reivindicou grande parte de seu legado” (SCHORSKE, 2000, p. 15).⁷

⁷ Se a história no séc. XIX goza de tal status e tem grande penetração no aspecto social, isso não implica afirmar que o séc. XVIII teria sido “a-histórico”, conforme professa o Romantismo em oposição clara à filosofia iluminista ou ao espírito clássico (GAY, 1999; CASSIRER, 1999).

A história de Sara Baartman é bastante emblemática, pois nos mostra o quanto leigos e cientistas europeus no séc. XIX se mobilizavam diante da questão do “eu”, ou seja, da construção da identidade frente ao outro. Ao deparar-se com a mulher khoikhoi⁸, o público inglês ficava curioso a ponto de tentar tocá-la e, da mesma forma, Georges Cuvier, ao dissecar seu corpo, procurava encontrar pelo método científico da anatomia comparada aquilo que a aproximasse ou a afastasse do europeu. O grande naturalista procurava investigar se haveria algum ponto de interseção entre a história da mulher sul africana e a história do europeu.

Os dois homens objetos deste estudo não estariam alheios às questões que, segundo Leon Poliakov, seriam primordiais. “de onde venho?” e “que sou eu?” (POLIAKOV, 1974, p. XVII) questões estas que para o homem romântico constituem sua própria essência.

1.2. O Conde Gobineau

O Conde Joseph Arthur de Gobineau era um diplomata e típico literato com vários talentos. Seus escritos iam desde a antropologia social, até romances, novelas, poesias e já com idade avançada descobriu-se escultor, sendo algumas de suas obras feitas por encomenda do Imperador D. Pedro II⁹. A obra pela qual o Conde Gobineau seria mais conhecido não se trata, no entanto, de uma obra artística e sim do *Essai sur l'inégalité des races humaines*¹⁰, em que procura especular a razão para a ascensão e queda de todas as grandes civilizações, o que, como percebemos pelo próprio título, se daria devido à questão étnica.

⁸ Grupo pastoril da África do Sul que veio a ter contato com o europeu por volta do ano 1500, também conhecido pelo colonizador como hotentote, termo considerado ofensivo.

⁹ O IHGB abriga duas destas esculturas. O busto do Imperador D. Pedro II e Alexandre, e o Museu Imperial de Petrópolis, uma terceira obra a Mima.

¹⁰ Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas, que a partir deste ponto denominaremos por *Essai*

Gobineau nasceu em 14 de julho de 1816, filho do capitão Louis de Gobineau e de Anne Madeleine de Gercy. Em 1846, casou-se com Clémence Monnerot, com quem teve duas filhas Diane e Christine. Sua carreira diplomática começou a partir da nomeação por Aléxis de Tocqueville¹¹ em junho de 1849 para chefe do *Cabinet aux Affaires Étrangères*.

Após a saída repentina de Odilon Barrot da cadeira de primeiro ministro, Tocqueville perde seu posto, porém Gobineau já se encontrava com um pé na diplomacia e é designado para servir em Berna como secretário da embaixada (Degros, 1959), onde permanece até o fim de 1854. Além disso atua também como ministro interino em Hanover de julho a novembro de 1851; depois vai para Francfort ali ficando de 1854 – 1855; em seguida parte para Teerã em 1856, como primeiro secretário; atua como ministro em Atenas em 1864; posteriormente segue para o Rio de Janeiro onde fica de 1869 ao início de 1870 e finalmente serve em Estocolmo, seu último posto diplomático, de 1872 a 1877.

A história familiar do Conde e até mesmo a sua origem aristocrática da qual muito se orgulhava eram envoltas em mistério. Quando Gobineau tinha 14 anos, sua mãe partiu com os filhos¹² e um jovem *dandy*, Charles Sotin de La Coindière (que era preceptor de Gobineau) para a Suíça, onde o menino fez seus estudos clássicos, além de latim e grego no Colégio de Bienne com aulas dadas em alemão (Degros, 1959). Posteriormente toda a família mudou-se para a Alemanha.

Quanto à sua origem nobre, um de seus biógrafos garante que a partícula *de*, caracterizadora da nobreza aristocrática francesa não seria

¹¹ “Alexis Calis Clerel de Tocqueville nasceu em Paris em 29 de janeiro de 1805. Por parte do pai, pertencia à *petite noblesse* da Normandia, enquanto que, pelo lado materno, tinha ligações bem próximas com os Malesherbes [...] seus pais foram aprisionados e seu avô materno, o marquês de Rosambo, morreu na guilhotina em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade” (TOCQUEVILLE, 1997, p. 12).

¹² Gobineau e sua irmã Caroline, que posteriormente abraçou a vida religiosa tornando-se a abadessa Mère Bénédicte.

advinda da pia batismal¹³. Segundo Jean-François de Raymond, toda essa controvertida história pessoal teria constituído a base psicológica para que o Conde não somente escrevesse o *Essai*, mas também para que aos cinquenta e cinco anos forjasse para si uma genealogia mítica em que se ligava, por linhagem de sangue aristocrática e cavaleiresca, a Ottar-Jarl, um viking normando que descenderia por sua vez do deus Odin (Raymond, 1990 e Arendt, 1990).

Tocqueville conheceu o jovem Gobineau por intermédio de Maurice Lange no final de 1842 ou início de 1843. Gobineau tornara-se colaborador do jornal *Commerce* de propriedade de Tocqueville e foi convidado por este a elaborar um grande trabalho para *L'Académie des Sciences Morales et Politiques* sobre o estado das doutrinas morais no séc. XIX e sua aplicação à política e à administração.

A partir desse trabalho nasce a amizade e admiração entre os dois homens. Tocqueville encanta-se com a juventude e ousadia de Gobineau, apesar de tomar as suas idéias, desde aquela época, por excessivamente graves e radicais. O mais velho pensa que o cristianismo, - ao pregar a fraternidade entre os homens e o princípio da igualdade voltado para o mundo imaterial -, acaba tomando uma feição secular, ao tornar obrigação política e dever social a caridade que o mesmo cristianismo pregava como uma virtude privada. A transformação moral do séc. XIX seria portanto uma aplicação da moral cristã à vida secular e política¹⁴ (Gobineau. In: Degros 1959).

Gobineau, no entanto, pensa a partir de uma ruptura. Para ele a moral de seus dias mostrava-se superior à moral cristã. Esta última estaria preocupada com o homem como indivíduo, ao pensar suprir por meio da caridade as necessidades de um e de outro sem se preocupar com a

¹³ (RAEDERS, 1988, p. 9)

¹⁴ Carta de Tocqueville enviada a Gobineau em 5 de setembro de 1843.

humanidade como um todo. Além disso, um outro ponto em que o jovem Gobineau julgava ser a moral do seu tempo superior à moral cristã se prendia à questão do trabalho.

“Todos têm direito igual ao trabalho. Essa é uma máxima nova e bem diferente da de Cristo pregada por Moisés: ‘O homem é Condenado ao trabalho’. O que era uma pena se torna uma prerrogativa e uma prerrogativa em nome da qual todo membro do corpo social tem o direito de não sofrer de miséria e de privações. É aí que a moral ganha força e dignidade” (Gobineau. *In*: Degros 1959, p. 52 – 53).

Tocqueville que se auto-definia como um descrente que, no entanto, não conseguia conter a emoção profunda que lhe causava a leitura do evangelho¹⁵, pensava o cristianismo como fonte de toda a moral moderna. A moral cristã teria influenciado as leis, os costumes e, ao ser incorporada pelos filósofos iluministas ainda que de maneira laica, gerara a moral vigente no séc. XIX¹⁶.

Nesta fase, o pensamento de Gobineau estaria muito distante daquele que o norteava quando trabalhou na sua mais conhecida obra, o *Essai*. Gobineau em sua estadia na Alemanha interessou-se bastante pelas culturas orientais, chegando mesmo a dizer-se muçulmano. Daí sua aversão ao cristianismo, embora uma década depois retorne ao catolicismo.

Em 1853, Gobineau começa a conclusão da sua obra máxima, o *Essai*, e imediatamente envia ao amigo Tocqueville os seus dois primeiros volumes para que este emitisse seu parecer. Com essa obra Gobineau tinha a esperança de ser aceito como membro correspondente de *L’Académie des Sciences Morales et Politiques*, o que seria um grande impulso para a sua

¹⁵ Carta para Gobineau em 2 de outubro de 1843 (TOCQUEVILLE. *In*: Degros, 1959).

¹⁶ Tocqueville não percebe qualquer ruptura no processo e se observarmos a sua obra escrita após alguns anos, “O Antigo Regime e a Revolução”, notaremos que este raciocínio de continuidade, ao invés de ruptura, seria a linha condutora da sua obra.

carreira diplomática. Embora o trabalho feito anteriormente por Gobineau acerca da moral mostrasse o grau de discordância entre os dois intelectuais, Tocqueville reconhecia o brilhantismo e a erudição de seu jovem amigo. Assim, em sua carta de 11 de outubro de 1853, acusa o recebimento dos dois volumes e fala assinala o quanto está ansioso para lê-los, porém adverte que tem contra a idéia central da obra de Gobineau um grande preconceito (Tocqueville, 1853. *In*: Degros 1959).

Conquanto Tocqueville se mostrasse descontente com os rumos que a Revolução Francesa e seus desdobramentos haviam tomado, identificando a massificação e o individualismo como males da sociedade moderna, sua percepção das razões causadoras destes males seria fundamentalmente diferenciada daquela de Gobineau, conforme fica claro nas discussões subseqüentes acerca do *Essai*.

“Mas, é evidentemente o contrário. Que interesse pode haver em persuadir as pessoas que vivem na barbárie, na apatia ou na servidão, que assim se encontram por força da natureza da raça e que nada se pode fazer para melhorar suas condições, mudar seus costumes ou modificar seus governos? Não vê que vossa doutrina libera todo o mal da desigualdade permanente. O orgulho, a violência, o desprezo ao semelhante, a tirania e a abjeção em todas as suas formas?”¹⁷ (TOCQUEVILLE, *In*: DEGROS, 1959, p. 203).

Gobineau, apesar de estar ciente das diferenças fundamentais existentes entre o de seu pensamento e o de Tocqueville, tentava convencê-lo de suas teorias raciais, pois tendo a seu lado personalidade de tal quilate imaginava conseguir votos para a sua aceitação em *L'Académie*. No entanto, à medida que o autor de “Democracia na América” examina os

¹⁷ Carta de Tocqueville a Gobineau em 17 de novembro de 1853 (Tocqueville. *In*: Degros, 1959).

escritos de Gobineau, sua adesão às idéias ali contidas torna-se uma possibilidade completamente descartada.

Na carta seguinte, Tocqueville procura de forma categórica dissuadir o amigo de continuar a sua obra, devido ao perigo que esta representaria para a humanidade.

“Mas vós abraçastes precisamente a tese que me parece a mais perigosa que alguém possa sustentar nos nossos dias. Isto, independentemente do fato de tomar como falso que vossos princípios alcancem a extensão extrema que vós quereis, o que é suficiente para que não me converta nem de longe a eles”(Tocqueville. *In*: Degros 1959, p. 205).

Tocqueville continua sua argumentação afirmando que no século passado houve uma confiança exagerada, um tanto pueril na potência que o homem exerce sobre si mesmo e do povo sobre o seu destino. Este teria sido o erro do século, erro em nome do qual toda espécie de insensatez teria sido cometida e que gerara o “cansaço das revoluções” e o amortecimento das emoções que levava a geração de seu tempo ao extremo oposto, ou seja, após acreditar tudo poder transformar já não acredita poder se auto-reformar; após ostentar um orgulho excessivo, tomba numa humildade sem igual. Percebe em seus contemporâneos um mal que é o oposto daquele que atingira seus pais e, para Tocqueville, o livro de Gobineau favorecia pelo seu fatalismo esse mal, em vez de combatê-lo.

No *Essai*, Gobineau especula qual seria a causa da queda de todas as grandes civilizações. Ao examinar a história dos persas, romanos e de outras grandes civilizações, percebe que todas elas têm em comum o fato quando alcançam o apogeu, tendem a achar que ali se perpetuarão numa escala civilizatória sempre ascendente, porém depois de algum tempo começam a decair a despeito de suas instituições morais, políticas ou

religiosas. É como se cada civilização ao nascer já estivesse fadada a morrer um dia.

“...e nos vemos forçados a reconhecer que toda agrupação humana, ainda que protegida por complicações mais engenhosas dos laços sociais, contraem no mesmo dia em que se formam, no oculto dos elementos de sua vida, o princípio de uma morte inevitável” (GOBINEAU, 1937, p. 25).

Para Gobineau, essa “necessidade de fenecer” pesa imperiosamente sobre todas as sociedades, sem exceção, o que indica a existência de uma causa geral, ainda que latente. Seu esforço intelectual seria portanto detectar de forma científica a causa para a decadência inevitável das civilizações.

Sua análise conduz o leitor a uma série de especulações sobre exemplos na história de várias civilizações, iniciando-se pela própria França. Cogita o autor, que em seu país, a corrupção dos costumes morais poderia ter sido a causa da decadência, porém descarta tal hipótese mais tarde, observando que tal corrupção de costumes teria tido momentos de maior e de menor incidência, não podendo portanto ser tomada como causa fundamental.

Outra provável causa sugerida no *Essai* seria o abandono dos preceitos religiosos, posteriormente também é descartada, ao tomar como exemplo os persas, Tiro, Catargo e Judéia, bem como os astecas e os incas, todos bastante apegados a seus cultos nacionais quando vieram a desaparecer como nação. (GOBINEAU, 1937).

Uma outra hipótese levantada seria a de que os maus governos fossem responsáveis pela decadência das nações, porém novamente o autor descarta a possibilidade, alegando que muitos povos emergem mais coesos e fortes após um período de tirania.

Gobineau propõe ainda que uma civilização envelhecida seria inevitavelmente traspassada por uma mais jovem, tal qual a Caldeia envelhecida pela vigorosa Pérsia; ou a Grécia decrépita pela Roma viril ou ainda a bastarda dominação de Augusto pelo Reino dos Nobres e Príncipes Teotônicos. Tal pensamento se aproximaria das idéias presentes em Herder¹⁸. Contudo, este tipo de especulação também é tida como infrutífera dessa forma o Conde conduz, por eliminação, o leitor àquilo que apresenta como argumento irrefutável, fruto de cuidadosa reflexão científica.

“Então foi quando de induções em induções tive de me deixar convencer da evidência: que a questão étnica domina todos os demais problemas da história, constitui sua chave, e a desigualdade das raças cujo concurso forma uma nação, para explicar todo o encadeamento dos destinos dos povos” (GOBINEAU, 1937, p. 15).

Segundo o autor, o que levaria as grandes civilizações, após se encontrarem no apogeu, a conhecerem a decadência e o desaparecimento seria a degeneração dos elementos que compõem tal sociedade. Esse seria o ponto chave que explicaria a história de todos os povos. A degeneração seria definida nos seguintes parâmetros.

“Penso, pois, que a palavra degenerado, ao aplicar-se a um povo, deve significar e significa que este povo já não possui o valor que antigamente possuía, porque não circula em suas veias o mesmo sangue, gradualmente depauperado com as sucessivas misturas. Dito de outra forma, que com o mesmo nome não conservam a mesma raça que seus fundadores; enfim, que o homem da descendência, o qual chamamos degenerado, é um

¹⁸ Herder imaginou um modelo de desenvolvimento da humanidade, em que sociedades representavam diferentes estágios de desenvolvimento analogamente às idades dos homens. O oriental, ligado à vida pastoril, seria a infância; o Egito agrícola e os fenícios mercantis seriam juvenis; os gregos, com suas belas artes, a juventude ou os Romanos, a idade viril. Porém, diferentemente de Gobineau, Herder pensaria cada época como tendo o seu “centro de felicidade”, tal qual uma esfera tem um centro gravitacional. (Herder, s/d.).

produto diferente do ponto de vista étnico dos heróis das grandes épocas” (GOBINEAU, 1937. p. 39).

A civilização, antes vigorosa, seria portanto enfraquecida pela mistura com outras raças, mas essa mistura é ao mesmo tempo inevitável, pois à medida que uma civilização originalmente pura em termos raciais cresce e se fortalece tende a conquistar outros povos. Assim, conquistadores e conquistados acabam por sofrer um processo de miscigenação, gerando uma nova prole que não guarda as mesmas qualidades dos povos originais.(GAHYVA, 2006, b).

Utilizando o exemplo francês, Gobineau observa que os galo-romanos dos séculos V e VI, que foram conquistados pelos Francos, eram até mesmo mais heróicos que seus conquistadores sob o ponto de vista da moral, da bravura e do gênio militar. Porém, nos tempos que se seguiram, quando ambas as raças começaram a se mesclar tudo piorou. (Gobineau, 1937).

A interpretação da história francesa, a partir do embate entre francos e galo-romanos, não era uma invenção de Gobineau. A visão do embate entre os dois grupos antecede a formação do conceito de raça biológica.

“<<*Qui estoit franc, est devenu esclave*>>, assim a Bíblia traduzia em língua vulgar o versículo 1, 2 dos Macabeus. Esta antonímia pode ser expressa também de outra forma: o franco, homem germânico, homem livre, opõe-se tanto ao servo (= servus) como ao escravo (= eslavo); assim, as palavras-chave da história política francesa parecem sugerir disfarçadamente a superioridade germânica tanto sobre os latinos como sobre os eslavos. Superiores ao mesmo tempo de “raça” e de “classe”; com efeito, as hierarquizações sociais e as chamadas hierarquizações raciais, tão contrastantes para o entendimento contemporâneo, confundiam-se facilmente na origem, para opor os povos conquistadores aos povos conquistados” (POLIAKOV, 1974. pp.9 -10).

Percebemos na história de formação da França, bem como de diversas outras nações, a construção da identidade de um grupo em contraste com a do outro. No caso francês, seriam francos frente a galo-romanos, propondo a superioridade germânica tanto sobre latinos quanto sobre eslavos.

Os francos, segundo a crença popular, como povo dominador teria originado a nobreza francesa, o que fazia com que o povo em geral aspirasse esse prestígio. Um indício desta tendência seria o desaparecimento, desde o séc.VII, dos antigos nomes latinos, que foram paulatinamente sendo substituídos por nomes de origem germânica (Poliakov, 1974).

Conquanto a fusão cultural e biológica entre francos e galo-romanos estivesse concluída desde o primeiro milênio, a importância do mito faz-se presente como naturalização da preeminência de uma “classe” sobre as outras¹⁹.

O mito de superioridade dos francos não é, no entanto, unanimidade absoluta entre os franceses. Ao longo dos séculos houve quem negasse tal supremacia, ou mesmo quem se levantasse a favor dos gauleses e Romanos.

O próprio Montesquieu que por diversas vezes se refere aos antigos povos germânicos como “nossos pais” é criticado asperamente por Voltaire “Mas quem eram esses francos que Montesquieu chama de nossos pais?”

¹⁹ O mito em questão sofreu modificações e releituras ao longo da história da França. A superioridade franca ligava aquela parcela da população ao patriarca bíblico Adão e tinha várias versões. Numa delas, os francos seriam descendentes de Kitim, neto de Jafé, filho de Noé, que após o dilúvio teria abençoado especialmente a linhagem daquele filho; já em fins da Idade Média, prevalecia a idéia de que os francos eram descendentes de Gomer, primogênito de Jafé. No período da Reforma, no entanto, com o examinar incansável dos textos bíblicos, tais versões começaram a ser questionadas.

Eram, como outros bárbaros do Norte, animais ferozes, que procuravam pasto, uma morada e algumas roupas contra a neve...”²⁰

É no período da Restauração, porém que o pensamento revolucionário procura banir sistematicamente o mito dos francos germânicos em favor do mito gaulês. Os historiadores pós-revolucionários franceses, como Thierry, Guizot, Michelet esforçam-se por construir uma nova identidade para a França, uma vez que o mito da origem franco-germânica parece ruir com o Antigo Regime, e a extrema violência que eclode logo após a Revolução é profundamente desestabilizadora. A interpretação de Guizot²¹ sobre o que teria sido a Revolução ilustra esta visão de embate entre povos diferentes no interior da França.

“A Revolução foi uma guerra, a verdadeira guerra, tal como o mundo a conhece entre povos estrangeiros. Há mais de treze séculos, a França compreendia dois deles, um povo vencedor e um outro vencido(...). Francos e gauleses, senhores e camponeses, nobres e plebeus, todos, muito antes da Revolução, chamavam-se igualmente franceses, tinham igualmente a França por pátria. Mas o tempo, que fecunda todas as coisas, não destrói nada daquilo que existe... A luta continuou em todas as formas, com todas as armas; e quando em 1789 os deputados da França inteira foram reunidos numa só assembléia, os dois povos apressaram-se em retomar a velha querela. O dia da decisão chegara, enfim...”²²

²⁰ Verbete “Franc ou franq; France, François, Français” do Dictionnaire philosophique. Apud POLIAKOV, 1974, p.17.

²¹ François Guizot foi historiador e político francês. Posicionou-se contra a política de Charles X e fez-se advogado de Louis-Philippe, que na *Revolução de Julho* chegou ao trono, designando Guizot como Ministro do Interior e posteriormente, Ministro da Instrução Pública.

²² Du gouvernement de la France depuis la Restauration et du ministère actuel, por F. Guizot, 2. ed. Paris, 1820, pp1-2. Apud POLIAKOV, 1974, pp. 23

Como pensar a França nesse momento em que os antigos signos de identidade são execrados é um sério problema do qual depende a construção de uma identidade nacional.

O mito franco para Gobineau não era algo ultrapassado. Assim, para defender sua posição vai evocar a fisiologia como fator explicativo da história francesa. Não foi, no entanto, o primeiro a lançar mão de tal ferramenta. Desde o séc. XVIII a fisiologia vinha se desenvolvendo bastante no continente europeu, mas, especialmente a partir de 1800 a “tentação” de utilizar esse novo conhecimento como base explicativa da história parece tornar-se particularmente forte. De acordo com o Conde de Saint-Simon²³, a renovação metodológica da fisiologia com vista nos trabalhos de Lavoisier, Bichat e Magendie traria clareza para reformas políticas e sociais e aceleraria o progresso da civilização (Blanckaert, 1988).

Um personagem que se destacou nesse contexto foi William Frederic Edwards, nascido na Jamaica por volta de 1776 quando esta era colônia inglesa. Edwards era o primogênito dos vinte e nove filhos de um rico proprietário de terras. Posteriormente mudou-se para a França onde estudou medicina e naturalizou-se francês em 1828.

Segundo seu discípulo Paul Broca, Edwards fora “o primeiro autor que claramente concebeu e formulou uma completa idéia de raça”. Já Armand Quatrefages pensava em Edwards como aquele que vislumbrou a possibilidade de aplicar a tese antropológica e fisiológica à noção de história e reclamava para o corpo profissional do *Muséum d’Histoire Naturelle de Paris*, do qual era professor de antropologia desde 1856, a preeminência na elaboração de um pensamento puramente racial (BLANCKAERT 1988, p. 19).

²³ Claude-Henry de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (1760 -1825), economista e filósofo.

Edwards foi médico assistente do famoso fisiologista François Magendie e desenvolveu diversos estudos sobre a influência de fatores físicos como ar, temperatura ou estações do ano sobre as funções orgânicas, além de escritos que iam de infusões, nutrição, contração muscular à lingüística e fisiologia racial em relação à história das nações. Em 1832, foi eleito membro da *Academie des Sciences Morales et Politiques* e, dois anos depois, seu tratado sobre o caráter dos dialetos celtas na França e Inglaterra foi merecedor de prêmio na *Academie des Inscriptions et Belles Lettres*. Além disso, produziu vários trabalhos originais sobre as antigas línguas Gálicas. Teve, entretanto, a carreira foi interrompida por sua morte no ano de 1842.

Gobineau, apenas uma década após a morte de Edward, tentou construir uma trajetória muito semelhante àquela trilhada pelo autor. Buscou tenazmente ser aceito na *Academie des Sciences Morales et Politiques*; elaborou uma obra que interpretasse a história a partir da questão racial e, se Edwards estudou as antigas línguas gálicas, Gobineau dedicou-se ao estudo das escritas cuneiformes em seus tempos de ministro na Pérsia.

Curiosamente, apesar de tantas coincidências, Gobineau não faz qualquer referência a Edwards em sua obra. Na verdade, o Conde procura construir para si uma imagem de pensador original, como uma espécie de *marketing* pessoal que muitas vezes penetra às raias da arrogância. Grande parte de suas citações no *Essai*, ao fazer referência a outros autores, são realizadas de modo a criticar os escritos destes, ou a acusá-los de usurparem-lhe as idéias sem dar-lhe o devido crédito. É o que acontece no prefácio da segunda edição do *Essai*, em que afirma:

“Darwin e Buckle criaram assim as derivações principais do rio que abri. Muitos outros dão simplesmente como suas certas verdades copiadas de

meu livro mesclando-as mais ou menos habilmente com idéias hoje em voga.” (GOBINEAU, 1937, p. 19).

Tal qual Tocqueville, Gobineau se ressentia da ruptura brutal que a revolução operara na França e ambos vêem como resultado de tal ruptura um individualismo crescente. O advento da revolução burguesa que tentara colocar abaixo toda a sociedade aristocrática, a fim de construir algo inteiramente novo, acabou por gerar uma sensação de insegurança generalizada.

Tocqueville, no entanto, percebia as causas da revolução como uma crise de identidade social que gerou por seu turno uma anomia da sociedade de cortes. Isso criou um ambiente propício à revolução, conduzindo a França a uma democracia para a qual não tinha instituições ou tradição como os ingleses que possuíam “uma longa experiência de cooperação em assuntos de interesse público”. Assim, a democracia inglesa seria a democracia da liberdade, enquanto a francesa a da igualdade (Tocqueville, 1997).

“Não há mais hierarquia na sociedade, nem classes determinadas, nem posições fixas: há um povo composto de indivíduos quase semelhantes e inteiramente iguais, uma massa confusa reconhecida como o único soberano legítimo, mas cuidadosamente provada de todas as faculdades que poderiam permitir-lhe dirigir até controlar seu governo” (TOCQUEVILLE, 1997, p. 157).

Os estudos de Tocqueville não se pretendem valer do caso francês para encontrar uma chave única para os problemas da humanidade, mas procura analisar tal caso de forma diferenciada do modelo inglês ou

americano. Gobineau no entanto busca uma chave histórica que explique o caso francês e o de todas as grandes civilizações que experimentaram o apogeu e a queda, e acredita que tal chave seria a questão racial.

1.3. Louis Agassiz

Jean Louis Rodolphe Agassiz nasceu em 28 de maio de 1807 na Suíça. Seu pai, um pastor protestante, e sua mãe viviam com a família às margens do lago Morat. A relação com os familiares foi bastante cordial e amorosa conforme se pode perceber nas correspondências trocadas, especialmente com sua mãe que morreu em 1867, apenas seis anos antes da morte do filho.

Aos 17 anos de idade, Agassiz deixa a sua cidade e vai para Zurich onde inicia seus estudos em medicina, ficando apenas pouquíssimo tempo naquela universidade. Logo, porém, se transfere para Heidelberg, onde continuaria os seus estudos. Em Heidelberg, contudo, a opção pela medicina começa a perder espaço para a história natural. Também não seria Heidelberg o destino final do jovem acadêmico. Incentivado por um amigo estudante de botânica, Alexander Braun, o jovem transfere-se para Munich, onde pode dedicar mais tempo de seus estudos à história natural.

Na mudança, a família fica bastante apreensiva sobre o futuro do rapaz, pois é evidente o desinteresse de Agassiz pela medicina e o seu desejo de aprofundar seus estudos na história natural, o que no caso de uma família de poucas posses como a sua seria apostar todas as cartas em um futuro incerto.

Em Munich, Agassiz passa a ter contato com von Martius²⁴ no curso de botânica, onde este ensinava aos alunos técnicas de observações em viagens (AGASSIZ, E., 1887). Além das aulas, Agassiz desenvolve uma relação de amizade com Martius e chega a dizer que o que lhe dá mais prazer em Munich é o contato com o botânico todas as quartas-feiras, quando este fala de sua viagem ao Brasil e mostra as magníficas coleções que ali fizera.

“É, sobretudo, nas visitas ao Sr. Martius que eu vou com maior prazer, pois ele nos fala sempre de sua viagem ao Brasil, de onde retornou após alguns anos com magníficas coleções que nos mostra cada vez que vamos vê-lo.” (AGASSIZ, E., 1887, p.43).

Diante da clara escolha de Agassiz pela história natural, seu pai intervém na correspondência entre o filho e a mãe em que o assunto vinha sendo discutido e aconselha ao filho que a história natural seja seu “balão” com o qual possa viajar o mundo, mas que a medicina não deveria ser abandonada de forma alguma, pois esta seria seu “pára-quadras”²⁵.

Apesar da intervenção paterna e da afirmação de Agassiz de que não abandonaria a medicina, pouco tempo após a sua chegada a Munich decide dedicar-se inteiramente ao estudo da História Natural por um ano. Tanto interesse desperta a atenção do professor von Martius que, após a morte de von Spix, procurava alguém que concluísse o trabalho de seu colaborador acerca da ictiologia²⁶ do Brasil. Agassiz é convidado por von Martius para assumir a tarefa e pretende realizá-la em segredo para surpreender os seus familiares, porém numa reunião pública em sua cidade o pai é

²⁴Carl Friedrich Philippe von Martius (1794 – 1868), médico, antropólogo e botânico, estivera no Brasil em 1817 com Johan Baptist von Spix em expedição científica que acompanhava a grã-duquesa austríaca Leopoldina que vinha consumir seu casamento com o príncipe D. Pedro, filho do Rei de Portugal.

²⁵ Carta de M. Agassiz ao filho em 25 de outubro de 1828. In: Agassiz, E., 1887.

²⁶A ictiologia trata do estudo dos peixes

efusivamente cumprimentado pelo honroso trabalho para o qual seu filho fora designado. Surpreso, aquele nada mais tem a fazer senão aceitar a decisão do filho. Com seu segredo descoberto, Agassiz escreve ao pai procurando convencê-lo de que poderia ganhar a vida com a história natural, mas que ainda assim acataria seu conselho de concluir o curso de medicina.

“Não é por ostentação que te reporto, mas somente para que não acredite que perco meu tempo ao ocupar-me essencialmente das ciências naturais e espero ainda te provar que com um breve de doutor de pára-quedas se pode fazer da história natural ganha pão e ao mesmo tempo nossas delícias” (AGASSIZ, E., 1887, p.62).

Em 1829 o trabalho sobre os peixes brasileiros recolhidos por Martius e Spix em sua memorável viagem é concluído e dedicado a Cuvier. Enquanto estudava medicina em Heidelberg, Agassiz focara seus estudos em anatomia, fisiologia e zoologia e é nessa época que vem a ter maior contato com a obra do naturalista, tendo ficado verdadeiramente impressionado com a obra *recherche sur les fossiles*²⁷, em que o estudo da zoologia se conecta ao da geologia, numa interpretação bastante inteligente capaz de resolver o problema das descobertas de fósseis de animais totalmente desconhecidos.

“Ainda que conhecesse a fundo o ‘*regne animal*’²⁸ de Cuvier eu não tinha tido ainda a oportunidade de examinar seu ‘*recherche sur les fossiles*’, e esse gênero de estudo me parece ser tão somente uma extensão do domínio da zoologia. Eu não tinha nenhuma idéia de sua ligação íntima entre a geologia e

²⁷ *Recherches sur les ossements fossiles des quadrupèdes, où l'on rétablit les caractères de plusieurs espèces d'animaux que les révolutions du globe paroissent avoir détruites* (4 volumes, 1812).

²⁸ *Le Règne animal distribué d'après son organisation, pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée* (4 volumes, 1817) .

o problema da aparição sucessiva de animais sobre a terra; não havia jamais sonhado com uma interpretação tão vasta e tão filosófica da natureza...” (AGASSIZ, E., 1887, p. 112).

A admiração que rendia a Cuvier não pode ser vista como uma impressão isolada do jovem estudante. O naturalista chegou a ser referido usualmente como o “Aristóteles da biologia” por seus contemporâneos. A moderna paleontologia e a anatomia comparada foram praticamente fundadas pelo gigante naturalista. Charles Lyell, o grande geólogo inglês, também rendeu-se ao seu prodigioso talento.

“Entrei ontem no *sanctum sanctorum* de Cuvier e é verdadeiramente característico do homem. Por toda parte exhibe a extraordinária capacidade de metodização, que é o grande segredo dos feitos prodigiosos que ele realiza anualmente, sem aparentar qualquer dificuldade (...) Em primeiro lugar, há o museu de história natural, defronte à sua casa e admiravelmente arrumado por ele mesmo, e depois o museu de anatomia, interligado com sua habitação. E nesta há uma biblioteca disposta numa seqüência de salas, cada uma contendo obras sobre um só assunto. Há uma onde estão todas as obras sobre ornitologia! Etc., etc. A sala de trabalho não tem estantes. É uma sala alongada, confortavelmente mobiliada e iluminada por cima, com onze mesas para se trabalhar de pé e duas mesas baixas, como numa repartição pública e com capacidade para muitos funcionários. Mas tudo é para um só homem, que se desdobra como autor, e não permitindo a entrada de qualquer pessoa nessa sala, move-se segundo julga necessário ou segundo a fantasia o impele, de uma ocupação para outra. Cada mesa é suprida de um jogo completo de tinteiro, penas, etc. Há uma sineta em cada mesa. As mesas baixas são para ele sentar, quando está cansado. Os colaboradores não são muitos, mas sempre bem escolhidos. Eles o poupam de todo trabalho mecânico, buscando referências, etc., raramente são admitidos à sala de trabalho e não falam.” (LYELL apud GOULD. 1992. p. 94).

A referência é longa, mas sua reprodução é bastante elucidativa do grau de admiração que Cuvier gozava junto a seus contemporâneos, a ponto de Lyell referir-se a seu ambiente de estudo como o *sanctum sanctorum*.

A interpretação do paleontólogo e cientista da anatomia comparada sobre as descobertas fósseis encontradas nas diferentes seqüências de estratos geológicos, resolvia um problema da ciência de seu tempo. Na medida em que novos fósseis eram descobertos, como o de mamutes congelados na Sibéria ou o de répteis jurássicos de Caen, norte da França, em 1820, questões se faziam acerca destes surpreendentes animais. Teriam eles se transformado por meio da ação de um meio ambiente extremamente poderoso, como pensava Étienne Geoffroy Saint-Hilaire²⁹? Teriam eles sido extintos? (MAYR. 1998).

Cuvier observara que os animais mumificados nas tumbas egípcias eram fisiologicamente idênticos aos de seu tempo, o que era usado como argumento para a fixidez das espécies frente às mudanças geográficas. Mesmo se comparassem animais atuais de *habitats* mais pobres ou mais ricos, ou de climas quentes ou frios, as modificações percebidas seriam sempre de características não essenciais.

Para Cuvier, as gritantes diferenças percebidas entre os fósseis encontrados em diferentes estratos e os animais atuais somente poderiam ser explicadas por catástrofes subseqüentes que destruíssem de forma devastadora aquelas espécies e então uma nova criação reiniciaria o

²⁹ Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772 – 1844), ao estudar certos répteis jurássicos de Caen, ao norte da França, em final dos anos de 1820, percebeu que não eram formas típicas do Plesiosaurus do Mesozóico, como ele esperava, mas sim parentes muito próximos dos crocodilianos atuais. Tal constatação sugeriu-lhe a possibilidade de tais seres primitivos terem sofrido uma transformação por meio da ação de um “ambiente extremamente poderoso na modificação dos corpos organizados”, o que viria a gerar os crocodilos atuais. (MAYR. 1988. p.405).

processo de povoamento da área destruída com espécies que não teriam qualquer elo com as anteriores.

Estariam definidos então três princípios básicos para a interpretação da vida elaborada por Cuvier: a fixidez das espécies, o catastrofismo e o criacionismo.

A idéia dos fósseis como um indício histórico das modificações ocorridas no planeta é tão trivial em nossos dias, que não temos dimensão do quanto tais descobertas eram desconcertantes nos séculos XVIII e XIX. Ainda que o sistema artificial de classificação elaborado por Lineu tivesse sido amplamente difundido pela facilidade de ser aplicado a novas espécies não conhecidas³⁰, muitos contemporâneos de Lineu e também de Cuvier pensavam a natureza a partir da “grande cadeia do ser”, em que o universo era organizado de forma linear e verticalizada tendo na base os minerais ou cristais, passando pelas plantas, animais, homens e acima destes os anjos. Num tipo de organização hierárquica que remete aos estamentos sociais do antigo regime. Essa estrutura refletia a idéia de um Deus criador perfeito que destinara cada coisa no universo a um determinado lugar (KNIGHT, 1981. p. 83-84).

A “grande cadeia do ser” apresentava, no entanto, problemas frente às novas descobertas. Nem sempre era fácil designar em que posição na cadeia tais novas descobertas deveriam se encaixar. Um exemplo claro disso, foi o impasse ocorrido com os corais de Ellis que por hora pareciam se encaixarem melhor junto às plantas e por outra junto a minerais. Um segundo caso deu-se com os orangotangos, quando se discutia a possibilidade de criar-lhes um lugar entre homens e macacos. Ou seja, elementos que se encontravam num espaço classificatório intermediário criavam desconforto por parecerem subverter a ordem. Lineu procurou

³⁰ Como foi o caso da inúmeras espécies de plantas trazidas da Austrália por Daniel Solander, discípulo de Lineu e Joseph Banks, em que a taxonomia criada por Lineu foi bastante eficaz para classificar um grande número de espécies completamente desconhecidas da *Royal Society*. (KNIGHT, 1981. p.78)

resolver tais dificuldades criando um sistema classificatório que absorvesse os novos elementos com menor esforço.

Outra questão ainda mais desconcertante consistia em como interpretar as descobertas fósseis frente à concepção do mundo criado por um Deus perfeito e, portanto, um mundo perfeito conforme afirmam as escrituras sagradas. Mamutes, preguiças gigantes ou tigres dente-de-sabre não poderiam ter desaparecido da terra, pois esta se tornaria menos perfeita sem a criação original; tampouco poderiam ter passado por um processo “evolutivo”, dado que o que é perfeito não estaria sujeito a evoluir.

A síntese de Cuvier para seu tempo é verdadeiramente brilhante, pois não rompe com a imagem do Deus criador nem com a fixidez da criação, ao criar ciclos fechados que se iniciam com a criação e terminam com uma grande catástrofe destruidora que por sua vez inicia um novo ciclo criador.

Em 1830, Agassiz termina os seus estudos de História Natural e, para bem agradar seus pais, aqueles de medicina. Após deixar Munich, volta para a casa paterna, mas por muito pouco tempo. Em setembro de 1831, parte para Paris, onde começa a trabalhar como clínico no *Hôpital Pitié-Salpêtrière*. Contudo, certamente não era um posto de médico que levava o obstinado jovem à “Cidade Luz”, muito pelo contrário, a ocupação na clínica era vista por ele como um aborrecimento e perda de tempo. Especialmente porque conseguira penetrar no *sanctum sanctorum* de Cuvier e era ali que pretendia verdadeiramente passar o seu tempo.

“...Tudo que pensava encontrar ao vir para cá se realizou, sobretudo acerca das pesquisas científicas e ainda além de minhas expectativas. Por todos recebi uma acolhida obsequiosa, amável e atenciosa de toda espécie. O Sr. Cuvier e o Sr. Humboldt me tratam em todas as circunstâncias como seu igual e me procuram meios para que tire proveito das coleções científicas de maneira que eu possa trabalhar como na minha própria casa. No entanto, não é a mesma

coisa; tudo isso se faz sem cordialidade, com essa fria educação que congela em lugar de deixar à vontade, e francamente falando, eu gostaria de partir, mas me encontro retido pelas riquezas materiais que posso utilizar para minha instrução”. (AGASSIZ, E. 1887. p. 122).

Não obstante o jovem se ressentir da frieza polida da educação parisiense, Agassiz bem sabia que o seu objetivo fora alcançado: compartilhar com Cuvier de seu local de trabalho, - conquista da qual poucos poderiam se vangloriar - onde aprendeu o máximo que pôde. A relação com Cuvier foi tão frutífera que em pouco tempo o jovem não somente conseguira penetrar no seu “sagrado” laboratório, como o mestre cedera ali um local para que Agassiz desenvolvesse seu trabalho com ictiologia. A relação continuou até a morte de Cuvier, o que não tardou muito.

Sob o olhar atento do mestre Cuvier, Agassiz desenvolvia seu trabalho, *Recherches sur les poissons fossiles*. A dedicação do jovem, a despeito das dificuldades financeiras por ele enfrentadas, parece ter cativado o velho naturalista a ponto de, pouco tempo antes de sua morte, Cuvier ceder a Agassiz as suas anotações, um verdadeiro tesouro com as quais o jovem pôde enriquecer bastante o seu trabalho.

Um outro contato importante para Agassiz em Paris foi o naturalista e explorador alemão Alexander Von Humboldt³¹. Humboldt se interessou pelo trabalho de Agassiz de quem se tornou amigo pessoal, a ponto de quando a situação financeira do jovem cientista se encontrava em estado lastimável, Humboldt voluntariamente enviar a quantia de mil francos para auxiliá-lo. Na carta de agradecimento pela gentil oferta, Agassiz se refere a Humboldt como *mon bienfaiteur et mon ami*³². Humboldt, além disso, empenha-se por meio de correspondência em indicar Agassiz para uma

³¹ Alexander Von Humboldt era irmão do ministro prussiano e lingüista Wilhelm von Humboldt. Alexander tornou-se muito conhecido por sua viagem exploratória com Louis-Antoine Bougainville à América Central e do Sul de 1799 a 1804.

³² Meu benfeitor e meu amigo.

vaga de professor de história natural na Universidade de Neuchatel, o que acaba dando resultado e Agassiz é ali contratado.

Humboldt foi uma das figuras centrais das ciências no séc. XIX. Seu trabalho sobre a distribuição de organismos no globo, especialmente as plantas, trouxe uma nova perspectiva à forma de classificar dos historiadores naturais. Estes tendiam a concentrar-se num tipo específico de planta ou animal não descrito, enquanto Humboldt procurava ver tal espécie como parte da paisagem local. A distribuição geográfica no que ele denominava “províncias geológicas” era fundamental (KNIGHT. 1981, p. 116- 117).

Segundo Lorelai Kury, a abordagem humboldtiana da natureza procura fazer com que o viajante meça de maneira sistemática e precisa os fatores físicos que intervêm em cada lugar, tais como: temperatura, altitude, pressão, umidade. Ademais investiga os hábitos das principais espécies vegetais que compõem a paisagem estudada. Esse tipo de percepção da natureza procura transportar em coleções, não somente amostras das espécies, mas, na medida do possível, as próprias sensações do viajante no local estudado. Sendo assim, a descrição detalhada, a localização, as pinturas que retratem a paisagem local são de suma importância. Nesse sentido, o estilo pitoresco das representações iconográficas dos locais visitados, os seus costumes e as suas espécies assumem uma função científica. (Kury, 2001b, p. 879).

Agassiz lança mão da perspectiva Humboldtiana e amplia a perspectiva das “províncias geológicas” também para a classificação dos animais nas chamadas “províncias zoológicas”. Nesta classificação, pressupõe-se que o criador determinou cada animal para habitar certa província no globo e que esse, via de regra, não migra para outras.

“A geografia das plantas teve um grande avanço frente à dos animais, e depois do imortal trabalho do Sr. Alex de Humboldt a repartição dos vegetais sobre a superfície do globo se tornou uma ciência tão exata quanto pode ser as ciências de observação” (AGASSIZ.1887. p. 4).

Embora Agassiz use a base do raciocínio de Alexandre Von Humboldt no que diz respeito às “províncias geológicas” como modelo para explicar também a distribuição dos animais, a facilidade de locomoção destes faz com que o clima não seja visto como fator tão determinante como no caso das plantas. O clima, portanto, seria parte de um conjunto de fatores determinantes para a fixação das espécies animais em determinadas áreas.

O entendimento de quais espécies foram criadas para as chamadas “províncias zoológicas” constituem ponto chave da sua forma de classificação.

“Ao estudar a distribuição geográfica dos animais e das plantas, Agassiz desenvolveu uma teoria sobre ‘centros de criação’ . Ele acreditava que as espécies foram criadas em seus devidos lugares e, via de regra, não migram destes centros. Outros historiógrafos defendiam a tese da criação em um único local, à qual se seguiu uma migração extensiva.” (GOULD.2003. p. 31).

Ao desenvolver o seu trabalho *Recherches sur les poissons fossiles*, Agassiz reelaborou o modelo classificatório dos peixes. Agassiz era um separacionista convicto. Enquanto taxonomistas “aglutinadores” tendem a agrupar seres que apresentam pequenas diferenças como sendo de uma única espécie, Agassiz fazia parte daqueles que se concentravam nas mínimas diferenças para classificar espécies distintas. Segundo Gould, Agassiz chegou a distinguir três diferentes espécies de peixes fósseis a

partir de variações na dentição, o que posteriormente um paleontólogo reconheceria como dentição variável de um mesmo indivíduo (Gould, 2003).

A reputação de Agassiz como homem das ciências foi crescendo cada vez mais na Europa. Em 1834, recebeu uma carta de Charles Lyell informando-o que a Sociedade Geológica de Londres o havia escolhido naquele ano para receber o prêmio de mil libras esterlinas como forma de encorajar suas pesquisas no campo da geologia. Agassiz viajou então pela primeira vez à Inglaterra para receber o dito prêmio e lá foi muito bem recebido pelo eminente geólogo e paleontólogo William Buckland, o qual hospedou Agassiz em sua própria casa e o acompanhou numa visita detalhada ao Museu de Oxford (AGASSIZ, E., 1887).

Embora o sucesso com seu trabalho sobre os peixes fósseis fosse muito bem reconhecido pelos cientistas europeus, a partir de 1836, Agassiz a partir de 1836 começa a se interessar por um novo campo de estudo que se tornará muito importante em sua trajetória: o estudo dos glaciais. Ele foi o primeiro cientista a propor que a Terra teria passado por uma era glacial e que, segundo seu parecer, tal fenômeno não teria ocorrido num passado muito distante. Essa suposição, caso confirmada pelas evidências geológicas, seria um grande argumento comprovador do catastrofismo de Cuvier, o qual Agassiz abraçara como verdade insofismável.

A partir de 1837, Agassiz começa a chamar a atenção de seus pares para o fenômeno glacial. Apresenta como indício de sua hipótese a presença de blocos erráticos³³ dos Alpes Suíços em locais bastante distantes de seu lugar de origem, o que denotaria uma abrangência muito maior da área gelada conhecida na atualidade, implicando que toda a Suíça em tempos passados teria tido um clima gelado semelhante ao da Groelândia.

³³ Grandes blocos de rocha transportados pelos glaciais para regiões bastante distantes de seu local de origem.

Mesmo seu amigo e protetor Alexander von Humboldt procura desencorajar Agassiz de suas pesquisas sobre os glaciais e da hipótese acerca da extensão destes sobre a Terra.

“... (vós gostaríeis que eu vos dissesse francamente?) não reparta vossa inteligência por excesso de coisas ao mesmo tempo. Penso que vós renderíeis mais serviço à geologia positiva que por considerações gerais, (um pouco glaciais), sobre as revoluções do mundo primitivo, considerações, que vós bem sabeis, não deixam convicções senão nas crianças” (AGASSIZ, E., 1887, p. 201).

Conseguir, no entanto, provar que o planeta passou por oscilações de temperatura em diferentes épocas com variações cíclicas e radicais era muito importante como evidência de que o catastrofismo proposto por Cuvier seria verdadeiro e que, ao fim de cada época geológica, haveria desaparecimento dos seres característicos daquele período e o aparecimento de nova criação ao se iniciar a época seguinte.

Nos anos subseqüentes, Agassiz divide seus esforços entre a classificação de peixes fósseis e em provar a sua teoria da glaciação, sendo que esta segunda demandou um grande esforço em expedições aos Alpes suíços e acabou por trazer grande reputação a Agassiz nos meios científicos (FREITAS, 2000.).

Somente o estudo nos Alpes não seria suficiente para provar que o fenômeno das glaciações proposto por Agassiz teria o alcance por ele imaginado e nessa altura a América, como um novo continente onde muito ainda havia para se explorar nos meios científicos, era um endereço bastante sedutor. O sonho começa a concretizar-se no ano de 1845 quando o seu amigo e protetor Alexander von Humboldt anuncia a boa notícia de que Sua Majestade Frederico IV da Prússia decidira financiar sua viagem aos Estados Unidos com nada menos do que quinze mil francos, o que

corresponderia a três mil dólares (AGASSIZ, E.,1887. & FREITAS, 2000).

Com a questão financeira solucionada para a viagem, Agassiz deixa a mulher e as duas filhas menores sob os cuidados de seu cunhado e grande amigo dos tempos de estudante universitário Alexander Braun, enquanto seu filho mais velho continuava os estudos no colégio de Neuchatel.

Todos os preparativos para a viagem aos Estados Unidos pareciam ter um caráter de mudança definitiva, embora, até aquele momento o que Agassiz revelava aos seus familiares e amigos era o plano de fazer uma longa viagem científica à América, que certamente duraria alguns anos. Durante tais preparativos Humboldt, experimentado em expedições científicas, escreveu ao amigo: “Vos tratais esta viagem como uma partida para toda a vida. Calma lá, meu querido amigo!³⁴” (AGASSIZ, E., 1887.).

Louis Favre, professor em Neuchatel, também descreve a partida de Agassiz com suspeita de seu caráter definitivo.

“Grande foi a comoção em Neuchatel assim que a notícia de que Agassiz partiria para uma longa viagem se espalhou... Ele prometeu retornar, mas diante do Novo Mundo tão prodigioso em maravilhas não ficamos convencidos dessa volta” (FAVRE. L apud AGASSIZ. E., 1887, p.317).

Se Agassiz desde o princípio pretendia fixar-se nos Estados Unidos, não se pode afirmar, mas o fato é que tudo contribuiu para que isso acontecesse. Em fevereiro de 1848, a proclamação da República na França serviu de estímulo para que o Partido Republicano de Neuchatel tornasse aquela localidade completamente independente da Monarquia Prussiana, o que deixou as instituições científicas às quais Agassiz estava vinculado num estado de incerteza muito grande.

³⁴ Carta de Humboldt para Agassiz em 16 de setembro de 1845.

Paralelamente às mudanças políticas que afetavam as instituições científicas em Neuchatel, Agassiz recebia uma proposta de Cambridge (Massachusetts) para ocupar a cadeira de História Natural. Como se não bastasse, a esposa de Agassiz que sempre tivera uma saúde precária veio a falecer. Em 1850, Agassiz casa-se em segundas núpcias com a americana Elizabeth Cary e manda buscar seus filhos, Alexander de quinze anos e as duas meninas, um pouco mais jovens. Ficava selada assim a estada definitiva do naturalista nos Estados Unidos.

Ao chegar a Boston na primeira semana de outubro de 1846, Agassiz foi recebido com grande empolgação pelos homens da ciência local, proferindo naquela cidade inúmeras palestras apesar de sua pouca fluência no Inglês.

Foi na Filadélfia em dezembro daquele ano, que Agassiz teve pela primeira vez contato prolongado com a população negra. Tal fato causou-lhe profunda impressão, como é possível perceber na carta que escreveu à sua mãe na ocasião, e que foi trazida a público nos últimos anos por Stephen Gould. Vale lembrar que tal carta foi suprimida da obra que divulgava a sua vida e correspondência, lançada por sua segunda esposa, Elizabeth Cary, após a sua morte.

“Foi em Filadélfia que tive pela primeira vez um contato prolongado com os negros; todos os empregados de meu hotel eram homens de cor. Mal posso lhe expressar a dolorosa impressão que experimentei, particularmente porque a sensação que eles me inspiraram vai contra todas nossas idéias a respeito da confraternização de todo tipo [*genre*] de homens e da origem única de nossa espécie. Mas a verdade deve estar acima de tudo. Não obstante, senti compaixão por seu destino ao pensar que se tratava realmente de homens. Contudo, é-me impossível reprimir a impressão de que eles não são feitos do mesmo sangue que nós. Ao ver suas faces negra com lábios grossos e dentes disformes, a carapinha de suas cabeças, seus joelhos torcidos, suas mãos

alongadas, suas grandes unhas curvas, e principalmente a cor lívida da palma de suas mãos, não pude deixar de cravar meus olhos em seus rostos para mandá-los se conservarem à distância. E, quando estendiam aquelas mãos horrendas em direção a meu prato a fim de me servir, desejei ter a coragem de me levantar e sair à procura de um pedaço de pão em qualquer outro lugar, em vez de jantar servido por gente como essa. Que desgraça para a raça branca ter ligado sua existência tão intimamente à dos negros em certos países! Que Deus nos livre desse contato!” (AGASSIZ. L., 1846 *apud* GOULD.).

É na América que Agassiz vai começar a aplicar todos seus fundamentos sobre a classificação das espécies ao gênero humano. Tal como concebera centros de criação diferentes para as diversas espécies segundo determinadas províncias zoológicas, passa a imaginar centros de criação diferentes para as diferentes “raças” humanas.

Em Boston Agassiz posiciona-se como partidário do poligenismo, que defende diferentes origens do gênero humano. O poligenismo sustenta não ser o meio determinante na modificação da estrutura física do ser humano, voltava-se assim contra a concepção dominante no Ocidente desde os tempos de Hipócrates. Recorrendo a índices de mortalidade de europeus na África Tropical, os poligenistas afirmavam que as raças de determinados locais não poderiam se aclimatar a outros.

De fato muitos chegaram a sugerir que algumas raças humanas eram espécies distintas e tais espécies variavam em número de acordo com diferentes autores. Tais variações poderiam ser de duas a mais de vinte e quatro espécies e o critério para distingui-las as diferentes iam desde a capacidade de civilizarem-se até dados externos como forma e tamanho do crânio (STOCKING, 1988).

Um dos primeiros poligenistas foi o médico inglês John Aktins (1685 – 1757); também Voltaire, em 1734, escrevia em seu *Traité Metaphysique*: “Os brancos barbados, os negros de lã, os amarelos de crina, os homens

sem barba, não vêm do mesmo homem” (VOLTAIRE *apud* POLIAKOV, 1974, p. 152).

Em Boston, Agassiz insistia que mesmo com diferentes origens negros e brancos pertenciam à mesma espécie. No entanto, contraditoriamente ano seguinte, 1847, falando a cientistas e amigos em Charleston na Carolina do Sul, afirmava que, além de advirem de diferentes origens, negros e brancos fisiológica e anatomicamente provavelmente pertenciam a espécies distintas (LURIE, 1960).

Embora Agassiz tenha sempre se posicionado contra a escravidão, senhores sulistas estavam sempre ávidos por argumentos científicos que confirmassem a existência da desigualdade entre as diferentes raças e tais argumentos o suíço soube fornecer, tornando-se um arauto do poligenismo nos Estados Unidos.

1.4. Gobineau e Agassiz, o Romantismo e a Ciência

Os dois homens nos quais focamos este estudo jamais tiveram contato pessoal. Suas formações científicas, embora por vezes se refiram a autores em comum, eram bastante diferentes. O Brasil, no entanto, foi destino de ambos em períodos diversos.

Agassiz aqui esteve em 1865 como organizador da expedição Thayer³⁵, um dos seus últimos esforços para defender paradigmas sobre os quais erigiu sua carreira científica, como o criacionismo, a fixidez das espécies, as províncias zoológicas e as glaciações. Tais princípios encontravam-se abalados pelas teorias evolucionistas darwinistas, fazendo com que muitos cientistas, antes eram colaboradores de Agassiz, passassem para o outro lado num verdadeiro êxodo paradigmático.

³⁵ No capítulo dedicado a Agassiz, detalharemos a expedição, seus objetivos, métodos e resultados.

Se Agassiz viera ao Brasil de bom grado a fim de comprovar suas posições durante a expedição Thayer, Gobineau, diferentemente, aqui chegou a contragosto em 1869, designado como Ministro³⁶ da França na capital do império, onde ficou pouco mais de um ano. O novo posto diplomático longe das discussões intelectuais do Velho Mundo frustrava qualquer esperança do Conde de ser eleito para *L'Académie des Sciences Morales et Politiques* (RAYMOND. 1990). Além disso, a experiência passada na Pérsia, onde quase perdeu a filha mais velha num surto de febre amarela, o marcara profundamente. Assim, estava terminantemente disposto a não expor a sua família a climas considerados insalubres que pudessem coloca-la em risco.

“Não, não, não. Jamais esquecerei Teleriz. Jamais a exporei, nem Diane, a esses climas terríveis, admiráveis, mas mortais. Jamais sairá de minha memória a manhã em que atravessava a cavalo os cemitérios desta maldita cidade. Diane morrendo em casa, um de meus subordinados morto na véspera, e dos outros vinte e três, dezessete inutilizados para fazer qualquer serviço, dois dos três cavaleiros que me acompanhavam balançando-se em cima das selas como embriagados, devorados pela febre sem conseguir segurar os fuzis.” (RAEDERS, 1988, p 28-29).

O Brasil, onde o intercuro entre as diferentes “raças” produzira um elemento predominantemente mestiço, aos olhos do Conde era um lugar de gente degenerada e fadada a um fim próximo (RAEDERS. 1988). O único alento que o Conde provavelmente encontrou em terras brasileiras foi a grande amizade que desenvolveu com o imperador D. Pedro II. Tal amizade perdurou mesmo após a volta de Gobineau para a Europa, onde D. Pedro foi recebido pelo amigo nas duas vezes que visitou o continente antes do exílio.

³⁶ O que corresponderia hoje ao cargo de embaixador.

Gobineau, apesar nunca haver encontrado Agassiz, tinha-lhe admiração, conforme podemos perceber em carta ao imperador na qual ele se mostra indignado com o ataque de Haeckel ao suíço. “Vossa Majestade leu Haeckel? Esse darwinista furibundo ataca Agassiz da maneira a mais indecente e terei a honra de combater pelo morto.”³⁷ (GOBINEAU, 1874. *In*: RAEDERS, 1938, p.168). Quanto a Agassiz, embora não tenhamos encontrado qualquer referência sua a Gobineau, provavelmente concordaria em muitos pontos com as conclusões do literato.

Tanto Gobineau quanto Agassiz reagem contra a filosofia Iluminista que marcou o século das Luzes. A concepção universalista do Iluminismo, que percebe a humanidade como essencialmente única, é especialmente contradita pela produção intelectual dos dois homens. Ainda que suas respectivas formações científicas sejam bastante diferentes, elas tendem a convergir na visão de uma humanidade racialmente dividida.

Gobineau e Agassiz são tradicionalistas e resistentes a questões fundamentais da estrutura do pensamento Iluminista. Isso é uma marca bastante clara no discurso do primeiro, já Agassiz, mesmo não atacando diretamente a filosofia das Luzes, o faz na medida em que a sua percepção da natureza entra em desacordo com princípios básicos daquela tradição.

Conforme Koselleck, a visão Iluminista cresceu dentro do próprio Estado Absolutista, com maçons, literatos, sociedade de livres pensadores os quais floresceram à sombra desses mesmos Estados europeus. Estados que haviam conseguido pacificar as guerras religiosas medievais. No entanto, esses mesmos pensadores passaram a formar um juízo moral, calcado na filosofia da história, que culminou com a Condenação do próprio Estado Absolutista, na medida em que este não se ajustava à visão progressista da história.

³⁷ Estocolmo, 30 de julho de 1874.

“O insondável plano divino de salvação transforma-se em um segredo mantido pelos planejadores da filosofia da história. Ao darem esse passo, os iluminados conquistam uma certeza especial: o plano de salvação divina é secularizado na filosofia da história racional. Mas o plano é ao mesmo tempo a filosofia da história, que garante o curso dos eventos, de agora em diante planejados. A filosofia do progresso fornecia a certeza – não religiosa ou racional, mas especificamente histórico-filosófica - de que o plano político indireto se realizaria; inversamente, o planejamento racional e moral determinava o progresso da história. O ato de vontade dos planejadores já continha a garantia de que o plano teria êxito” (KOSELLEC, 1999, p. 116 - 117).

A Revolução Francesa seria, no fim do séc. XVIII, a confirmação do prognóstico dos filósofos iluministas. Enfim, a “vontade geral”, como princípio de decisão soberana, é transferida para a sociedade, porém “a soma das vontades individuais não produz uma vontade geral, assim como a soma dos interesses particulares não resulta em um interesse geral” (*Id.* p., 140). Em outras palavras, a sociedade que emergia da revolução burguesa estava longe de constituir uma só vontade ou uma só moral à qual pudesse se submeter e caminhar tranquilamente guiada pela filosofia da história rumo ao progresso.

De acordo com José Carvalho Reis, a Revolução Francesa aprofundou a divisão da sociedade européia entre *revolucionários* e *conservadores*. Enquanto para Comte a Revolução representava o início de uma grave crise moral, que somente a filosofia positiva poderia combater, para Kant e Hegel o mesmo evento deveria ser comemorado como a construção de uma sociedade racional e moral (REIS, 2003).

Se a Revolução fora gerada com base nas palavras dos filósofos das Luzes como Voltaire, Diderot e outros, paralelamente a ela forças contra-

revolucionárias levantavam-se em toda a Europa com base num discurso histórico e conservador, como nos mostra Nisbet.

“Quanto mais os *philosophes* proclamavam a excelência das suas doutrinas dos direitos naturais, mais os filósofos e historiadores nas universidades – todas orientadas religiosamente, está claro – faziam apelo às tradições que tinham sustentado a Europa durante mais de mil anos” (NISBET, 1987, p. 17).

Para Karl Mannheim, o conceito de estilo tem tanta importância para a história intelectual quanto para a artística. Sendo assim, da mesma forma que se percebem diferentes estilos literários ou ainda diferenças entre o Romantismo e o Classicismo na pintura, também há estilos variados entre pensamentos políticos diferenciados. O estilo que dominou o Iluminismo, e fez-se presente mesmo antes dele, foi o método cartesiano, nascido da ênfase de Descartes às “idéias claras e simples” e marcado pela Era da Razão no séc. XVII. O pensamento iluminista valorizava conclusões às quais se podia chegar não pela observação direta e empírica das coisas, mas por rigorosos procedimentos dedutivos semelhantes ao da Geometria. (NISBET, 1987).

Contrariamente ao estilo Iluminista, aquele adotado no pensamento conservador, no qual Gobineau e Agassiz se inseriam, foi o empírico, histórico, marcado por fatos que poderiam ser observáveis, ou seja, fatos que poderiam ser vistos e descritos. O homem, como poderia ser imaginado num “estado natural” ou numa sociedade ideal, estaria fora desta perspectiva. O homem abstrato do Iluminismo, destituído da identidade que lhe concedeu a história, o tempo e lugar, não somente era visto como falso, mas como responsável pela onda de desorganização em que mergulhava a sociedade ocidental (Nisbet. 1987).

Na Inglaterra, embora somente em 1830 o conservadorismo tenha penetrado no discurso político, a reação ao espírito revolucionário francês foi imediata. Edmund Burke, em sua obra *Reflections on the Revolution in France* de 1790, foi o primeiro a perceber o caráter universal da revolução, que visava libertar não somente o povo francês dos grilhões do passado, mas a humanidade como um todo. Foi ele também o primeiro a perceber a afinidade entre o discurso revolucionário e as grandes religiões universais da história (Nisbet. 1987).

Burke era um *whig* e não *Tory*³⁸, como se poderia pensar. Acreditava ele que a Revolução Inglesa do século anterior lançara as bases da liberdade da Inglaterra. Ademais, era um defensor fervoroso das reivindicações das colônias americanas, não obstante se opor à declaração de guerra de tais colônias à Inglaterra. Considerava ele os métodos da Companhia das Índias Britânicas depredadores das tradições e dos direitos históricos da Índia e declarava-se ainda simpatizante do povo irlandês em sua resistência ao domínio inglês (Nisbet. 1987). Tanto na luta pelos direitos das colônias quanto em suas posições anti-revolucionárias iluministas, Burke levantava a bandeira da defesa das tradições nativas e históricas do povo que sofresse o ataque de um poder estranho.

Tal qual Burke, várias vezes se levantaram por toda a Europa, normalmente membros da Igreja Católica, aristocratas e monarquistas que resistiam ao caráter universal e individualista da revolução burguesa. Na França, Tocqueville era visto como uma das mais eminentes vozes da

³⁸ “Entre 1679 e 1681 os setores mais radicais da sociedade inglesa – grosso modo, os puritanos – deflagaram uma campanha visando excluir da sucessão ao trono o irmão do rei, e seu herdeiro, Jaime (futuro II), que é católico romano. Um século e meio depois da Reforma anglicana, a independência da Inglaterra está em perigo, porque um rei católico significará a sujeição do país ao papado ou, mais precisamente, ao rei da França, Luis XIV. É desta época que datam os nomes *whig*, para os partidários da exclusão e *tory* para os monarquistas que, embora protestantes, receiam a subversão da ordem institucional que decorria de uma mudança das leis de sucessão do trono.” (THOMAS, 1996, p. 75).

A partir da questão sucessória citada por Keith Thomas, os *whigs* seriam popularmente identificados como os setores mais liberais, ao passo que os *torys* como os setores mais conservadores.

resistência aos ímpetos revolucionários. Em sua obra “O Antigo Regime e a Revolução” de 1835/40, o autor afirma:

“Não havendo mais entre os homens nenhum laço de castas, classes, corporações, família, ficam por demais propensos a só se preocuparem com seus interesses particulares, a só pensar neles próprios e a refugiar-se num estreito individualismo que abafa qualquer virtude cívica. Longe de lutar contra esta tendência o despotismo acaba tornando-a irresistível, pois retira dos cidadãos qualquer paixão comum, qualquer necessidade mútua, qualquer oportunidade de ações em conjunto, enclausurando-os, por assim dizer, na vida privada. Já tinham a tendência de separar-se: ele os isola, já havia frieza entre eles, ele os gela.” (TOCQUEVILLE, 1997, p. 46).

Na Alemanha, o Historismo ou Historicismo Romântico também fazia oposição à Revolução Francesa e aos filósofos que a legitimavam. Para historiadores românticos alemães, a ruptura com o passado era motivo de escândalo. Somente o estudo de fatos concretos e positivos do passado poderia justificar as instituições do presente, e não a “Razão” como pretendiam os *philosophes*.³⁹

Segundo Peter Burke, mudanças, na perspectiva europeia dos séculos XV ao XVIII, poderiam ser classificadas como boas, indiferentes ou negativas. No entanto, esta última perspectiva seria a mais presente. A própria palavra “novo” teria ali, freqüentemente, um sentido negativo, enquanto “moderno” poderia ser utilizado como termo injurioso. Por outro lado, termos que significassem “velho” (*antiquus, priscus, primitivus*) teriam, freqüentemente, conotações favoráveis (BURKE. 1992). Não é de se estranhar que forças contrárias a movimentos que buscassem romper

³⁹ Para historiadores alemães, uma natureza humana trans-histórica não passava de uma especulação filosófica. No entanto, para evitar uma divisão por demais esquemática entre alemães e franceses, vale lembrar Kant, Marx e Hegel, entre outros alemães, que atribuíam à Revolução Francesa o mesmo caráter universal que pretendiam os filósofos iluministas.

com o passado de forma tão radical como fora o Iluminismo viessem a encontrar resistência.

A defesa do local, em contraposição ao universal, tende a apoiar-se na tradição e na experiência empírica da história passada, na preservação de antigos valores e na autoridade da família, da comunidade local, da igreja e da corporação. Essas constituíam as bases do ideário de Bonald⁴⁰ que contrapondo-se àquele de Rousseau, de quem reconhecia a estatura intelectual, mas, porém considerava a sua obra extremamente daninha, calcada no individualismo, na soberania popular e na igualdade (NISBET.1980).

O Conde Gobineau, um dos objetos do nosso estudo, era um homem bastante arraigado a valores do passado. Conquanto em sua juventude haja pensado que a moral do século XIX seria superior à moral cristã de séculos anteriores, no momento em que escrevia o *Essai* tal posição já havia sofrido mudanças radicais e os valores do passado tinham, para ele, ganho importância fundamental.

Em suas cartas ao Imperador Pedro II, Gobineau não somente se mostrava crítico ao seu tempo, como se referia com saudosismo ao período medieval, que não viveu, mas que sua memória histórica recupera de maneira idealizada.

“Mas como vou de encontro ao espírito moderno! É decididamente irreconciliável [...]; positivamente eu deveria ter me contentado em viver no décimo século, mas não tenho qualidades próprias ao décimo nono...”
(GOBINEAU, 1880. *In*: RAEDERS. 1938. p. 322).⁴¹

⁴⁰ Louis de Bonald (1754 – 1840) foi segundo Nisbet, o mais erudito dos filósofos conservadores franceses. Seu estilo bombástico causou impacto no espírito dos primeiros sociólogos franceses. Sua obra-prima do ponto de vista sociológico foi “Teoria da Autoridade Política e Religiosa” (1796). (NISBET. 1980. p. 122 – 123).

⁴¹ Carta de Gobineau a D. Pedro II em 7 de janeiro de 1880.

Tal qual Tocqueville, Gobineau criticava a sociedade européia de seu tempo, marcada pelo individualismo e pela massificação. Segundo Zevedei Barbu, Tocqueville procura as causas da Revolução Francesa no quadro de anomia das instituições mais tradicionais, na medida em que a nobreza feudal se desloca para a corte, abandonando as suas obrigações e a *raison d'être* como proprietários, o que levou à perda da autoridade tradicional que tinham em troca de status e nenhum poder. Paralelamente, as camadas médias da sociedade gozavam de invejável poder econômico, mas baixo prestígio social e político, enquanto os pequenos proprietários e pequenos produtores passavam de uma situação de total dependência da gleba para livres agentes no mercado. Enfim,

“no limiar da Revolução a sociedade francesa como um todo apresentava sinais de desarticulação, no sentido em que a ordem social tradicional não mais correspondia à estrutura social e aos valores prevalecentes.” (TOCQUEVILLE, 1997, p. 15).

Em suma, tal qual outros conservadores, Tocqueville procura na história as causas da Revolução Francesa, porém vai além, buscando na democracia uma forma de lidar com a nova sociedade massificada que surgia em consequência tanto da Revolução Francesa quanto da Revolução Industrial. Tocqueville chega a dizer em carta a um amigo que a idéia central em ambos os seus livros é “mostrar aos homens como escapar da tirania” (TOCQUEVILLE, 1997, p. 15).

Gobineau também busca na história identificar as causas da Revolução e da emergência da sociedade massificada e individualista, quando afirma em seu *Essai*: “o tribunal da história é hoje o único

competente”⁴². Entretanto desloca a explicação para o plano biológico e fisiológico, como veremos detalhadamente no capítulo terceiro deste estudo.

Embora a Revolução Francesa não seja tema presente nos escritos do suíço Agassiz, este, evidentemente, vale-se tal qual Gobineau (até mesmo de forma menos crítica, conforme veremos nos capítulos subseqüentes) do argumento dos fisiologistas para explicar as diferenças entre os seres humanos e ao procurar organizar a sociedade numa perspectiva separacionista, em oposição à perspectiva universalista dos filósofos iluministas. O poligenismo, defendido por Agassiz, colocava o naturalista em estreito contato com conservadores da América, oriundos principalmente dos setores agrários.

No entanto, enquanto Gobineau se voltava para o estudo da história das grandes civilizações, seu apogeu e queda sob a ótica racial, Agassiz voltava-se para o estudo da história natural, buscando ali as origens das sociedades de seu tempo e as diferenças entre os diversos “tipos” humanos.

As artes românticas também foram uma forma de oposição à razão iluminista. Muitos poetas, pintores, escultores e artistas em geral, desencantados com a tentativa iluminista de submeter tudo à razão, procuraram abrigo na subjetividade das artes.

“O ódio ao trabalho de demolição do iluminismo está presente nas declarações públicas e privadas dos românticos. Para Friedrich Schlegel, a cidade de Paris, reconhecida mundialmente como capital dos *philosophes*, era a “nova Sodoma”, Esses ecos bíblicos eram, aliás, os epítetos favoritos dos românticos: em 1805, Coleridge acusou a França de ser uma “Babilônia, mãe da prostituição na moralidade, na filosofia e no gosto” – referindo-se naturalmente à França dos iluministas. Três anos mais tarde, seu amigo Wordsworth foi igualmente enfático: em *The Convention of Cintra* denunciou

⁴² (GOBINEAU. 1937. p. 14).

“os filósofos pestilentos da França”, e em especial os “sonhos paradoxais de Rousseau, e as irreverências de Voltaire”. O “processo de despoetização” escreveu August Wilhelm Schlegel, já durou bastante, chegou o momento de poetizar novamente.” (GAY, 1999, p. 55).

A visão de mundo iluminista, que tende a pensar até mesmo a arte fundada na razão, passa a ser questionada no Romantismo. Herder, embora não fosse um romântico, foi um dos que abriram caminhos para uma maior liberdade da subjetividade artística frente à razão, principalmente da poesia. Esta era vista por ele como essencial à existência, já que a razão somente pela ficção se forma. Segundo Herder, “... só na poesia, a alma, confortada pelo intelecto e regulada pela razão, pode estar a felicidade de nossa existência” (HERDER *apud* HAUPT, 1999, p. 209).

Para Gobineau, a poesia tinha um papel essencial. Em sua correspondência com o Imperador brasileiro, cobra, por várias vezes ao longo dos anos, que o amigo continue a tradução da tragédia grega “Prometeu Acorrentado” de Ésquilo que havia iniciado, e, mais do que isso, insiste que o Imperador empregue mais energia para traduzir a obra em forma de poesia “para dela fazer uma obra digna do texto, do autor primitivo e do tradutor”⁴³. (GOBINEAU, 1871. *In*: RAEDERS, 1938, p. 45).

O próprio Conde, que não tinha escrúpulos em afirmar que em si a objetividade era menor que a subjetividade, empregou muitos anos de sua vida na elaboração de uma obra em forma de poema, *Amadis*⁴⁴ o qual somente veio a ser publicado quatro anos após sua morte.

Por meio de D. Pedro II, Gobineau veio a ter contato com “Os Lusíadas” e também com a obra do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow e com a sua tradução para o inglês de “A Divina Comédia” de

⁴³ Carta de Gobineau a D. Pedro II em 22 de março de 1871.

⁴⁴ Do qual falaremos no capítulo III.

Dante Alighieri. Ambas as obras foram usadas como inspiração num dos romances mais conhecidos de Gobineau, *Les Pléiades*. O poeta americano participava do círculo íntimo de amizade de Agassiz e, nesse ponto, ainda que de forma um tanto transversal, a vida dos dois homens volta a se tocar.

Agassiz, apesar de sua relação de amizade com o poeta americano Longfellow, não tem, como Gobineau, pretensões literárias. De fato, conforme nos mostra Dominichi de Sá em seu trabalho “A Ciência como Profissão”, naquele momento a ciência européia e “neo-européia”⁴⁵ passava por uma mudança paradigmática importante.

A partir da segunda metade do séc. XIX, o cientista literato de “conhecimento enciclopédico” começa a perder terreno para o especialista. As diversas áreas pelas quais o conhecimento científico se espalhava demandava uma maior padronização da linguagem científica de forma a facilitar a troca de informações no seio daquela comunidade, bem como um maior grau de especialização (Sá, 2006).

Valores então definidos como literatos passarão a ser discriminados nos procedimentos entendidos como científicos, que tinham por base a experiência, a observação, a pesquisa. Busca-se novamente uma clara demarcação entre a ciência e a arte, neste jogo de força que as aproxima e as afasta ao longo dos séculos.

Intelectuais como Gobineau e Agassiz movem-se justamente em meio a essas mudanças paradigmáticas no campo das ciências e, embora ambos tenham sido educados numa atmosfera impregnada pela *Naturphilosophie*, vivem um momento em que o especialista, mais e mais, vai se destacando.

⁴⁵ Segundo Alfred Crosby em seu livro “Imperialismo Ecológico – A Expansão Biológica da Europa: 900 – 1900”, os povos por ele denominados de “neo-europeus” eram aqueles localizados onde a expansão européia se deu de forma bastante bem-sucedida, devido a uma facilidade de transferir-se para tais áreas a “biota-portátil” européia que se constituía de plantas cultiváveis, animais domesticáveis, além de vírus, germes e demais parasitas que tornaram a conquista de tais regiões um sucesso para o europeu expansionista. Em nossa análise, nos atemos especialmente à ciência norte-americana dentre as neo-europas.

Seria por demais esquemático construir-se um perfil de Gobineau como um literato voltado para diversos interesses frente a Agassiz entendido como especialista, mesmo porque a área de ação do suíço era muito vasta, ao abranger a ictiologia, taxonomia, geologia, antropologia e botânica, para citar algumas. No entanto, não se tem qualquer notícia de que Agassiz se valesse das artes, como a poesia, a pintura ou a escultura, como fazia Gobineau para divulgar as suas crenças científicas. O máximo que se percebe é que, como influência humboldtiana, Agassiz recorria a representações pictóricas em suas viagens como forma de melhor representar a multiplicidade de sensações captadas⁴⁶. Na viagem ao Brasil, Agassiz utiliza um recurso extra, – recorre à fotografia como instrumento para captar imagens de homens e mulheres mestiços.

De acordo com Kury⁴⁷, mesmo o relato da viagem ao Brasil feito por Agassiz e sua esposa Elizabeth mostra uma clara divisão de tarefas entre ambos, cabe a ela o relato pitoresco enquanto a Agassiz compete o científico.

Alguns aspectos da obra, visão de mundo e da maneira como Agassiz e Gobineau lidavam com a ciência de seu tempo foram tocados neste tópico. Nos capítulos subseqüentes, pretendemos aprofundar a análise de tais aspectos e apreender como o contato com o Brasil e o povo brasileiro serão observados na perspectiva desses autores. Ambos observaram a mestiçagem no Brasil de forma bastante negativa, e este trabalho busca analisar as visões de Agassiz e Gobineau a partir do que cada um deles entendia como verdades científicas centrais de suas obras.

⁴⁶ Esse aspecto será mais bem detalhado no capítulo 2. (Ver Kury. 2001c).

⁴⁷ Ver KURY, 2001b.

2. Agassiz no Novo Mundo

2.1. A Bandeira do poligenismo

Desde a sua chegada aos Estados Unidos, Agassiz empenhara-se em ser um divulgador das ciências por meio de conferências públicas ministradas no *Lowel Institute*. A partir das conferências e de seu charme pessoal com o qual encantou a alta sociedade bostoniana, Agassiz sela seu destino como o mais eminente naturalista na América, vindo a tornar-se o mais respeitado professor de Harvard.

Muito do seu esforço na América concentrou-se na construção de um grande museu de história natural naquele país. Para tal, Agassiz não somente levantava fundos junto à alta sociedade como também recebia enorme quantidade de espécies para o acervo da instituição. Um dos colaboradores que procurava enviar espécies para enriquecer o acervo do museu era o Imperador D. Pedro II, que, como amante das ciências se interessava bastante pelo trabalho de Agassiz. Os dois provavelmente entraram em contato por meio de amigos em comum, como o poeta Longfellow, o reverendo Fletcher⁴⁸ e o poeta abolicionista americano John Whittier⁴⁹.

Em 1864, Agassiz escrevia ao Imperador do Brasil, agradecendo as coleções que chegaram às suas mãos por meio do reverendo Fletcher, e indicava ao monarca o que, naquele momento, poderia ser mais útil para enriquecer a coleção que formava no museu de Cambridge.

⁴⁸ James Cooley Fletcher foi missionário da Igreja Presbiteriana americana que veio ao Brasil pela primeira vez de 1855 a 1856, distribuindo bíblias para a população em diversos pontos do território nacional. Em 1862, viajou pelo Amazonas recolhendo espécimes de peixes para o Museu de Cambridge.

⁴⁹ John Greenleaf Whittier foi editor, poeta e abolicionista que veio a travar contato com o Imperador por meio do reverendo Fletcher. O encontro pessoal com o monarca brasileiro somente se deu em 1876, quando D. Pedro II viajou para os Estados Unidos.

“Vossa Majestade demonstra imensa bondade em se interessar pelo Museu que organizo em Cambridge e de ofertar coleções do Brasil. Sinto-me profundamente tocado por um ato de tão grande benevolência. Permita-me expressar o desejo de obter alguns fragmentos de grandes mamíferos fósseis que abundam em vosso império”⁵⁰ (MEC, 1952, p. 48).

Como podemos perceber, o esforço de Agassiz como divulgador das ciências encontrava resposta não somente no território americano, onde tinha contato com políticos, agricultores e cientistas, mas atravessava fronteiras, a ponto de amantes das ciências como o Imperador brasileiro sentirem-se encorajados a enviar-lhe espécimes para o acervo do grande museu.

Ao chegar aos Estados Unidos, Agassiz, como vimos, começa a aplicar o separacionismo, que utilizava para classificar as diferentes espécies nas chamadas províncias zoológicas, também para classificar os tipos humanos como espécies diferenciadas, tornando-se um arauto do poligenismo na América. Tal posição o faz muito popular junto aos produtores rurais escravocratas sulistas, ao mesmo tempo que o aproxima Agassiz de alguns expoentes do poligenismo americano, como Samuel Morton e Josiah Nott.

Samuel George Morton, autor de *Crania Americana* publicado em 1839, em cuja obra reunia o estudo de quase mil crânios humanos de diferentes nativos das Américas, e baseado na tese de que a capacidade craniana da raça ariana era maior do que a das demais raças, deduzia que os povos arianos seriam mais desenvolvidos intelectualmente. Morton estabeleceu uma hierarquia entre as diferentes raças a partir do tamanho

⁵⁰ Carta de Agassiz ao Imperador D. Pedro II., datada de maio de 1864.

médio de seus cérebros. Publicou ainda *Crania Aegyptiaca* em 1844 e o epítome de toda a sua coleção em 1849⁵¹ (GOULD, 2003).

Josiah Clark Nott de Mobile, oriundo do Alabama, era um dos alunos de Morton que se destacou ao fornecer aos escravocratas sulistas as supostas evidências científicas de que homens advinham de diferentes origens e, conseqüentemente, teriam um desenvolvimento mental diferente.

Agassiz, tal qual Morton e Nott, abraçava a tese poligenista, argumento que entrava em choque com a tradição cristã defensora de uma origem única para toda a humanidade. Tal choque com o cristianismo nos leva a questionar a posição de historiadores da ciência, tais como E. Lurie e M. V. Freitas, que procuram diferenciar Agassiz dos evolucionistas tão somente pelo viés da tradição religiosa.

Ainda que Agassiz fosse um criacionista convicto, não se pode de forma anacrônica imaginar que isso fosse um empecilho ao seu desenvolvimento científico, pois ele se encontrava vinculado a uma importante tradição científica do providencialismo que, no século XIX, se fazia muito presente. Trabalhos como os de Edward Lurie ou de Marcus Freitas tendem a não levar em conta essa tradição, ao pressopor que a passagem do criacionismo para o darwinismo constitui-se um avanço científico invece de uma disputa de paradigmas. Daí o entendimento do criacionismo como um tipo de ciência passada, defasada e teológica, enquanto o evolucionismo seria a representação do progresso científico. Conforme Nelson Sanjad, esta idéia é questionável, principalmente se levar-se em conta a “história da ciência como história social do conhecimento ou da cultura”. Nesta perspectiva, não há como se presumir o que venha a ser “atraso” ou “progresso”. (SANJAD, 2007).

⁵¹ As experiências que Morton fez com as medições cranianas foram refeitas no séc. XX pelo paleontólogo Stephan J. Gould e as conclusões foram bastante diferentes. Gould percebeu que Morton, embora não intencionalmente, se deixou levar a tal ponto por seus *a priori* que não conseguia enxergar qualquer dado que fosse diferente de suas crenças na superioridade dos arianos.

Um dos argumentos dos defendiam que homens advinham de um ancestral comum era aquele evocado por Buffon⁵² no séc. XVIII. Para ele, o cruzamento entre diferentes espécies não produzia prole fértil, e dentro assim as raças humanas seriam todas de uma mesma espécie já que os mestiços eram tão férteis quanto as supostas raças puras. Agassiz, Morton e Nott, no entanto, questionavam a proposição de Buffon, alegando que a prole fértil era possível também em cruzamento de diferentes espécies.

Em março de 1850, Agassiz teve a oportunidade de defender suas posições poligenistas em Charleston frente a uma platéia de especialistas na *American Association for the Advancement of Science*. Nott, que estava presente e tendo Agassiz defendido o ponto de vista dos poligenistas, escreveu a Morton após o evento afirmando que, com Agassiz ao lado deles, a guerra estava ganha. De fato, Agassiz tinha a capacidade de seduzir tanto o público especializado quanto o leigo. Mais do que isso, conseguia transformar sua posição poligenista em argumento piedoso. Em artigo na revista *Christian Examiner* em julho daquele mesmo ano, afirmava que a crença em diversos centros de criação somente dava mais glória a Deus, que com sua onisciência pode criar e recriar espécies de homens e animais diferentes para cada região do globo. Se as escrituras sagradas referiam-se somente a um casal original, isso não significava que não existissem outros em diferentes partes do planeta (LURIE, 1960).

Alguns políticos, cientistas e mesmo leigos que se interessavam pelo tema das diferenças raciais escreviam a Agassiz em busca de esclarecimento sobre o assunto. Uma das cartas que vale a pena destacar é do filantropo americano e abolicionista Samuel Gridley Howe em 1863,

⁵² Buffon foi o mais eminente naturalista francês do séc.XVIII. Para ele, o homem provinha de uma só origem e a multiplicidade de raças se dava devido à degeneração da raça ariana original por influência dos diferentes climas, na medida em que o homem se espalhava por outras áreas do planeta. No seu entendimento, a evidência de que dois seres ainda que diferentes morfologicamente, pertenciam à mesma espécie seria a possibilidade de gerar prole fértil (POLIAKOV, 1974.).

quando a guerra da secessão e eminente abolição dos escravos, no sul do país, inquietavam várias pessoas preocupadas com o futuro da nação.

A longa carta dirigida a Agassiz questionava o futuro dos Estados Unidos da América após a libertação da “raça africana”. Segundo Howe, tal raça representava cerca de dois milhões de indivíduos negros e, ainda, mais dois milhões de mulatos que persistiriam vivendo no país.

“Seria essa raça absorvida pela raça branca que compreendia vinte e quatro milhões de indivíduos e que aumentava incessantemente por meio de novas imigrações e por causas naturais? [...] A mistura das raças tenderia a se intensificar após a abolição? [...] E nesse caso, os mulatos constituiriam uma raça considerável frente aos negros? [...] Seria verdade que os mulatos eram menos férteis especialmente quando fixados nos estados do norte com climas mais frios, onde tendem a serem linfáticos e escrofulosos? [...] Nos estados onde mulatos e negros constituíam 60, 80, ou mesmo 90 por cento da população, haveria imigração branca suficiente para reverter esse avanço? [...] Haveria uma tendência natural de aumento persistente de uma raça negra nos estados do Golfo e nos grandes rios do sul que tornasse necessário uma resistência antes que a situação piore, ou tais raças tenderiam a diluírem-se e desaparecerem com o passar dos anos?” (AGASSIZ. E., 1887, p. 461-462).

Agassiz responde prontamente a carta a ele endereçada pelo filantropo abolicionista, que não esconde o incômodo frente à idéia de aumento ou mesmo de permanência numérica da “raça africana” sob o manto da igualdade civil. O naturalista suíço procura englobar as questões do sr. Lowe em duas perguntas fundamentais: “Existirá nesse continente uma população negra permanente uma vez que a escravidão fosse de todo abolida?” e “o que se pode fazer para suprimir as causas que favorecem seu aumento?”.

Para Agassiz, parecia evidente que o poder público deveria tomar medidas que incentivassem a emigração, transportando a raça negra para fora dos estados do norte, como forma de garantir a prosperidade da raça branca. Este tipo de medida estaria de acordo com a natureza, uma vez que os negros puros tenderiam naturalmente a buscar após a liberdade, regiões mais quentes para ali se fixarem, movidos por um tipo de “afinidade irresistível”. Com tal mudança, forma-se-ia no sul alguns estados negros, o que faria com que o norte se tornasse cada vez mais branco.

Quanto aos mulatos, estes eram vistos como tendo uma “existência transitória”. Agassiz acreditava que, ao contrário do que muitos pensavam, os mulatos nem sempre eram estéreis, às vezes o eram, mas em geral apresentavam pouca fertilidade, o que denotava que o cruzamento entre brancos e negros seria contra o “estado normal das raças”. Longe de apresentar-se como uma solução natural, a mistura de raças era, portanto, um projeto insensato e repugnante a todos os sentidos. Do ponto de vista fisiológico e político, todas as barreiras possíveis deveriam ser criadas para impedir o cruzamento das raças e o aumento do *sang-melé* que seria “contra a natureza como se pode perceber por sua constituição, seu temperamento doentio e diminuição de fecundidade” (AGASSIZ. E., 1887, p.463-467).

Os mulatos estariam, portanto, fadados ao desaparecimento por obra da própria natureza, enquanto os negros deveriam ser suportados; fixando-se estes contudo em estados quentes do sul.

A troca de correspondência entre Agassiz e Samuel Lowe é bastante chocante, mas muito esclarecedora do pensamento de Agassiz de outros abolicionistas acerca dos negros e mestiços. Note-se que estes dois homens, apesar do preconceito racial, não eram pessoas desumanas e tampouco apoiavam qualquer ato de extermínio a exemplo de grupos que surgiram após a guerra civil americana.

Agassiz defendia a tese de que sendo as raças diferentes entre si, deveriam ser criadas leis diferentes para governá-las. Desta forma, não se poderia permitir que “raças inferiores” ocupassem posições em cargos públicos de decisão para os quais não estavam preparadas.

“A questão é, portanto, saber quais serão as melhores medidas a tomar em consideração aos homens em geral e às raças tomadas cada uma separadamente. Que a igualdade civil é um bem comum a toda a humanidade não podemos colocar em dúvida nos nossos dias, mas ela não ocasiona como consequência a igualdade social. Preste bastante atenção no que digo - igualdade civil não é igualdade política, pois esta última compreende o direito igual a empregos públicos, e espero que nós sejamos suficientemente sábios para não complicar subitamente todo o sistema político por um conflito de interesses antes de estarmos seguros sobre os efeitos práticos que terá uma liberdade universal e uma igualdade diante da lei de brancos e negros vivendo sob o mesmo governo” (AGASSIZ. E., 1887, p. 470).

2.2. O *Turning-Point* na Carreira em Ascensão

Não são, no entanto, as posições raciais de Agassiz que fazem com que ele venha a se isolar e a perder o posto de mais eminente naturalista especialmente a partir da década de sessenta, e nem tão pouco são suas posições políticas acerca das desigualdades política e social entre brancos e negros que o afasta dos mais proeminentes darwinistas da América.

Se na década de quarenta e cinquenta a carreira de Agassiz se estabiliza e fortalece na América, pode-se tomar como o *turning point* nessa trajetória em franca ascensão o ano de 1859. Agassiz recebeu em novembro daquele ano juntamente com as coleções que lhes eram enviadas

de várias partes mundo uma pequena carta de um naturalista inglês, acompanhada de seu livro recém-publicado.

O naturalista era Charles Darwin e o livro, a *Origem das Espécies*. Darwin reconhecia que as suas conclusões se encontravam em desacordo com as teses de Agassiz em diversos pontos, mas pedia respeitosamente a apreciação do seu trabalho por aquele que era, no momento, um dos naturalistas mais destacados do mundo.

“Eu tenho a ventura de enviar-lhe a cópia de meu livro... sobre a origem das espécies. Quanto às conclusões que cheguei em muitos pontos são bastante divergentes das suas, então pensei (você em algum tempo deve ler o meu volume) que possa imaginar que o tenha enviado.... Movido por um espírito de desafio ou bravata; mas asseguro-lhe que agi sob um estado de espírito totalmente diferente. Espero que, pelo menos, dê-me crédito pelo fato de ter cuidadosamente me esforçado ao máximo para chegar à verdade, ainda que possa considerar minhas conclusões equivocadas” (DARWIN *apud* LURIE, 1960, p. 253).

“Isso é verdadeiramente Monstruoso”, foi esta uma das expressões anotadas por Agassiz na margem do pequeno livro verde enviado por Charles Darwin. Na verdade, toda a teoria da seleção natural e demais posicionamentos de Darwin que se concretizavam na primeira edição de *Origem das Espécies* não eram novidades para Agassiz. Nos últimos anos, dedicara parte de seu tempo a combater tais “heresias”⁵³, entretanto, apesar de ter a sua popularidade intocada junto ao público leigo, perdia cada vez mais expoentes do mundo das ciências para o evolucionismo, o que vinha isolando o naturalista em suas posições.

⁵³ Para Lurie uma das razões pelas quais acadêmicos e leigos de Boston se encontravam tão bem informados sobre os principais aspectos da nova biologia deveu-se ao fato de Agassiz ter despendido muito tempo e esforço em combater tais idéias (LURIE, 1960)

Passado mais de um século após o embate dos naturalistas, tende-se a organizar em nossas mentes a disputa de forma muito didática e pouco realista, em que de um lado, encontra-se Agassiz arraigado a antigas crenças “pré-científicas” e, do outro, Darwin desbravando novos horizontes com base na verdadeira ciência; de uma parte, um criacionista reacionário e, de outra o evolucionista desafiando o *status quo* e, mais do que isso, tende-se a associar Agassiz a todo o pensamento e a toda atitude racista e Darwin a uma visão igualitária, ou ao menos progressista dos homens.

No entanto, a forma didática como se organiza a história poucas vezes corresponde à maneira como a vida flui e como se dão as disputas científicas. A eterna oposição entre o bem e o mal ou entre o novo e o arcaico pouco tem a ver com a realidade dos fatos e muito mais com a sensação de segurança que nos invade ao chegarmos à conclusão que nos posicionamos do “lado certo da história”.

Do outro lado do Atlântico, acontecia uma disputa que guarda algumas semelhanças fundamentais com a vivenciada por Agassiz e Darwin, e que foi brilhantemente analisada por Bruno Latour. De um lado, tem-se Pouchet, um esquecido pela história (tal qual Agassiz), e, de outro, Pasteur, cujo experimento com infusão de matéria orgânica em frasco com gargalo do tipo “pescoço de ganso” pode ser descrito pela maioria das crianças do ensino médio. Latour mostra como um tipo de história, que apresenta a vitória de Pasteur na disputa com Pouchet acerca da geração espontânea, tende a heroificar a figura do vencedor e a atribuir a Pouchet o rótulo de uma pessoa arraigada a crenças pré-científicas que impediam o desenvolvimento da ciência. Esse tipo de análise, no entanto, peca por não respeitar o princípio de simetria. É necessário analisar a disputa atribuindo-se a ela a historicidade devida, e não apenas fixar uma data em que o “herói vencedor” faça submergir para sempre o representante do “atraso”.

Latour sabe que Pouchet não era de forma alguma um idiota, mas um experiente professor em Rouen, correspondente da Academia das Ciências, crente convicto, com sessenta e seis anos de idade. Pasteur, na época, não tinha mais de trinta e oito anos. Além disso, Latour demonstra como Pouchet era tão criterioso no método e metuculoso em seus experimentos quanto Pasteur; ou como o evolucionismo darwinista atua de forma indireta na disputa, trazendo para ela outras questões como a existência ou não de Deus e, por fim, questões políticas como as redes de relacionamento de cada um dos lados.⁵⁴

O tratamento dado a Agassiz pela historiografia, muitas vezes, é semelhante ao dado a Pouchet, Uma visão dicotômica da história que leva, inevitavelmente, a uma análise anacrônica.

No caso de Agassiz, algo que muito contribui para essa visão dicotômica da história é o fato de que, à medida que a segunda metade do séc. XIX avança, o naturalista vai perdendo mais e mais adeptos para o darwinismo e suas variantes, mesmo dentre aqueles que, anos antes, eram vistos como seus escudeiros fiéis.

Alguns desses cientistas eram nomes de destaque, que na década de 40 viam suas reputações eclipsadas pela grande fama que Agassiz alcançara junto ao público em geral. Asa Gray na botânica, James Dwight Dana na anatomia, Wyman na anatomia e Joseph Leidy na paleontologia são alguns exemplos de cientistas que, a partir da década seguinte, começam a questionar as posições de Agassiz (LURIE, 1960).

No entender de Edward Lurie, Agassiz encontrava-se tão embevecido com a sua autoridade científica que não tinha tempo ou disposição para colocar em questão seus princípios básicos, ameaçados pelos novos ventos do darwinismo que começavam a soprar. Mais do que

⁵⁴ Ver LATOUR, Bruno. Pasteur e Pouchet: heterogênese da história das ciências. In: Elementos para uma história das ciências. SERRES, Michael (ed.), Lisboa: Terramar, 1996, p. 49 – 76.

isso, Agassiz teria assumido uma posição autoritária frente a seus pares na América, afastando-se do debate científico e voltando-se cada vez mais para conferências junto ao público leigo a fim de levantar fundos para a construção do museu de Cambridge.

Um exemplo citado por Lurie⁵⁵ desse tipo de atitude de Agassiz foi o que gerou seu rompimento com o geólogo e zoologista James Dwight Dana, que desenvolveu importantes trabalhos sobre as formações montanhosas americanas, atividade vulcânica e origem da estrutura do continente e oceanos.

Dana era muito próximo a Agassiz, conforme se pode perceber no tom da carta que o naturalista escreve ao primeiro, enquanto se encontra na ilha de Sullivan em Charleston.

“Meu querido amigo. Gostaria ao menos que vós soubésseis o quanto penso em vós neste litoral. E como poderia ser de outra maneira, se todos os dias encontro novos pequenos crustáceos que me remetem à obra que vós preparais acerca deste objeto”⁵⁶. (AGASSIZ. E., 1887, p. 389).

A relação começou a sofrer abalos quando o geólogo francês Jules Marcou visitou a América em 1853, sob os auspícios de Agassiz. Após várias expedições exploradoras pelo país, Marcou publicou mapas e descrições sobre as formações geológicas do país que entravam em choque com os trabalhos dos geólogos americanos, os quais fizeram a Dana amargas críticas a Marcou.

Antes de autorizar a publicação do trabalho de Marcou no *American Journal of Science*, Dana entrou em contato com Agassiz, já que era sabedor de sua relação pessoal com o geólogo francês e, além disso, o trabalho era dedicado a Agassiz. O suíço argumentou que a controvérsia

⁵⁵ Ver LURIE, 1960.

⁵⁶ Carta de Agassiz para Dana . Charleston, 26 de janeiro de 1852.

seria enriquecedora para as ciências e determinou a publicação do trabalho. No fim daquela década, em 1858, Marcou publicou outro trabalho mais detalhado, em que identificava de forma incorreta vários fósseis e formações geológicas, além de conter os mesmos controversos mapas. Coube a Dana, mais uma vez, apontar as deficiências do trabalho para Agassiz. Este, além de posicionar-se favoravelmente ao francês, sem parecer ter lido o trabalho, ainda revelou a Marcou detalhes de sua correspondência com Dana acerca da controvérsia.

Diante disso, Dana, apoiado por vários geólogos americanos, rompeu relações com Agassiz, pois para ele ficara claro o descrédito do naturalista quanto à sua opinião e a dos geólogos americanos frente ao europeu.

A controvérsia aguçava o nacionalismo e a autoconfiança dos cientistas americanos face aos europeus, o que deixava Agassiz desconfortável em sua posição de destaque em Harvard e criava ambiente favorável à penetração de novas idéias.

Ainda no ano de 1858, Asa Gray, um dos mais importantes botânicos do séc. XIX e professor de história natural em Harvard, começa a discordar publicamente da posição de Agassiz acerca dos centros de criação. Gray desenvolvia estudos comparativos da flora do Noroeste Americano e do Japão, nos quais percebia similaridades que denotavam haver algum grau de relação entre elas. O botânico, que já se correspondia freqüentemente com Darwin e Hooker, passava a tomar como mais viáveis as hipóteses darwinistas que permitiam estabelecer uma conexão entre as espécies. Além da disputa entre o criacionismo e o evolucionismo, que àquela altura dividia cientistas americanos em dois blocos distintos, a contenda migra para o campo político em que dois grandes professores de autoridade reconhecida disputavam a liderança de seus pares “... Gray e outros pareciam determinados a usar Darwin para minar a autoridade de Agassiz” (LURIE, E., 1960, p. 292).

Pierre Bourdieu, ao elaborar a noção de “campos científicos”, busca uma visão alternativa tanto àquela da “ciência pura”, ou seja, destituída de necessidades ou pressões sociais, quanto a da “ciência escrava”, sujeita a toda e qualquer demanda político-econômica. Segundo ele, a ciência não se assemelha a uma “torre de marfim”, totalmente fora do contexto social, mas sofre as pressões da sociedade em que se insere, de forma mediada pela lógica do campo. Dependendo de sua autonomia, o campo pode resistir em maior ou menor grau a pressões. Essa autonomia, no entanto, não se constrói apenas com o prestígio científico junto aos pares, porém com um outro tipo de capital científico, que é o poder temporal ou político que determinadas pessoas ou instituições gozam no campo científico em que atuam (Bourdieu, 1977).

Evidentemente, em Harvard naquele momento, a disputa rompia as fronteiras do prestígio científico das partes em questão (embora isso fosse um ponto relevante) e penetrava na área da disputa de poder político, que paralelamente acontecia entre darwinistas e criacionistas.

Em 1860, a disputa já era bastante conhecida dos intelectuais de Harvard e ambos os lados contavam com a adesão de eminentes professores. Enquanto Gray contava com o químico e professor de história natural, William Barton Rogers, Agassiz também tinha seus expoentes, como o filósofo Francis Bowen e John Amory Lowell. Este último, membro do conselho de Harvard⁵⁷, vindo de bem sucedida família de negociantes da indústria têxtil e manufatureira, intelectual, filantropo e patrocinador de pesquisas e viagens científicas.

⁵⁷ *Fellow of Harvard College.*

2.3. Paradigmas e Métodos

2.3.1. “Pré-Ciência” X Ciência

Edward Lurie, ao analisar a disputa que se dava em meio aos intelectuais americanos, faz um contraponto entre a postura de Agassiz e a de Gray. Segundo sua análise, na medida em que o darwinismo vai ganhando terreno junto aos especialistas americanos, Agassiz vai ficando cada vez mais isolado em suas posições criacionistas e busca conforto intelectual em opositores a Darwin na Europa, como Richard Owen, Murchison, Buckland, Sedwick, Élie de Beumont (Lurie, 1960). Isso faz com que Agassiz se dedique cada vez mais na América às conferências junto ao público leigo, nas quais levantava doações para a construção do Museu de Cambridge, e às suas relações pessoais com admiradores, como o poeta Longfellow.

Lurie procura fazer um contraste entre os dois oponentes, Agassiz e Gray. Enfatiza primeiramente a disputa política que se dava em Harvard, onde o darwinismo era utilizado como arma para minar a autoridade de Agassiz. Contudo o seu trabalho tende a estereotipar os personagens traçando uma clara divisão entre eles.

De um lado, Agassiz, embebido em sua autoridade acadêmica, usando as conferências públicas junto ao círculo de notáveis de Boston, onde tanto inflava o seu ego ao ministrar ao público leigo o que supostamente seria a mais moderna ciência do momento, enquanto angariava fundos e doações de espécimes para a construção do museu de Cambridge. De outro lado, estaria Gray avesso à popularidade, despendendo o seu tempo em companhia de cientistas e no Jardim Botânico, sempre dedicado aos estudos e trabalhando para estabelecer uma universidade de Herbarium.

A partir desse ponto, Agassiz é visto mais como um teólogo do que como um cientista, ou ainda como alguém cuja “história natural transcendeu de alguma forma os limites de sua capacidade intelectual” (Lurie, 1960), enquanto Gray é tido um cientista com a mente aberta para captar os avanços das ciências de seu tempo, aos quais Agassiz estava cego.

“Quanto mais conhecimento Gray adquiria, mais se convenciu de que o naturalista deve manter uma mente aberta para toda a hipótese válida que apresente evidências. Essa atitude motivou Gray a examinar as idéias de Darwin com a merecida seriedade e consideração (Lurie 1960, p. 275).

Na mesma linha de análise segue o trabalho de Marcus Freitas sobre Charles Frederick Hartt, geólogo que acompanhou Agassiz na expedição Thayer ao Brasil em 1865 – 66. Hartt que se mantivera fiel a Agassiz durante a controvérsia, teria chegado, durante a expedição, a várias conclusões erradas a respeito das evidências de glaciação no território brasileiro devido à ascendência de Agassiz sobre ele. “Percebe-se logo que Agassiz é uma sombra no trabalho de Hartt, o que em grande medida justifica a teoria do *drift*⁵⁸ no livro” (FREITAS, 2000, p. 108).

O trabalho de Freitas tem o mérito de analisar a obra de Hartt nas quatro viagens feitas por este ao Brasil a partir da expedição Thayer, e bem como a troca que se dá entre o geólogo e autores românticos brasileiros no processo de construção da nacionalidade de forma bastante convincente. Porém reserva a Agassiz um lugar de “sombra”, quase uma assombração na obra de Hartt, que o induz a erros devido “às suas convicções religiosas,

⁵⁸ O *drift* é um tipo de formação do solo que evidenciaria a presença de glaciais, conforme será melhor explicado à frente.

seus hábitos nacionais e seus sentimentos pessoais que o impedem de ler imparcialmente o texto de Darwin” (FREITAS,2000, p. 68).

Mais tarde, numa terceira e quarta visita ao território brasileiro em 1870 e 1871, Hartt passa a adotar uma posição diferente, a partir de artigos por eles publicados em que afirma não haver encontrado os mesmos traços da ação de geleiras, tal qual supunha Agassiz, e que terrenos julgados pelo antigo mestre como sendo do período glacial eram, na verdade, muito mais velhos, chegando à era paleozóica (FREITAS, 2000).

Agassiz é visto por Freitas como um cientista que ao decidir se fixar na América sofre um tipo de estagnação, não acompanhando o avanço das ciências. Em outras palavras, Agassiz seria, como no trabalho de Lurie, visto como alguém atrelado a crenças “pré-científicas”, resistente ao avanço da ciência moderna. Esta postura está claramente explicitada na seguinte passagem:

“Desde que chegara nos Estados Unidos, Agassiz só fizera política, deixando de acompanhar a evolução das ciências. E aquela década de cinquenta do século XIX assistiu a uma virada espetacular nas ciências naturais. O pensamento romântico, teológico e finalista sobre a natureza havia sido seriamente desafiado pela teoria darwinista da evolução das espécies.” (*Id.* p. 60).

2.3.2. Agassiz e a Ciência Naturalista

Analisando Agassiz sob a ótica da ciência naturalista, percebe-se que este avançava em suas pesquisas movido por paradigmas, métodos e estratégias sobre os quais pautara sua vida científica, e dos quais não poderia abrir mão sem renegar a sólida carreira que construía ao longo de seus cinquenta e três anos de idade.⁵⁹ Alguns pontos merecem ser destacados nas atitudes de Agassiz como naturalista, para evitar-se um olhar anacrônico que não perceba nele atitudes e métodos absolutamente sintonizados com paradigmas científicos que fundamentaram a História Natural na qual se deu a sua formação.

A História Natural, abraçada por Agassiz desde os primeiros anos de sua formação acadêmica, consolidara-se e construía forte base naqueles últimos três séculos, resistindo inclusive à política Jacobina, que após a Revolução Francesa levou ao fechamento de universidades, de colégios, da Academia de Ciências e mesmo da Faculdade de Medicina num ato encarada por muitos historiadores como de “vandalismo” e “anti-cientificismo”⁶⁰. Entretanto o Museu de História Natural, criado a partir do *Jardin du Roi*, não somente foi poupado, como ampliado.

Uma das razões do *Jardin du Roi* ter resistido ao desmonte jacobino das instituições científicas francesas é que, no imaginário popular, as pesquisas daquela instituição ligada à natureza, e especialmente à agricultura, tinham um espaço muito importante.

Alguns pontos relevantes do método de pesquisa do Museu de História Natural, como centro catalisador das pesquisas ligadas à natureza, merecem

⁵⁹ Em 1860, quando a disputa com Assa Gray já era bastante tenaz, Agassiz tinha 53 anos.

⁶⁰ Segundo Pietro Redondi, a investida pós-revolucionária contra a Academia de Ciências e outras instituições, pode ser entendida como uma reação Jacobina à ciência Newtoniana, tida por aqueles como um modelo aristocrático e pouco inteligível de fazer ciência e, portanto, não democrático. (Ver Redondi, 1989).

ser frisados, para que se possa perceber o quanto Agassiz se encontrava afinado com aquela tradição científica.

Divulgação Científica e Utilitarismo:

A percepção de Edward Lurie ou Marcos Freitas sobre Agassiz e seu contato com o público leigo nos Estados Unidos não constitui propriamente uma metodologia estranha aos naturalistas europeus. Na verdade, a divulgação da ciência naturalista junto ao público era uma prática comum em maior ou menor grau.

A aproximação mantida por Agassiz junto a agricultores americanos também não fugia à tradição da ciência Naturalista na França - que certamente exerceu influência na formação do suíço⁶¹ - vista como uma forma utilitária de fazer ciência.

A França como centro difusor das Ciências Naturais teve evidente importância na formação de Agassiz, e não seria leviano relacionar seu contato estreito com o público leigo à formação ali recebida. Ainda mais se levar-se em conta a sua admiração por Cuvier e contato pessoal com ele mantido. O cientista francês Cuvier era figura que se destacava nesse contexto.

Segundo Kury, a crença numa natureza pródiga, capaz de produzir abundância de alimento com o mínimo de esforço, era comum à cultura européia em fins do século XVIII e início do XIX e bastante radicada tanto na cultura popular quanto na cultura científica. Mitos medievais como o do “País da Cocanha”, terra que emanava leite e mel, persistiram até fins do séc. XVIII. Eram ainda bastante usuais relatos de viagens imaginários em

⁶¹ Vale lembrar a grande presença da obra de Cuvier na formação de Agassiz.

que a natureza produzia com tanta fartura que permitia aos homens que ali viviam desfrutar de abundância com o mínimo de trabalho (Kury, 2001a).

Toda essa mitologia popular, aliada às novas crenças fisiocráticas, fazia com que as ciências naturais e os seus especialistas ocupassem um lugar privilegiado no imaginário da França pré e pós-revolucionária.

O Museu de História Natural, criado em 1793 a partir do *Jardin du Roi*, era o centro convergente dos estudos sobre a natureza. Parte importante da produção de conhecimento, evidentemente, estava voltada para a agricultura. As mudanças nas práticas agrícolas durante o século XVIII e a Revolução foram ínfimas, concentrando-se apenas em pequenas modificações técnicas (Kury, 2001a). Havia assim em meio aos naturalistas e cientistas certa urgência utilitária de fazer acontecer uma revolução também na agricultura francesa, ainda muito ligada aos mitos de abundância medievais.

“A pesquisa utilitária é uma dimensão que fazia parte das ciências no final do séc. XVIII. De forma que cada vez mais fosse possível passar resultados, justificando-a de forma imediata diante da sociedade. Durante a Revolução, esta questão estava na ordem do dia” (KURY, 2001a p. 34).

O acesso do público leigo ao Museu de História Natural foi sempre garantido também nos anos pós-revolucionários. O Museu foi por muitos anos a única instituição a oferecer curso de agricultura. Embora não se conheça o número exato de alunos que freqüentaram os seus cursos, tem-se a notícia, segundo estudos de Deleuze, que, em 1823 a instituição acolhia em torno de dois mil estudantes por ano (Kury, 2001a).

O Museu de História Natural era visto também como um microcosmo do mundo, representado pelas coleções de aves, animais, peixes, plantas e minerais como um símbolo do triunfo do mundo

civilizado sobre as diversas fronteiras e climas (Kury, 2001a), o que certamente despertava a curiosidade do público leigo, que, além dos relatos de viagens, poderiam ver com seus próprios olhos coleções de minerais, plantas e animais advindos das mais distantes regiões do globo.

O acesso do público, porém, não era ponto pacífico entre os naturalistas do Museu. Isso, no entanto, não significa que se cogitasse proibir totalmente a presença de leigos, mas a discussão girava em torno dos limites desse acesso. Por um lado, havia aqueles que acreditavam que a instituição deveria reservar aos especialistas um espaço, onde as pesquisas pudessem ser desenvolvidas e as coleções classificadas. Por outro lado, existiam os que pensavam o museu como espaço democrático, o qual deveria devendo ter suas coleções expostas de forma mais irrestrita ao povo francês, numa visão menos utilitária e que propunha uma tríplice aliança entre artes, ciências e letras (Kury, 2001a).

Desde o tempo do *Jardin du Roi*, nos primeiros anos da Revolução, a situação era um tanto pendular com relação ao acesso do público às dependências da instituição. Por exemplo, o jardineiro chefe, Andre Thouin, defendia uma maior abertura ao público, fazendo do jardim um lugar onde as pessoas pudessem passear, respirar ar puro e conhecer coleções exóticas de outras regiões; Lamarck⁶², no entanto, pensava o *Jardin* de forma mais utilitária, voltado para os especialistas e propunha uma reorganização dos gabinetes de forma a facilitar o acesso dos naturalistas, enquanto o horário de visitação ao público deveria ser restringido (Kury, 2001a). Ambos os naturalistas, no entanto, reconheciam a importância da divulgação das coleções do *Jardin* para o público parisiense, o que variava de fato era o grau de permissividade do acesso ao público.

⁶² Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744 -1829), foi um importante naturalista francês, o qual desenvolveu a teoria da evolução com base nos caracteres adquiridos.

A divulgação científica, bem como o utilitarismo eram conceitos importantes para a História Natural. Não deve causar estranheza, portanto o fato de Agassiz, durante a sua carreira científica, freqüentemente ministrar palestras para leigos⁶³ e, menos ainda, para agricultores americanos, que muitas vezes buscavam nas palestras de Agassiz argumentos relacionados ao poligenismo como aval científico para as suas posições escravistas, embora Agassiz tenha sempre se posicionado contra a escravidão.

As Viagens e Coleções:

A importância que as expedições científicas e as coleções advindas dessas viagens representavam para Agassiz também não é estranha ao método dos Naturalistas do séc. XIX. Vale lembrar que o próprio Darwin, apresentado na tese de Marcus Freitas como a representação científica do progresso, chegou à teoria da evolução das espécies a partir das observações que fez na viagem do Beagle.

As coleções formadas nestas viagens eram de suma importância para a produção de um conhecimento científico baseado no que é passível de ser ordenado, catalogado e interpretado. Esta atitude fazia toda a diferença entre um cientista do século XIX e um colecionador dos séculos XVI a XVIII, que em geral eram antiquários que tinham por finalidade a curiosidade e o luxo.

O público europeu do séc. XIX mostrava-se bastante interessado nos relatos científicos. Havia uma curiosidade acerca das expedições

⁶³ Não pretendemos com esse argumento, no entanto, questionar o fato que ministrando palestras para o público leigo, Agassiz que era mestre em seduzir seus ouvintes conseguia angariar pequenas fortunas para a realização de seus projetos científicos.

científicas, o que fazia com que relatos de viagens, muitas vezes utópicas e imaginárias, se tornassem um mercado para a venda de livros.

“Esse tipo de narração reproduzia mais ou menos a mesma estrutura e as mesmas passagens obrigatórias das narrações de viagens verídicas. Evidentemente que na descrição da organização social de um povo desconhecido, tais textos falavam igualmente da sociedade francesa e seus sonhos. A vida dos homens ditos “selvagens”, no senso de viverem próximos ao estado natural, servia aos escritores filósofos para criticar os modos e as instituições políticas do Antigo Regime ou da Revolução” (KURY, 2001a, p.13).

Apesar das narrações utópicas em que literatos utilizavam a fantasia como fuga da realidade ou também como uma reação ao racionalismo das luzes, as narrações de viagens verídicas faziam igualmente sucesso. Como vimos no capítulo anterior, foi em Munich, no contato com von Martius, que o jovem Agassiz se encantou definitivamente pela história natural a ponto de ser designado para a conclusão da obra de von Spix sobre os peixes brasileiros.

Von Martius, ligado à persistente tradição das ciências das luzes, procurava em suas viagens recolher informações e coleções com método, de forma a produzir conhecimento positivo acerca das áreas exploradas.

“Diferentemente das viagens exploratórias anteriores, os viajantes do século XIX o fazem com o intuito de produzir conhecimento científico seguro, esquadrinhando cuidadosamente as regiões para construir um painel que abrigasse desde as características físico-geográficas das áreas visitadas, até as características sociais e políticas dos povos que as habitavam. Um olhar cuidadoso vai anotando, classificando, ordenando segundo princípios, constituindo, em suma, um saber sobre estes povos distantes e desconhecidos, seguindo as instruções e os métodos sugeridos por Volney ou mesmo Voltaire

de como proceder quando em viagem científica. Deste viajante não se espera apenas um conjunto de impressões ‘romanceadas’ mas um relato circunstanciado, a partir de um método de trabalho, base para a constituição de um saber sobre as sociedades humanas de forma geral.” (GUIMARÃES, 2000, p.393.).

A viagem como método de trabalho do naturalista dividia opiniões em meio aos grandes nomes desta ciência. Georges Cuvier, um dos mais destacados naturalistas e grande inspirador de Agassiz, era sabidamente pouco afeito às expedições exploradoras, preferindo investigar as espécies que recebia de coletores no conforto de seu gabinete. Em 1798, ao ser convidado por Napoleão Bonaparte para acompanhá-lo em expedição ao Egito, Cuvier preferiu ficar em Paris, capital da ciência, onde tinha à sua disposição as coleções mais completas de história natural que o mundo conhecia (Kury, 2001a.).

Coletores não eram necessariamente naturalistas. A classificação proposta pelo sueco Lineu⁶⁴ possibilitou que espécies trazidas de diferentes localidades pudessem ser examinadas e catalogadas. Porém, o viajante coletor deveria obedecer a alguns padrões que permitissem a utilização das coleções por ele recolhidas. O *Instructio peregrinatoris*, atribuído a Lineu, entre outros, dava as orientações àqueles que se aventurassem em viagens exploratórias, como saber ler e desenhar mapas, ter diário claro e preciso, observar e descrever a geografia dos lugares visitados, estar pronto para observar e coletar objetos pertencentes aos três reinos da natureza, dentre uma série de outras instruções (Kury, 1998).

As instruções de viagem permitiam que coletores fizessem chegar às mãos dos naturalistas as mais variadas coleções a serem estudadas em gabinete, como era a preferência de Cuvier. Evidentemente, o sistema

⁶⁴ Carolus Linnaeus (1710 – 1778) ou Lineu, como é conhecido em português, é conhecido como o “pai da taxonomia”. Foi o criador da nomenclatura binominal e classificação científica o que permitiu à Ciência Moderna um grau maior de universalidade.

poderia falhar em alguma das etapas, como a má conservação do material fazendo com que este se deteriorasse antes de chegar ao seu destino, ou mesmo uma leitura errada em parte do processo, como aconteceu com o próprio Lineu, que ao receber espécies de um correspondente seu de Santa Fé – Bogotá, ao norte do Equador, onde atualmente seria a Colômbia, fez uma leitura errada do mapa e tratou as espécimes como vindas do México, atribuindo assim a uma região árida espécies que seriam originárias dos Altos Andes (Knight, 1981.).

Agassiz, tal qual Humboldt e von Martius, desde seus os primeiros trabalhos com os glaciais mostrava-se interessado em viagens exploratórias. Nessa época, quando ainda era professor em Neuchatel, fez diversas viagens aos Alpes, a fim de encontrar indícios que comprovassem que aquelas geleiras teriam tido anteriormente um alcance muito maior, e mesmo nos Estados Unidos fez várias viagens exploratórias por aquele país e pelo Canadá.

Além das viagens feitas pelos Estados Unidos recolhendo espécies nas mais variadas regiões, Agassiz também se valeu de coletores que freqüentemente lhe enviavam coleções de diversas partes do mundo, como era o caso do Reverendo Fletcher, que lhe enviava diversas espécies do Brasil as quais eram criteriosamente classificadas e catalogadas pelo naturalista. Da mesma forma, as diversas coleções de peixes, animais, plantas que recolheu no Brasil durante a expedição Thayer receberam de Agassiz o mesmo tratamento criterioso. Durante o inverno de 1867, todos os seus momentos livres foram ocupados em rever e catalogar as imensas coleções que recolheu em sua viagem ao império brasileiro (Agassiz. E., 1887).

No caso de Agassiz, as viagens ganhavam importância primordial, pois a maneira de comprovar sua posição acerca das províncias zoológicas seria formar uma vasta coleção de espécies relacionadas cada uma às

diferentes paisagens do globo para as quais foram criadas. Sua viagem ao Brasil na Expedição Thayer pode ser interpretada como uma forma ativa do Naturalista, em meio ao debate que se travava acerca do evolucionismo, de recolher provas positivas de sua posição. Portanto, a visão de Edward Lurie de que Agassiz fugia ao debate, por faltar-lhe argumentos, parece carecer de um entendimento do comportamento do naturalista, quando este se movia em paradigmas inerentes à sua formação.

O Debate com Naturalistas de Diferentes países:

O debate que acontecia nos Estados Unidos sobre o evolucionismo não era absolutamente algo localizado. Na verdade, a troca de correspondências entre sábios, no século XIX, era bastante comum e Agassiz encontrava-se nesse circuito, defendendo junto com outros as suas posições.

Diversos exemplos podem ser citados no que se refere aos debates inerentes ao trabalho científico da época. Quando, em abril de 1851, Agassiz fazia um trabalho de pesquisa sobre os recifes da Flórida, escreveu a Charles Lyell.

“Eu passei uma grande parte do inverno na Flórida para estudar os recifes de corais e concluí que se constituem de uma nova classe de recifes distintos dos descritos por Darwin e Dana sob o nome de ‘*recif à franges, recif à barriere e attols*’. Eu li recentemente sobre esse assunto um artigo na *American Academy* que vos enviarei assim que estiver impresso” (AGASSIZ. E., 1887, p. 384).

Em 1862, o geólogo escocês Roderick Murchison escrevia a Agassiz uma carta, na qual trata o naturalista informalmente por “Agass” .

“Caro Agass,

Nós aqui nos encontramos combatendo furiosamente sobre a existência da seleção natural, a idade do mundo, as raças humanas, as datas bíblicas, os macacos e os gorilas, etc... O ultimo duelo aconteceu entre Owen e Huxley sobre as diferenças anatômicas entre os cérebros dos macacos antropóides e dos homens” (AGASSIZ. E., 1887, p. 448).

Ao voltar do Brasil, Agassiz escreve a seu velho mestre von Martius, que se encanta em receber notícias sobre as pesquisas na Amazônia, e, na resposta, não titubeia em pedir a Agassiz que envie, dentre outras informações, material acerca das palmeiras na região, pois estava fazendo justamente naquele momento uma obra sobre a flora brasileira.

“Eu receberei com grande prazer o relato detalhado de vossa viagem e o plano de rota que fizeram. Espero que vós me envieis. Poderíeis dizer-me algo sobre os esqueletos humanos do Rio Santo Antônio em São Paulo? Gostaria muito de saber que palmeiras chamaram especialmente vossa atenção e vos peço o favor de o mais presto me adereçar as partes essenciais de cada espécie que vos pareceram novas, pois desejo terminar este ano as palmeiras da *Flora Brasiliensis*” (AGASSIZ. E., 1887, p. 498 – 499).

Muitos outros exemplos poderiam ser citados dessa troca de correspondência entre naturalistas do séc. XIX, da qual Agassiz de modo algum se encontra apartado.

Em 1857, Agassiz lançou *Essay of Classification*, no qual as bases do criacionismo, da fixidez das espécies, da ontogenia e a da embriologia (fundamentais para o sistema classificatório que propunha) eram reafirmadas. Lurie interpreta o fato como se Agassiz tivesse tragicamente

se fechado ao debate, permanecendo estacionado, enquanto a ciência evoluía à sua volta, (Lurie, 1988) e não como um sintoma da incomensurabilidade de paradigmas que disputavam a hegemonia do discurso científico naquele momento.

Teologia e Ciência:

As posições de Agassiz quanto ao criacionismo, à fixidez das espécies e ao catastrofismo certamente eram assuntos em pauta, que derivavam de uma discussão muito conhecida sobre o providencialismo. A teologia natural de relevância para a cultura científica inglesa também estava presente na França, principalmente a partir da tradução de autores ingleses como John Ray (1657–1735) e Willian Derham (1657–1735). Ambos obtiveram sucesso literário entre 1732 e 1750. (Kury, 2001a).

Para Lineu, os três reinos da natureza foram criados para o homem, a fim de exaltar a glória do Criador. A natureza testemunhava a sabedoria divina e cada elemento dos três reinos - mineral, vegetal e animal - tinha uma razão de ser no propósito divino. Buffon, seu contemporâneo e o mais eminente naturalista das Luzes a não usar o argumento providencialista, não via a natureza como feita para o homem, e se ele a dominava era graças ao exercício de suas capacidades intelectuais e físicas. (Kury, 2001a).

Assim, a discussão sobre a intervenção divina e o papel do homem na criação não era um debate iniciado com Darwin e a seleção natural. Entre os naturalistas, Lamarck foi um dos que trouxe novos argumentos contra o providencialismo. Em 1788 Jean Baptiste Pierre de Monet, Chevalier de Lamarck, tornou-se assistente de Buffon no departamento de botânica do então *Jardin du Roy*. Quando, posteriormente, a instituição se

reorganizou como Museu de História Natural, Lamarck foi indicado como professor de “animais inferiores”, atualmente chamados de invertebrados, segundo a nomenclatura dada por ele (Mayr, 1998). A partir de suas pesquisas com esses seres, o naturalista elaborou uma hipótese para a qual fatores ambientais como clima, modo de vida ou alimentação poderiam ter o efeito de, ao longo de várias gerações, estimularem um mecanismo de transformação nos indivíduos de uma espécie. Um esforço repetido de, por exemplo, uma girafa para comer folhas na copa das árvores mais altas faria com que a geração subsequente apresentasse um alongamento progressivo no pescoço, numa forma de adaptação do ser ao meio.

Evidentemente, o evolucionismo de Lamarck atraía adeptos e adversários em meio aos naturalistas. Cuvier era um dos que se opunham a Lamarck de forma frontal. Conforme observa Mayr (1998), o fato de Lamarck ter trabalhado com moluscos fósseis e recentes permitiu-lhe uma visão sérias filéticas que os mamíferos fósseis não poderiam dar a Cuvier.

Em casos de moluscos marinhos, Lamarck descobriu espécies de mexilhões e outros moluscos que tinham análogos entre as espécies fósseis, o que permitia em muitos casos ordenar espécies em linhas filéticas, desde estratos primitivos e mais recentes do Terciário em sérias cronológicas até finalizar em sérias recentes. Assim, o naturalista imaginou uma correlação tendo como base em transformações ocorridas ao longo do tempo. No caso dos mamíferos fósseis estudados por Cuvier, as conexões eram muito mais esparsas. No caso dos elefantes fósseis, nenhum deles tinha um análogo vivo, o que levava a concluir que antigas espécies se extinguíram sendo substituídas por outras inteiramente novas⁶⁵ (Mayr, 1998).

Além de opor-se ao providencialismo, Lamarck introduziu no debate o argumento evolucionista, ainda que de maneira diferente daquela que

⁶⁵ Evidentemente, Lamarck somente pôde conceber tal hipótese partindo de uma concepção de mundo em que o providencialismo não se configurava como paradigma.

Darwin faria posteriormente⁶⁶. Tanto o providencialismo como o evolucionismo eram discussões que se encontravam no debate científico há bastante tempo e mobilizavam grandes nomes em ambas as correntes de um lado como de outro. Desse modo, as polêmicas nas quais se envolveu Agassiz vinculavam-se a debates existentes há pelo menos um século no âmbito da história natural.

Cuvier, como vimos no capítulo anterior, elaborou seu pensamento através do criacionismo, da fixidez das espécies e do catastrofismo alicerçado no providencialismo. Agassiz, por sua vez, construiu sua carreira como naturalista com base nos paradigmas do mestre Cuvier.

Agassiz avançou no caminho aberto por Cuvier, ao propor o fenômeno das glaciações como prova do catastrofismo cíclico que destruía a criação anterior e iniciava um novo ciclo. Utilizando-se do conceito de “províncias geológicas” de Humboldt para as espécies vegetais, Agassiz ampliou-o para as espécies animais como “províncias zoológicas” interdependentes e concluiu que as espécies teriam sido criadas para lugares determinados na terra não sofrendo assim qualquer processo evolutivo.

No trabalho de Lurie e de Freitas há uma clara percepção da ciência e da religião como campos excludentes. Segundo Lorelai Kury, contudo, essa pressuposição é bastante questionável. O Iluminismo português, por exemplo, foi fortemente marcado pelo providencialismo. Em outros países europeus como a França e a Inglaterra, o “utilitarismo devoto” era uma tendência filosófica percebida em vários homens das ciências e das letras. (Kury, 2004).

O próprio Gray, em meio ao debate com Agassiz, procurou esclarecer ao público leigo e especializado que as idéias de Darwin não eram

⁶⁶ Muito contemporâneos não faziam uma clara distinção entre o evolucionismo proposto por Lamarck, fundamentado na herança dos caracteres adquiridos, e o de Darwin, com base na seleção natural.

essencialmente ateístas e materialistas. Argumentava, por exemplo, “que a concepção de Deus como a causa primeira antes da adaptação e variação das espécies não era menos teísta do que supor que um supremo poder criou um mundo imutável” (Lurie, 1960.).

Toda essa discussão não tem por objetivo defender Agassiz ou as suas crenças, é evidente que os paradigmas por ele abraçados se encontravam em crise na segunda metade do século, o que levou a um verdadeiro êxodo paradigmático, deixando cientistas como Agassiz isolados em suas posições no fim dos seus dias.

Não se pode esquecer, no entanto, que as crenças de Agassiz provinham de uma longa tradição científica e que a história escrita a posteriori (quando fatos já se encontram consumados e vencedores e vencidos são facilmente reconhecíveis) tende a atribuir juízo anacrônico aos personagens, imputando-lhes valores e informações de que se dispõem atualmente e que tais personagens não teriam como deles dispor.

2.4. A Viagem ao Brasil

2.4.1. De Turismo a Expedição Científica

No inverno de 1864-65, a saúde de Agassiz começou a fraquejar. Parece que o imenso esforço físico e psicológico que fizera para resistir ao ataque de seus adversários, organizar e classificar as coleções do Museu de Cambridge e as diversas conferências proferidas acabou por esgotá-lo física e mentalmente. Foi-lhe sugerida uma viagem à Europa. Porém, deslocar-se para o Velho Mundo, centro do debate científico, não parecia uma alternativa relaxante.

A possibilidade de viajar ao Brasil, país com o qual teve contato aos vinte anos de idade por meio das coleções de Spix, sempre fora um sonho e como naquele momento contasse com o favor do imperador brasileiro, profundamente interessado por todos os empreendimentos científicos, tal possibilidade parecia bastante mais fácil de concretizar-se.

A viagem, no entanto, teria um caráter meramente turístico, embora isso gerasse no naturalista a frustração de passar pelo Brasil sem ter recursos para empreender ali uma expedição científica. Tudo modificou-se quando Agassiz encontrou Nathaniel Thayer, descrito por ele como “benfeitor solícito das ciências”, que ao saber do desejo de Agassiz de tornar sua viagem uma expedição científica ofereceu-se voluntariamente para arcar com as despesas de Agassiz e seus auxiliares.

Agassiz afirma no prefácio do livro ‘Viagem ao Brasil’, escrito na sua maior parte por sua esposa Elizabeth Cary Agassiz, que se surpreendeu com a liberalidade da oferta e que, embora o custo da expedição tenha ultrapassado em muito o previsto inicialmente, Thayer proveu com a máxima largueza todas as necessidades (Agassiz. E. & L. 2000).

Sem os obstáculos financeiros, Agassiz preparou-se para a viagem formando sua equipe, que seria composta pelas seguintes pessoas: Jacques Burkhardt, desenhista; John G. Anthony, conchiologista; Charles Frederick Hartt e Orestes Saint-John, geólogos; John A. Allen, ornitologista; George Sceva, preparador; Newton Dexter, William James, Edward Coperland, Thomas Ward, Walter Hunnewell S. V. R., Thayer como voluntários; além de seu cunhado Thomas G. Cary, que se dirigiu para a Argentina onde recolheu coleções, Elizabeth C. Agassiz (esposa de Agassiz) e um casal de amigos, Sr. e Sra. Cotting, que viriam ao Rio de Janeiro para descansar. (Agassiz. E. & L. 2000).

No dia 1º de abril de 1865, lançava-se ao mar o paquete Colorado com Agassiz e sua equipe rumo ao Rio de Janeiro, capital do império

brasileiro, de onde sairia a expedição em diferentes frentes, sendo que Agassiz e sua esposa se dirigiriam para a Amazônia.

A viagem de descanso acabara convertendo-se em esperança de constituir importante coleção para fortalecer suas hipóteses, bem como em buscar comprovações geológicas da formação glacial em regiões de clima mais quente. Se Agassiz tivesse sucesso em seu intento, a viagem poderia ser um eficiente golpe contra os evolucionistas.

Durante o longo trajeto, Agassiz ministrava palestras à sua equipe, em que deixava claro os objetivos e métodos da expedição Thayer no Brasil. Para tal, algumas questões pareciam essenciais.

“A origem da vida é o grande problema do dia. Como o mundo orgânico chegou a ser o que é? Eis uma questão sobre a qual devemos desejar que nossa viagem traga algum esclarecimento. Como o Brasil se tornou habitado pelos animais e as plantas que nele vivem atualmente? Quais os seres que o povoaram nas eras passadas? Que razões temos nós para acreditar que o atual estado de coisas nesse país derive por uma forma qualquer de um estado de coisas anterior?...” (Agassiz. E. & L., 2000, p.29).

As questões, para as quais Agassiz buscava respostas na Expedição Thayer, não eram fundamentalmente diferentes daquelas que outros naturalistas como Charles Darwin levantavam numa viagem expedicionária feita na mesma época. Porém, as bases em que se firmavam um e outro para resolvê-las eram extremamente diferentes. Um dos pontos primordiais colocados por Agassiz para a sua equipe era esclarecer “que extensão abrangem no mundo as espécies distintas e quais os seus limites?” (AGASSIZ. E. & L., 2000, p.31). Como vimos, Agassiz acreditava que as espécies eram criadas para “províncias zoológicas” específicas e que, via de regra, permaneciam naquela região, não tendo também nenhuma relação genealógica com espécies de outras regiões ou com os extratos fósseis

anteriores. A única espécie que mais facilmente se adaptava a migrações era o homem, mesmo assim a raça negra quando liberta da escravidão tendia a migrar para áreas de climas mais quentes.

A coleta e catalogação do maior número possível de espécies da fauna ictiológica brasileira fazia parte de um projeto muito maior de Agassiz que seria comparar essas espécies com outras de diferentes rios e bacias do globo. Dessa forma pretendia provar que não havia qualquer relação entre elas como apregoavam os evolucionistas.

O desejo de comparar espécies de vários rios e bacias do mundo já se manifestava em carta que escrevera a George Ticknor em 1863, professor de literatura espanhola e francesa em Harvard.

“Faça, eu vos peço, tudo que está em vosso poder para a realização deste projeto. Espanha poderá nos fornecer o material próprio para reduzir a questão da transmutação em oposição à da criação. Eu farei o mesmo apelo a meus amigos da Rússia para obter deles peixes de seu país, bem como da Sibéria e de Kamtchatka.” (AGASSIZ, E., 1887. p. 460).

Os rios, como sistemas físicos de limites e características perfeitamente determináveis, serviam-se como um campo de trabalho no qual a não-relação entre as espécies poderia ser mais facilmente comprovada (Freitas, 2000).

A palestra proferida em 7 de abril, ainda a bordo do paquete Colorado, também tratava de um ponto crucial para Agassiz na viagem. Seu título era “Plano de pesquisas geológicas a executar no ponto de vista especial dos fenômenos glaciários na América do Sul” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p.34).

Agassiz estava convencido de que encontraria em terras brasileiras os mesmos vestígios que antigas geleiras deixaram no hemisfério norte, comprovando assim que a maior parte do globo teria passado por um período glacial, o qual julgava ter sido bem mais recente do que hoje acreditam os geólogos.

“Estou tão certo de encontrar os traços glaciais nos limites por mim indicados há pouco, que é como se eu os já tivesse visto. Aventuro-me mesmo em prever que as primeiras morenas hão de ser encontradas no vale do rio Maranhão, na região que esse vale se encurva para leste, próximo a Jaen” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 38).

Um dos indícios procurados por Agassiz seria o *drift*, ou seja, camadas geológicas de uma outra localidade encontradas na superfície de um terreno sem que apresente qualquer relação com as rochas subjacentes. Em outras palavras, camadas superficiais que teriam sido transportadas por uma enorme força, provavelmente o deslocamento de imensas massas de gelo.

Outro indício importante para a comprovação da hipótese de Agassiz seria a presença de “morenas” que, numa definição bem geral, seria o acúmulo de detritos laterais e frontais deixados no terreno como marca do deslocamento das grandes geleiras (Agassiz, E. & L., 2000).

A presença de blocos erráticos, que seriam rochas transportadas pelo deslocamento das geleiras para terrenos distantes de seu local de origem e estrias no solo como marcas de deslocamento dos grandes blocos de gelo também eram importantes indícios (Gould, 1992).

A longa viagem permitiu que Agassiz fizesse uma série de 14 palestras, em que questões importantes, como a maneira de conservar e classificar as espécies recolhidas, os objetivos e as estratégias da viagem, foram tratadas. Contudo a última palestra, quando os preparativos para a

chegada já se faziam, Agassiz reservou para falar à sua equipe sobre a “teoria das transformações das espécies”.

“Não temos, eu confesso, uma demonstração da ação de um poder criador, como as que a ciência exige para a evidência positiva de suas leis; somos incapazes de avaliar os meios pelos quais a vida foi introduzida na Terra, Mas se, do nosso lado, os fatos são insuficientes, eles faltam em absoluto do lado dos nossos adversários. Não podemos considerar a teoria do desenvolvimento como provada porque parece plausível a alguns naturalistas.” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 58).

Na mesma palestra, Agassiz ainda salienta que deseja simplesmente prevenir sua platéia “não contra a teoria do desenvolvimento, mas contra o método vago e descuidado que ela emprega” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p.59) e aconselhava aos ouvintes que, fosse qual fosse o lado a que aderissem, se ativessem aos fatos e deixassem de lado outros argumentos. O que Agassiz buscava em sua viagem eram fatos, indícios e provas que, reunidos em forma de coleções, dessem à sua teoria maior credibilidade do que o evolucionismo.

A retórica da comprovação empírica e neutra dos fatos, utilizada por Agassiz, acompanha o nascimento do que se convencionou chamar de “ciência moderna”. O conhecimento baseado na experiência, no caso dos filósofos naturais, teria a natureza como base. No Renascimento, mesmo os textos escolásticos deveriam ser submetidos à observação empírica dos fatos da natureza antes de serem aceitos. Alguns, mais radicais como Bacon, chegavam a considerar que Aristóteles corrompera uma filosofia mais primitiva e mais valiosa, enquanto outros afirmavam que a tradição, ao passar por várias transcrições até chegar aos seus dias, poderia ter

sofrido deturpações, e daí a necessidade da comprovação dos fatos junto ao “livro da natureza”. (Shapin. 1999).

2.4.2. Chegada ao Rio de Janeiro

O relato da viagem foi publicado pela primeira vez em 1867, e pode ser analisado como uma proposta para o gênero da divulgação científica. Elizabeth Cary Agassiz escreve a maior parte do relato, atendo-se à narrativa do pitoresco da viagem e à transcrição de cartas e trechos de conferências de seu marido de forma bastante didática. Essa escrita extremamente agradável é atravessada por notas e apêndices em que Agassiz dá informações mais técnicas, quando expõe teorias científicas e explicações sobre espécimes e fenômenos estudados no Brasil⁶⁷ (Kury, 2001b.).

A chegada dos Agassiz ao Rio de Janeiro confirmou a boa expectativa que tinham quanto à recepção por parte do Imperador, o qual proveu todas as facilidades possíveis para que a expedição tivesse o sucesso desejado. A fim de melhor se aclimatarem e organizarem os preparativos para a expedição ao Amazonas, o casal permaneceu na corte por três meses, durante os quais fizeram diversas excursões, tanto de valor científico quanto turístico, no caso de Elizabeth. Nesse período, Agassiz também ministrou palestras na corte brasileira, onde, pela primeira vez, graças a Elizabeth, foi permitida a presença de mulheres. Contando inclusive com a presença da Imperatriz e da princesa imperial. (Agassiz, E & L. 2000; Kury, 2001b.).

⁶⁷ No entender de Kury, o texto dos Agassiz faz uma separação clara entre as observações culturais e as explicações científicas. As primeiras, de Elizabeth, têm um tom ameno e agradável e as últimas, de Agassiz, uma linguagem grave e difícil. Essa seria uma forma diferenciada dos relatos de viagens da época que, quando tinham o caráter científico, eram escritos sempre por homens e inseriam no mesmo quadro explicativo tanto os fenômenos culturais quanto os científicos (Kury, 2001a.).

No Rio de Janeiro, em excursão às montanhas da Tijuca, Agassiz encontra não somente o *drift*, como blocos erráticos, e a forma como relata a descoberta em carta a um dos professores de Harvard mostra o grau de ansiedade em que se encontrava o naturalista para encontrar os indícios que procurava – “Ontem foi um dos dias mais felizes da minha vida” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 104).

2.4.3. Rumo à Amazônia

A expedição partiu do Rio de Janeiro rumo ao Pará em 25 de julho de 1885 e o favor do Imperador fez com que Agassiz contasse com um aparato que faria inveja a von Martius⁶⁸. Chegando ao Pará, tiveram à sua mercê um navio a vapor que o Barão de Mauá colocara à disposição do grupo, além de contarem com criadagem, suprimentos e um guia, profundo conhecedor da região e das línguas indígenas, o Major Coutinho. (Agassiz, E. & L., 2000).

Agassiz continuou buscando marcas dos fenômenos glaciais tanto na costa brasileira, no caminho do Pará, quanto na Amazônia e em vários pontos, como no Ceará, no Maranhão e em partes da bacia Amazônica. Ficou convencido de encontrar o tão procurado *drift* em diversas localidades e mesmo “morenas da geleira de Pacatuba” no Ceará⁶⁹ (Agassiz, E. & L., 2000, p. 421), como também no Rio de Janeiro.

Todos esses indícios careciam de outras provas. Na Amazônia Agassiz não encontrou no solo provas do deslocamento das geleiras, dado fundamental para comprovar a sua teoria.

⁶⁸ “Vós bem sabeis que tenho acompanhado vossa viagem ao Amazonas com o mais vivo interesse [...] quarentas anos depois de mim empreendestes vossa expedição em condições infinitamente mais favoráveis [...] a maior dificuldade que encontramos [há quarenta anos atrás] foi causada pela ínfima dimensão de nosso barco; ele era tão pequeno que atravessar os rios oferecia sempre perigo” (MARTIUS apud AGASSIZ, E., 1887, p. 498).

⁶⁹ É interessante observar como no texto Agassiz fala das “geleiras de Pacatuba”; era como se avistasse no local os imensos blocos de gelo que acreditava terem feito parte da paisagem no passado.

“Perguntar-me-ão desde logo se eu descobri também as inscrições glaciárias – as ranhuras, as estrias, as superfícies polidas tão características sobre os terrenos percorridos pelas geleiras. Respondo que não; não encontrei o menor traço. A razão é simples: é que não há em todo vale do Amazonas uma única rocha que tenha conservado a sua superfície natural. São elas de natureza tão friável e a decomposição produzida pelas chuvas quentes e torrenciais dessa latitude pela ação constante de um sol abrasador é tão grande e incessante que não se pode ter a esperança de encontrar aquelas marcas.” (Agassiz, E. & L., 2000, p. 392).

Charles Lyell não poupou críticas a Agassiz quando este apresentou o resultado de suas pesquisas.

“Agassiz tem se entusiasmado em demasia acerca dos glaciais...Todo o grande Vale Amazônico, abaixo das Cordilheiras teria estado cheio de gelo...Ele não encontrou uma única pedrinha glacial ou rocha polida... e apenas dois ou três blocos transportados, os quais não eram glaciais.” (Lyell *apud* LURIE, 1960. p. 354).

Mesmo o *drift* que, no Rio de Janeiro, fez Agassiz experimentar um dos dias mais felizes de sua vida foram contestados pelo engenheiro brasileiro Guilherme Schuch Capanema e pelo próprio Charles Hartt em sua terceira viagem ao Brasil (Freitas, 2000). Agassiz, no entanto, partiu do Brasil convencido de que encontrara indícios suficientes para afirmar que teria havido na região um período glacial, posteriormente ao período terciário, contradizendo assim as hipóteses de Humboldt e de von Martius. Assegurava ainda que o arenito que cobria o vale do Amazonas fora

depositado por águas doces, procedentes das geleiras, e não seria uma formação marinha como Murchison, Lyell e Darwin haviam proposto.⁷⁰

Quanto à pesquisa ictiológica, Agassiz deparou-se com uma variedade de espécies que extrapolou qualquer expectativa. Como classificador, o naturalista era um separacionista convicto. Logo, diante de uma fauna tão rica, numerosas novas espécies foram classificadas.

“Meus resultados zoológicos não são menos satisfatórios, e por falar em peixes, encontrei somente no Pará, em uma semana, mais espécies do que se há descrito até o presente em toda a Bacia do Amazonas: o que quer dizer um total de 63. Este estudo, creio, será útil para a ictiologia, posto que já possa distinguir cinco novas famílias e dezoito novos gêneros e espécies inéditas se elevam para mais de 49.”⁷¹

Ao escrever a carta, cujo trecho destacamos acima, para o Imperador brasileiro, Agassiz ainda se encontrava nas cercanias do Pará. Na semana seguinte, penetraria mais profundamente na floresta amazônica, onde o número de espécies catalogadas pelo naturalista aumentaria de forma exorbitante.

A maneira como Agassiz classificava os seres partia do princípio que “os pensamentos do Criador têm um laço ideal”, o que pode ser percebido por meio da análise da recapitulação que as transformações ontogenéticas revelavam pela embriologia. Em outras palavras, o desenvolvimento de um ser, desde um ovo fertilizado até a sua forma fixa, remetia às formas com que o criador designara a escala dos seres; escala que ia de organismos menos desenvolvidos aos mais desenvolvidos. No caso dos seres

⁷⁰ Carta de Agassiz ao Imperador Pedro II em 23 de fevereiro de 1866 (MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952, p. 104).

⁷¹ Carta de Agassiz ao Imperador Pedro II em 2o de agosto de 1865. (MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952, p. 87).

articulados⁷², insetos, crustáceos e vermes, por exemplo, os naturalistas em geral entravam em consenso acerca da posição dos vermes como inferiores na escala, porém divergiam quanto a ordenar os crustáceos abaixo dos insetos e vice-versa. Na perspectiva de Agassiz, examinado o desenvolvimento dos insetos, percebia-se que num primeiro momento tinham a aparência de um verme, para numa segunda fase, no estado de crisálida, parecer um crustáceo e somente depois, chegaria à forma fixa de inseto. Tal desenvolvimento mostrava uma escala proposta por Deus, para ordenar as espécies umas em relação às outras. (AGASSIZ, E. & L., 2000).

Em alguns casos, a recapitulação poderia remeter a formas de animais extintos por Deus, o que não representava para Agassiz qualquer ligação em escala evolutiva entre animais vivos ou extintos. Na sua concepção, animais estariam restritos não somente a áreas específicas, mas a épocas específicas. (Kury, 2001a).

Para Agassiz, em sua expedição na Amazônia, era muito importante não somente recolher espécies, mas classificá-las de forma a poder compará-las com outras de regiões diversas do globo, a fim de comprovar que não existia uma relação de parentesco entre elas.

Em novembro, Agassiz escrevia carta ao Imperador na qual afirmava que sua coleção de peixes já chegava a 1.150 espécies e que o sucesso da expedição parecia superar suas forças e seus meios.⁷³ Em fevereiro do ano seguinte, Agassiz afirmava já haver identificado na Amazônia dez vezes mais espécies que em todo o Mediterrâneo. Calculava que naquele momento o total de espécies que possuía se encontrava entre 1.800 a 2.000.⁷⁴

⁷² Denominação hoje em desuso. Refere-se a insetos e crustáceos que fazem parte do ramo dos artrópodes e os “vermes” foram subdivididos em vários ramos distintos.

⁷³ Carta de Agassiz ao Imperador Pedro II em 25 de novembro de 1865, (MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952, p. 93).

⁷⁴ Carta de Agassiz ao Imperador Pedro II em 23 de fevereiro de 1866, (MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952, p. 99).

Era muito importante, não somente classificar as espécies, mas registrar detalhadamente o local onde teria sido recolhida, já que cada uma delas fora criada para uma determinada “zona zoológica”.

No Amazonas, o conceito de zonas zoológicas parece ampliar-se para Agassiz, ali, chegava a propor que, de uma margem para outra, as espécies fossem diferentes. Com tal proposição, que mostrava que as províncias zoológicas não necessitavam de isolamento físico umas das outras, mas bastava que a constituição de determinada espécie fosse criada para uma determinada área para que ela ali permanecesse, sem se aventurar por outras.

“Tive ocasião de me certificar como são diferentes os peixes que fazem parte de faunas adjacentes da mesma bacia hidrográfica. Não voltei ainda a mim da surpresa que tive ao descobrir, perto de margens que geograficamente devem ser simplesmente consideradas como limites opostos dum mesmo curso d’água, populações ictiológicas essencialmente diferentes” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 236).

2.4.4. População Brasileira

Além das pesquisas geológicas e ictiológicas, Agassiz, como bom naturalista que era, mantinha-se atento a tudo que pudesse despertar a sua curiosidade científica. Tratou de recolher espécies de aves, animais e plantas, principalmente palmeiras, para enriquecer a sua pesquisa e as coleções do Museu de Cambridge. Além disso, o casal Agassiz manteve-se muito atento à população brasileira.

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, a curiosa Elizabeth junto com mais alguns tripulantes foram “flanar ao acaso” na pequena ilha das

Enxadas, na Baía de Guanabara, perto de onde o navio ancorou para repor o suprimento de carvão, e ali o grupo deu com uma dança de negros.

“Um grupo de escravos, pretos como azeviche, estava a cantar o fandango. Tanto quanto pude compreender, um corifeu abria a dança cantando uma espécie de copla, dirigida a todos os assistentes, um após outro, cada vez que completava a volta da roda, em seguida todos a repetiam em coro, com intervalos regulares. Com a continuação, a excitação aumentou e a dança se tornou como que uma exaltação selvagem acompanhada de exclamações e gritos estridentes. Os movimentos do corpo lembram, numa singular combinação, a dança dos nossos negros e dos espanhóis.” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 66).

Segundo o relato de Elizabeth Agassiz, os negros brasileiros festejavam com a sua “exaltação selvagem” a abolição da escravatura nos Estados Unidos. O fato é que a sua descrição mais parece uma cerimônia de culto afro-brasileiro. De qualquer forma, tais negros “pretos como o azeviche” não seriam tão estranhos a Elizabeth que conseguia fazer um paralelo entre tal população e os negros norte americanos e os espanhóis. Muito mais chocante fora o primeiro contato de seu marido com a população negra na Filadélfia.

O que verdadeiramente pareceu estranho a Elizabeth foi o que relatou ao descrever um baile em Manaus, para o qual o casal Agassiz fora convidado.

“Era grande a variedade das toaletes; seda e cetim misturavam-se à lã e às gazes, e os rostos mostravam todas as tonalidades do negro ao branco, sem esquecer as cores acobreadas dos índios e dos mestiços. Não há aqui, com efeito, o menor preconceito de raça. Uma mulher preta – admitindo-se, já se vê que seja livre – é tratada com a mesma consideração e obtém a mesma atenção que teria se fosse branca. Todavia, é raro encontrar-se na sociedade uma pessoa que seja absolutamente de pura raça negra, mas vêem-se numerosos

mulatos e mamelucos, como chamam aos mestiços de índio e negro” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 270).

Dois pontos podem ser destacados no trecho anterior como causadores de surpresa a Elizabeth Agassiz. O primeiro é a ausência de preconceito de raça por parte dos brasileiros. Em comparação com a sociedade americana da qual vinha, é bastante compreensível que não percebesse qualquer forma de preconceito racial na sociedade brasileira, na qual posição social em geral sobrepõe-se a preconceitos de cor. O segundo fator de estranhamento é o grau de mestiçagem da população, e sob este aspecto o pitoresco do relato é cortado pelo tom grave e científico de Agassiz.

“Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu” (Agassiz. E. & L, 2000, p.282).

Na Amazônia, Agassiz juntamente com Hunnewell, tendo este último consagrado seu tempo no Rio para aprender os processos fotográficos, promoveram uma série de tomadas fotográficas da população local.

“O estudo das raças humanas que se cruzam nesta região também me ocupou bastante e procurei obter numerosas fotografias de todos os tipos que pude observar. O principal resultado a que pude chegar é que as raças se

comportam umas em vista das outras como as espécies no reino animal, o que significa que os híbridos que nascem do cruzamento de homens de raças diferentes são sempre a mistura de dois tipos primitivos e jamais a simples reprodução de caracteres de um ou de outro dos progenitores, como é o caso de raças de animais domésticos.”⁷⁵

Para Agassiz, a miscigenação indiscriminada no Brasil era um dado desconcertante e difícil de solucionar, uma vez que tomava as chamadas raças humanas como espécies distintas.

Nos Estados Unidos, Agassiz pensara que, após a libertação dos escravos, a raça negra movida por um tipo de “afinidade irresistível” se deslocaria naturalmente para as áreas mais quentes ao Sul, formando assim núcleos de povoação negra, os quais o governo branco deveria acatar. No tocante aos “mulatos”, salientara o cientista, permaneceriam em meio à população branca e “morreriam entre nós”,⁷⁶ devido à debilidade física que lhes era inerente e à sua pouca fertilidade.

A mestiçagem radicalmente disseminada, que os Agassiz observam desde o Rio de Janeiro até o Amazonas, produz-lhes uma sensação de desordem, e, no Amazonas, a mistura parece assumir sua forma mais radical.

“Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura dos tipos, pois nela, [Amazônia], os mamelucos, os cafuzos, os mulatos, os caboclos, os negros e os brancos, produziram por suas alianças uma infusão à primeira vista parecendo indestrinchável”⁷⁷ (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 284).

No Brasil, a convicção de Agassiz quanto à fertilidade dos híbridos humanos parece ter sido abalada. Afinal, como bom observador naturalista,

⁷⁵ Carta de Agassiz ao Imperador Pedro II em 23 de fevereiro de 1866, (MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952, p. 100).

⁷⁶ AGASSIZ, E., 1887, p.467.

⁷⁷ Trecho escrito por Elizabeth.

tinha entrado em contato com uma população majoritariamente mestiça em todo o vasto território visitado. Além disso, Agassiz supunha que as raças mestiças pudessem voltar ao tipo primitivo após novos cruzamentos.

“O mameluco é positivamente um meio-sangue entre o branco e o índio, o cafuzo um meio-sangue entre o índio e o negro, o mulato entre o branco e o negro. Todos apresentam particularidades igualmente do pai e da mãe e, embora a fecundidade seja entre eles maior que nas outras famílias do reino animal, há em todos eles uma tendência constante para voltar aos tipos primitivos; isso num país em que as três raças distintas estão em constante promiscuidade” (AGASSIZ, E. & L., 2000, p. 287).

Consoante Agassiz, das três raças que formam a base da população, o índio é o que imprime sua marca de forma mais contundente na prole.

“Parece que a influência do índio tem a força justamente precisa para anular os altos atributos do branco, sem comunicar ao produto nada da sua própria energia. É muito de notar que, nessas duas combinações do índio, quer com o branco, quer com o preto, o primeiro imprima seu traço na descendência muito mais profundamente que o progenitor da segunda raça. Nos cruzamentos levados mais adiante os caracteres do índio puro ressaltam e os das outras raças se apagam com rapidez digna de reparo; conheci o filho de dois mestiços, um índio-negro, outro índio-branco, que haviam readquirido quase que completamente as características do índio puro” (AGASSIZ, E. & L. 2000. p. 488)

Tanto no caso brasileiro quanto no norte-americano, o que se percebe é que o elemento mestiço causa uma sensação de desconforto e que “soluções” sempre são imaginadas a partir do princípio de “transitoriedade” desse “tipo”. Para Agassiz, que pensava as espécies como fixas e as “raças humanas” como espécies, uma população mestiça certamente

causava mais desconforto do que uma população em que negros e brancos poderiam conviver de forma respeitosa, mas devidamente separados.

Não se pense, no entanto, que o casal Agassiz era desumano no tratamento com as outras etnias. O casal, ainda que por motivos suspeitos⁷⁸, era absolutamente contra a escravidão, e mais ainda contra os maus-tratos aos escravos. Na primeira visita do casal ao palácio de São Cristóvão, ao ser perguntado pelo Monarca sobre suas impressões acerca do Brasil, de maneira corajosa, o naturalista respondeu que tudo o encantava, com exceção de uma coisa. O Imperador então insistiu que o naturalista relatasse o seu incômodo e este prosseguiu “devo dizer que me tem chocado o número de negros estropiados em consequência do grande peso que carregam à cabeça”, o que a seu ver era uma trágica consequência da escravidão.⁷⁹

Elizabeth, por seu temperamento afável e sua curiosidade intransitiva que a impelia a comunicar-se com todos, teve uma interação muito grande com a população local, relação porém sempre marcada, nas palavras de Lorelai Kury, por um sentimento de “tranqüila superioridade”⁸⁰. Ela, mais de uma vez, sentiu-se indignada ao deparar-se com populações indígenas sendo laçadas e recrutadas à força para lutarem na guerra do Paraguai. (AGASSIZ, E. & L, 2000, p. 317 – 318). Agassiz denuncia também ao Imperador, em carta de Manaus, o tratamento desumano dispensado aos índios.

“À primeira vista, não me parece que o tratamento a que os indígenas são submetidos seja favorável à civilização, nem que os meios empregados, avessos à discrição, possa contribuir para torná-los semelhantes a outras raças”⁸¹

⁷⁸ Agassiz acreditava que a escravidão, além de não promover a civilidade nos negros, corrompia os brancos que tinham os seus laços por demais estreitados com uma raça inferior.

⁷⁹ MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952, p. 77.

⁸⁰ KURY, 2001a. p.166.

⁸¹ Carta de Agassiz ao Imperador Pedro II em 23 de novembro de 1865. (MEC - ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, 1952. p. 100).

2.5. Volta aos Estados Unidos

Na volta a Cambridge, o Museu aumentara sua coleção, entre peixes, aves, jacarés, plantas, amostras de rocha, solo; em suma, um total de oito mil itens em história natural coletados por Agassiz e seus assistentes. Certamente uma das maiores coleções reunidas em uma só viagem. (Lurie, 1988). Embora sua viagem ao Brasil tenha trazido um resultado tão formidável em termos numéricos, não se constituiu no golpe certo que Agassiz pretendia desferir na crença dos evolucionistas. De fato, não somente a falta de evidências de uma glaciação no Pleistoceno, mas também o excesso de espécies identificadas acabaram sendo vistos por Lyell como uma estratégia de Agassiz para favorecer sua posição relativamente às províncias zoológicas.

“... Plantas e animais que não dariam qualquer trabalho a alguém que, sem qualquer escrúpulo, possa criar não somente inúmeras espécies de uma só vez, mas toda uma separação individual de espécies, de forma a alocá-las em suas províncias geológicas” (LYELL *apud* LURIE, 1960, p. 354).

Agassiz dedicou os três anos seguintes ao Museu e à sua ampliação, com construção de novo prédio que comportasse a sua enorme coleção. Nesse período, as relações entre Agassiz e Gray se restabeleceram, e conquanto os dois professores não partilhassem da mesma visão acerca da origem das espécies, pelo menos voltaram a tratar-se com cordialidade.

Em setembro de 1869, após uma cerimônia em homenagem ao centenário de Humboldt, Agassiz sofreu um derrame cerebral. O gigante incansável tinha dificuldade em falar e se locomover. Seu amigo e biógrafo Marcou descreveu assim seu estado “... ele parecia um leão preso em cadeias e engaiolado numa caixa de metal. Seu esplêndido e forte corpo já não obedecia a seu comando.” (LURIE, 1960, p. 369).

2.6. Agassiz em Galápagos

Esse não era ainda o seu fim. Depois de quatorze meses, Agassiz recuperou o antigo vigor, voltando ao trabalho no Museu de Cambridge. Mais do que isso, em fevereiro de 1871, recebeu uma carta do *Coast Survey* que trazia uma oferta irrecusável para qualquer naturalista. Um navio a vapor, com um então muito moderno equipamento de dragagem em águas oceânicas profundas, ficaria ao seu dispor para uma expedição por toda costa das Américas, partindo pelo Atlântico e retornando pelo Pacífico.

Darwin escreveu a Alexander Agassiz, filho do naturalista e seu assistente, que a essa altura já ficara responsável pelo Museu na ausência do pai, tanto na expedição ao Brasil quanto no período em que este último se encontrava convalescente:

“Rogo transmitir meus sinceros respeitos a seu pai. Que homem maravilhoso ele é em pensar dobrar o cabo Horn. Se ele realmente for, espero que possa fazê-lo através do Estreito de Magalhães” (DARWIN *apud* GOULD, 1992, p. 107).

Nesta última viagem, Agassiz conseguiu a vitória de encontrar indiscutíveis evidências de glaciação no Pleistoceno, quando atravessou o Estreito de Magalhães. Ali, todos os sinais procurados na Amazônia mostraram-se de maneira inquestionável. (Lurie, 1960).

O mais curioso de tal viagem foi, no entanto, algo que Agassiz carregava na bagagem, conforme revelou em carta ao seu colega alemão Carl Gegenbaur.

“Abandono o Oceano Atlântico, naveguei através do estreito de Magalhães e ao longo da costa oeste da América do Sul, rumo às latitudes meridionais. Os animais marinhos eram naturalmente o meu principal interesse, mas eu também tinha um propósito especial. Queria estudar a teoria de Darwin, livre de toda influência externa e dos ambientes habituais. Não foi numa viagem similar que Darwin elaborou suas atuais opiniões? Levei alguns livros comigo (...) basicamente as principais obras de Darwin” (Gould, 1992, p. 107).

Como o autor dos livros que levava em sua bagagem, Agassiz percorreu parte do trajeto do Beagle chegando até as ilhas Galápagos, local onde Darwin, observando a semelhança entre as aves e os demais animais isolados naquelas ilhas em comparação com os da costa sul americana, pôde anos mais tarde elaborar a teoria da evolução com base na seleção natural.

Quando “Hassler”, o navio em que Agassiz fizera a expedição, chegava à costa da Nicarágua em sua volta aos Estados Unidos, Alexander Agassiz, que já se encontrava em Cambridge, escrevia a Darwin declarando-se o mais novo converso ao evolucionismo (Lurie, 1960).

No caso de Agassiz, o efeito da viagem a Galápagos (santuário dos darwinistas) e ainda com os escritos de seu adversário na bagagem, as teses do evolucionismo não surtiram qualquer efeito. O naturalista voltou a Cambridge absolutamente convicto dos princípios sobre os quais construía toda a sua carreira científica, a saber: o criacionismo, o catastrofismo, a fixidez das espécies e as províncias zoológicas.

Agassiz morreu cerca de um ano depois, em dezembro de 1873, vítima de um novo derrame cerebral. Seu túmulo, no cemitério de Mount Auburn em Massachusetts, no lugar de lápide possui uma rocha errática vinda da Suíça em sua homenagem.

A percepção da mestiçagem como o grande problema do Brasil foi uma convicção que Agassiz parece ter levado consigo para o túmulo, selado por aquela grande rocha errática. O mestiço, em sua ambivalência, ao não poder ser classificado como de uma raça ou de outra, frustrava a concepção de mundo daqueles que, como Agassiz e Gobineau, acreditavam numa humanidade racialmente dividida, em resistência à filosofia Iluminista de uma humanidade única.

Tal mestiço representava acima de tudo a impossibilidade de organizar o mundo em regiões racialmente separadas, como pretendia Agassiz. Por sua vez, no caso de Gobineau, o homem miscigenado representava uma aceleração no processo de homogeneização da humanidade que, a seu ver, destruiria qualquer possibilidade de hierarquização da sociedade, tal qual veremos no capítulo subsequente.

3. Gobineau – o homem para o qual a sorte não sorriu

3.1. O Insucesso Literário

O jovem Gobineau, após alguns anos de convivência com a mãe, Anne Louise Madeleine de Gercy, voltou ao convívio do pai, Louis de Gobineau, em Lorient, na Bretanha. Seu pai sonhava em ver o filho Arthur ingressar na vida militar, porém as intenções do jovem eram bem diversas. Aos 19 anos, Arthur de Gobineau dirige-se a Paris, acreditando que o seu destino era seguir a carreira literária.

Desde então, e por toda a sua vida, Gobineau perseguiu esse objetivo sem, no entanto, jamais ver o seu imenso esforço coroado com a sonhada glória. O *Essai*, obra pela qual atualmente é mais conhecido, foi a sua principal produção dentre diversos artigos, novelas, poesias, relatos de viagem, obras históricas e muitas outras.

Seu insucesso, Gobineau atribuía a uma única causa: a mediocridade em que a sociedade moderna se achava e que afastava cada vez mais as pessoas de obras de espírito. Essa era, em suma, a sua reclamação ao Imperador Brasileiro quando, em 1875, tentava publicar seus dois volumes de *Fleur d'Or* sobre a Renascença italiana,

“Vossa Majestade não pode imaginar como se lê pouco atualmente em França. Um trabalho de um volume tem grande dificuldade em ser aceito e o que torna tudo difícil para a *Fleur d'Or* é ter ela dois. Estou convencido de que chegaremos ao tempo em que, positivamente, nada mais se lerá do que os jornais, e ainda de todos os jornais, os mais procurados são os que apresentam a mais fraca dose de pretensão à seriedade”. (GOBINEAU, 1875. *In*: RAEDERS, 1938, p. 193).

O *Essai*, como vimos, não contou com o apoio de Tocqueville. Porém, apesar de deixar claro sua discordância com a idéia central de Gobineau, Tocqueville aconselha o amigo a enviar o seu livro para pessoas de destaque que poderiam ajudá-lo no seu empenho em tornar-se membro da *Academie des Science Morales et Politiques*. Gobineau segue o conselho do amigo e envia o seu livro a vários membros da Academia e a outras pessoas influentes, tais como Rémusat, Mignet, Guizot, Beumont⁸². Na carta de 7 de março de 1854, Gobineau relata a seu amigo a má impressão que os membros da academia em geral tiveram acerca de seu livro.

“Não é possível se dizer, como faz sr. Reinhart, que eu não seria nem mesmo capaz de copiar, ou como repete o sr. Fénelon, que com exceção dos chineses, minha obra para nada serve. De hoje em diante, como vós justamente bem advertistes, minha posição será me resguardar. Nada me resta a fazer. Felizmente, minhas inclinações se encontram do lado da sabedoria e as coisas irão, portanto, andar por si só. Por outro lado, encontrei por parte do Sr. Tallenay uma forte acolhida. Muito amavelmente, o Sr. Cintrat lhe escreveu uma benevolente carta a meu respeito”⁸³ (GOBINEAU, *Apud*. DEGROS, 1959, p. 213).

⁸² Rémusat (François- Marie- Charles, Conde de) deputado de Muret e ministro da Monarquia de Julho. Eleito para a Assembléia Constituinte e reeleito para o Legislativo. Juntamente com Maleville e Mole formavam os principais representantes da direita da Assembléia. Entrou para a Academia de Ciências Morais no ano de 1842 e para a Academia Francesa em 1846. (DEGROS. 1959).

Mignet (François-Auguste-Marie) redator do *National* durante a Restauração, diretor dos Arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, membro da *Académie des Science Morales* desde 1837 e da *Academie Française* desde 1837.

Guizot (François-Pierre-Guillaume) de família burguesa, protestante huguenote, teve o pai guilhotinado em 1794. Durante a Restauração, publicou uma série de afrescos sobre a história da França e da Inglaterra. Com a Revolução de Julho, assume o posto de Ministro do Interior (1830), depois Ministro de Instruções Públicas (1832-36). Reforma o sistema de ensino na França e articula uma aliança com a Inglaterra.

Beaumont de la Bonnière (Gustave-Auguste de) era um dos amigos mais íntimos de Tocqueville, com quem viajou à América. Deputado de la Sarthe e membro da *Academie des Sciences Morales* desde 1841. Ministro em Londres em 1848 e em Viena em 1849.

⁸³ Carta de Gobineau a Tocqueville em 7 de março de 1854.

Como podemos ver, a esperada recepção de seu livro como marco científico na forma de estudar a história dos povos não correspondeu, nem de longe, às suas expectativas. Muito pelo contrário, as críticas de Tocqueville a seu trabalho confirmaram-se e aprofundaram-se ainda mais, o que fez com que o sonho do Conde de participar da Academia Francesa se tornasse mais distante.

Um artigo escrito pelo Sr. Alloury, um dos mais renomados jornalistas da época, editor do jornal *Débats* e deputado durante a Monarquia de Julho, dá a dimensão das críticas recebidas. A conclusão do artigo era que a teoria de Gobineau seria “absoluta demais nas soluções que este dava para questões históricas e filosóficas”. Tudo reportava-se aos argumentos de ordem física e fisiológica, deixando de fora a influência da moral, da religião, dos governos, da ação de grandes homens, da educação. Alloury, afirmava ainda não dizer que a teoria de Gobineau seria falsa, mas insuficiente e incompleta. (DEGROS, 1959 p. 213).

3.2. Diplomata Rumo ao Brasil

Em sua carreira diplomática, Gobineau também não teve o sucesso que pensava merecer. Isso, não por falta de erudição, ou habilidade para aprender outras línguas⁸⁴, porémmuito mais devido ao seu temperamento um tanto bélico e à sua postura arrogante. Já em Berna, na Suíça, onde escreveu a primeira e mais importante parte de seu *Essai*, teve um desentendimento com o seu superior, o que fez com que fosse transferido interinamente para Hanover. Gobineau ainda passou por Frankfurt, Teerã e Atenas, vivendo uma carreira diplomática de altos e baixos, com intervalos

⁸⁴ No pouco tempo em que ficou no Brasil, Gobineau não somente aprendeu português, como passou a ler clássicos, como *Os Lusíadas* de Camões.

em que a família viveu dificuldades financeiras no castelo de Trye, propriedade que comprara com a pequena fortuna herdada de um tio.

Após a Grécia, onde ocupava o cargo de ministro plenipotenciário junto ao Rei Jorge I no período de 1864 a 1868, Gobineau esperava ser nomeado ministro em Constantinopla. O posto, além de parecer-lhe à altura de seus méritos, o aproximaria do Conde Prokesch-Ostem, general austríaco e admirador de primeira hora da obra de Gobineau, com quem tivera contato desde 1854, e que comprara de uma só vez trezentos e cinquenta exemplares do *Essai* para comercializá-los na Alemanha.

A expectativa de Gobineau, no entanto, se frustrou quando teve notícia de que seria designado como ministro no Brasil. Quando voltara da Pérsia em 1860, Gobineau e sua família aguardaram quatro longos e financeiramente difíceis anos no castelo de Trye. Nesse período, fora designado como ministro plenipotenciário na China, posto recusado por ele, o que o colocava em posição delicada, não podendo recusar um outro chamado. Para sua fortuna, fora chamado à Grécia, onde, de bom grado, serviria por quatro anos, porém o Brasil veio logo após.

Gobineau fez o que estava ao seu alcance, mas sabia que não poderia recusar o novo posto ou teria de amargar com Clemence e Christine, sua esposa e a filha caçula,⁸⁵ dias difíceis no castelo da família. Nesse estado de espírito, escrevia a sua irmã Caroline:

“Creio que mereço outra coisa, e sou capaz de prestar serviços mais relevantes em questões de maior vulto. Faço o possível para evitar esta nova nomeação, desagradável em vários aspectos. Mas se o Ministro persistir, terei de ir.” (GOBINEAU *apud* RAEDERS. 1988. p. 22).

⁸⁵ Diane, a pimogênita, a essa altura, já se encontrava casada na Grécia com o Barão Ove Guldencrone, oficial da marinha dinamarquesa.

Nada restava a fazer, Gobineau deixou sua esposa e a filha no castelo de Trye⁸⁶ e rumou para Paris, onde receberia a nova nomeação. Naquela cidade, ainda tenta desvencilhar-se da missão, mas não teve sucesso. De Paris seguiu para Bordeaux, Lisboa e a longa travessia do Atlântico rumo ao indesejável Brasil.

3.3. As “Costas Cabral” na Perspectiva Racial

O primeiro lugar onde o navio toca a costa brasileira é Recife, mas, devido às precárias condições de desembarque naquele ancoradouro, Gobineau preferiu permanecer embarcado. Dali o navio ruma para a Bahia onde o francês pisou pela primeira vez o solo brasileiro, admirando-se com a profusão de “negros, negras e negrinhos de todos os matizes”, conforme escrevera para a esposa na ocasião. Gobineau, no entanto, não deixa de se encantar com o traje das negras, que classifica de sublime e de grande nobreza.

“O traje das negras é sublime e de grande nobreza, totalmente clássico. Uma longa camisa muito decotada (minha madrinha, não se scandalize; a senhora sabe que os negros já nascem vestidos) cai, de um lado, bem baixa, sobre o braço; a camisa é bordada em ponto de crivo até a cintura; uma saia de cor berrante e uma espécie de manto, tudo em algodão, envolvem a parte inferior do busto e o corpo num amplo pregueado. Os braços nus, muitos colares, braceletes, brincos em ouro maciço ou em miçangas. É muito bonito. Todo esse povinho miúdo, escuro, ri à solta colocando à mostra os dentes reluzentemente brancos, entre o vermelho-escuro dos lábios que se destacam sobre a pele negra. É uma algazarra e um vozerio característicos de uma escola em rebuliço.”⁸⁷ (GOBINEAU, 1869. In: RAEDERS, 1988, p. 40).

⁸⁶ Lembremos que Gobineau se recusava a levar a família para lugares insalubres depois da experiência na Pérsia, onde quase perdeu Diane, sua filha mais velha, devido à febre amarela.

⁸⁷ Carta do Rio de Janeiro, datada de 24 de março de 1869.

Se, na primeira impressão da população brasileira, são usados adjetivos pouco esperados como “nobreza” e “beleza”, isto não seria suficiente para subtrair de Gobineau os seus preconceitos mais arraigados. Tal dimensão pode ser percebida no próprio texto da sua carta, quando, ao justificar à madrinha que os “negros já nascem vestidos”, atribui àquelas pessoas um caráter selvagem, colocando-se conseqüentemente como observador em posição hierarquicamente superior a elas.

A paisagem natural da Baía de Guanabara e a cidade do Rio de Janeiro também são alvos de admiração de Gobineau. No entanto, ele não consegue esconder a frustração de não ter sido designado para Constantinopla, como pretendia. Em carta a Prokesch-Ostem, a baía do Rio é comparada negativamente à entrada do Bósforo em Constantinopla.

“Estou no Rio, em meio à natureza mais verde, mais rica e com as formas mais extraordinárias que a imaginação pode conceber. Montanhas enormes, recortadas como nos sonhos, vegetação luxuriante, profusão de flores dos mais belos matizes. Falta uma única coisa, capital, porém. O céu é cinzento e nublado; a luz, pálida, não tem gradações; nada que se compare ao maravilhoso aspecto do céu do Oriente; e por conseguinte, por essas e outras razões, é blasfêmia comparar a baía do Rio, com todo seu esplendor, à entrada do Bósforo.” (*Id.* p. 42-43).

A recepção do imperador brasileiro foi uma grande surpresa para Gobineau. Pouco lido em seu país, o Conde jamais poderia imaginar que o monarca conhecesse a sua obra. Ao apresentar-se a D. Pedro no Paço Imperial, este afirma não conhecê-lo como diplomata, mas como escritor, e o convida a passar a um pequeno salão onde possam conversar sem as formalidades que impunha a Sala do Trono. Após longa conversa, o

imperador convida Gobineau a visitar, no dia seguinte, o Palácio de São Cristóvão, residência da família imperial. Nasce ali uma amizade que perdurará até a morte do Conde em 1882.

Em carta ao amigo Prokesch-Osten, Gobineau expressa a admiração pelo monarca “... é o príncipe mais inteligente e erudito que existe... Leu e lê tudo: história, poesia, lingüística” (GOBINEAU, 1869. In: RAEDERS, 1988, p. 46).

As conversas com o imperador tornam-se freqüentes, normalmente se dando nas tardes de domingo. Conversas que, muitas vezes, foram saudosamente lembradas na correspondência entre os dois amigos, após a partida do Conde. O prazer da convivência com o Monarca tornava-se mais saboroso devido à inveja que Gobineau acreditava despertar nos membros das outras delegações. Em primeiro de abril de 1869, o Imperador recebeu oficialmente o corpo diplomático e procurou tratar a todos com a deferência oficial, sem fazer qualquer distinção. De acordo com Gobineau, em determinado momento, D. Pedro “não resiste” e dirige-se a ele a meia voz - “li a *Petite Chanson*, é um encanto; Vou ler *Sanson*”⁸⁸. Tudo isso diante do olhar atento de diplomatas de outros países, para deleite do Conde, que escrevia aos seus: “Nada parecido se viu desde a descoberta do país; as outras delegações morrerão de raiva” (*Id.* p. 83).

Gobineau, para quem uma sociedade de iguais, sem hierarquias era o grande pesadelo, deliciava-se com o tratamento diferenciado, como se fosse um nobre cortesão de séculos anteriores.

D. Pedro, conforme vimos na recepção dada aos Agassiz anos antes, tinha grande prazer em receber em sua corte cientistas, artistas e pessoas eruditas em geral. Buscava interlocutores para conversar sobre o que se estava produzindo nas ciências, na literatura, na lingüística e em outros

⁸⁸ Duas poesias de Gobineau. (Ver Raeders, 1988).

assuntos, os quais, na corte brasileira, poucas eram as pessoas a dominarem.

No tempo em que permaneceu no Brasil, a relação de Gobineau com o Imperador evoluiu para uma amizade sincera, e as conversas se tornaram bastante freqüentes. Em carta a Zoe Dragoumis em maio de 1869, o Conde descreve o clima da prosa entre os amigos.

“Falamos de tudo e mais alguma coisa, e nem sempre estamos de acordo. Quando a discussão esquenta, peço desculpas, mas ele roga que eu continue. Ele é muito mais liberal do que eu: aliás, é sua profissão; mas o que ele sabe é impressionante, e o que lê extraordinário. Ele me atormenta com as matemáticas, mas creio que jamais conseguirá me enfronhar nos algarismos. Quem faria meus livros e minhas estátuas?” (GOBINEAU, 1869.*In*: RAEDERS,1988, p. 79).

Nenhum ser humano, no entanto, escapava do julgamento racial de Gobineau, e o imperador brasileiro não era exceção.

“Descobri, sobretudo, que, quando não concorda comigo, lança-me sem uma palavra um certo olhar de soslaio, carregado de um orgulho e de uma frieza tipicamente castelhanos, e cheirando à casa da Áustria, com a qual tem laços de sangue. Nessas ocasiões lembra espantosamente os Felipes de Velásquez”(*Id.* 1988, p. 22. p. 80).

A boa impressão do monarca (apesar de detectar-lhe uma latinidade no sangue, que a “casa da Áustria” veio socorrer), a paisagem exuberante ou mesmo a vestimenta exótica de parte da população negra não eram suficientes, no entanto, para amainar os seus preconceitos mais arraigados. A mestiçagem da população era evidentemente vista como um dos mais

acentuados graus de degeneração a que seres humanos poderiam chegar.

Em carta a sua irmã Caroline, descreve os brasileiros:

“Já não existe nenhuma família brasileira que não tenha sangue negro e índio nas veias; o resultado são compleições raquíticas que, se nem sempre repugnantes, são sempre desagradáveis aos olhos” (*Id.* p.90).

Em carta a Marie Dragoumis em julho de 1869, Gobineau vale-se dos contos de **As Mil e Uma Noites** para expressar seus sentimentos com relação ao Brasil. No conto, Simbá, o marujo, chegara a uma cidade escondida entre as montanhas e, ao penetrar no local, surpreende-se em ver que não havia ali pessoas, mas uma multidão de macacos. “Havia grandes e pequenos, novos e velhos; mas todos eram macacos extremamente feios”. Simbá continua caminhando, e por todo lado os macacos circulavam, até que chegou a um palácio onde entrou livremente, a despeito dos macacos que também abarrotavam o local. Dentro, foi surpreendido por uma voz humana que lia o Alcorão. Seguindo em direção à voz, encontrou num dos aposentos um rei “não apenas um ser de sua espécie, mas um ser com quem podia se entender”. Gobineau conclui a carta dizendo:

“Suponho, madrinha, que com a aguda inteligência que a distingue... você adivinhou que Simbá estava no Brasil, que os macacos eram os brasileiros e que o rei era o Imperador” (*Id.* p.78).

Salvo o imperador brasileiro, tudo leva a crer que Gobineau não tinha pela população brasileira qualquer simpatia. Embora o Conde fosse sempre ácido num momento ou noutro com qualquer massa humana que o cercasse, o Brasil, onde a mistura racial chegara a um grau provavelmente nunca visto por ele, deveria parecer-lhe a confirmação de seus piores pesadelos.

Para melhor entendermos o pensamento de Gobineau e a sua percepção acerca das raças humanas, o procedimento mais adequado, parece-nos, será melhor é passarmos ao estudo da primeira parte de seu *Essai* - e mais importante, na opinião de Gahyva⁸⁹.

3.4. Um Monogenista *Sui Generis*

Gobineau dedica especial atenção no *Essai* a das questões que mobilizavam grande parte dos pensadores dos seus dias: a referente à origem da humanidade. Perguntavam-se eles se esta teria surgido de um só casal, conforme assegurava o texto bíblico (monogenismo), ou se de vários deles simultaneamente espalhados em diferentes pontos da terra, conforme queriam os poligenistas?

Alguns historiadores atribuem a Gobineau uma posição poligenista, o que não é de se estranhar, devido ao radicalismo de suas posições, mas de fato, Gobineau professava uma posição monogenista *sui generis*, como veremos a seguir. Ele viria a se inserir no debate com um tom superior, extremamente aristocrático.

Na visão do autor do *Essai*, se nos ativéssemos às características físicas das diferentes raças, a tendência seria tomar a poligenismo como verdade científica. Porém, cioso de mostrar o fundamento científico de suas conclusões acerca das raças, (ou, pelo menos, de seduzir os leitores a favor de suas convicções), passa a analisar as teses de vários fisiologistas, a começar por Pierre Camper⁹⁰.

O naturalista em questão teria proposto como tese que os ângulos da face, medidos por diversas linhas por ele determinadas, eram capazes de

⁸⁹ GAHYVA, 2006, p.77.

⁹⁰ Pierre Camper (1722 -1789) - médico e naturalista holandês.

mostrar o quanto seres humanos ou demais animais se aproximavam do tipo ideal. Quanto maior fosse o ângulo formado por essas linhas, mais o indivíduo se aproximava do padrão de perfectibilidade. Para Camper, o europeu teria o maior ângulo facial dentre todas as espécies, enquanto, o ângulo encontrado entre humanos africanos estaria mais próximo daquele apresentado por orangotangos. Camper, no entanto não chegava a tomar uma posição a favor do poligenismo⁹¹.

Gobineau avalia o trabalho do fisiologista, elogiando o rigor das medições “sem o qual não há verdadeira ciência” (Gobineau, 1937, p. 91). Porém, contrapõe o trabalho de Camper ao de Richard Owen⁹². Owen afirmava que Camper somente havia feito estudos com base em símios jovens e que as mesmas medidas em macacos adultos eram bastante variadas. Assinalava ainda que, entre chimpanzés e orangotangos adultos, os ângulos encontrados em seus estudos variavam entre 30° e 35°, o que diferia grandemente da média encontrada nos africanos, ou seja, 70°. Refutava, assim, qualquer aproximação entre macacos e humanos africanos. Por outro lado, animais que pareciam mais inteligentes que os orangotangos apresentavam ângulos faciais menores, como era o caso do elefante.

Gobineau parte em seguida para os estudos de Blumenbach⁹³. Após uma série de medidas dentro do que classificava como “norma vertical”, Blumenbach, diferentemente dos dois autores anteriores, procura fazer medições da altura da caixa craniana, associando uma maior medida a um

⁹¹ Segundo Poliakov, em polêmica com Johann Meckel, um dos cientistas que cercavam Frederico II da Prússia, Camper batia na tecla de que Deus criara um único homem e exortava o europeu a “estender a mão fraterna aos negros, e a reconhecê-los como descendentes do primeiro homem, que nós todos considerávamos nosso pai comum” (Poliakov, 1974, p. 138).

⁹² Richard Owen (1804 –1892) – Biólogo inglês, com estudos em anatomia comparada e paleontologia.

⁹³ Johann Friedrich Blumenbach (1775 – 1840) – Médico, professor em Göttingen com vários trabalhos sobre fisiologia.

grau maior de inteligência. Conforme seus estudos, a humanidade se encontraria dividida em cinco raças – caucasiano, ou raça branca; mongóis, ou raça amarela; malaios, ou marrons; negróides ou raça negra e americanos ou raça vermelha.

Carl Gustav Carus⁹⁴ é mencionado também no *Essai*. De acordo com o relato de Gobineau, Carus subdividia a espécie humana em quatro estados. Tal qual o planeta passa por quatro estados, - o dia, a noite, o crepúsculo matutino e o crepúsculo vespertino -, os seres humanos seriam assim associados. O europeu com o dia, “pelo esplendor de sua ciência e a nitidez de sua civilização”, os negros com a noite, pois “dormem nas trevas da ignorância”, os chineses com a aurora, o que “lhes confere uma existência social incompleta, ainda que poderosa”; e, por fim, os pele-vermelhas com o crepúsculo, “Condenados a desaparecer pouco a pouco deste mundo” (GOBINEAU, 1937, p. 94-95).

Nesse ponto, Gobineau entra na discussão como um árbitro que pretende ordenar uma difícil partida. No tocante a Carus, afirma que “desgraçadamente, uma comparação não é uma razão” e que este autor com sua bela teoria nada mais construiu do que uma “corrente poética”. Ademais, assevera que tanto Carus quanto Camper, Blumenbach e Owen não conseguem sistematizar o conjunto de diversidades fisiológicas observadas nas raças. Escapam a eles, traços ligeiros que são muito característicos como o formato dos lábios, por exemplo.

Além desses estudos, Gobineau analisa, inclusive reproduzindo tabelas em seu *Essai*, o estudo do americano Samuel George Morton, um amigo próximo de Agassiz. Quanto ao estudo de Morton, baseado em sua coleção de crânios, mesmo entre os monogenistas da época era tido como primoroso, o próprio Alexander Humboldt, defensor da igualdade inerente de todas as raças, teria feito comentários elogiosos ao seu trabalho.

⁹⁴ Carl Gustav Carus (1789–1869) – Médico, fisiologista e pintor alemão.

“Os tesouros craniológicos que o senhor teve a sorte de reunir em sua coleção encontram em sua pessoa um digno intérprete. Sua obra é igualmente notável pela profundidade das idéias anatômicas que propõe, pelo detalhe numérico das relações apresentadas pela conformação orgânica, bem como pela ausência daqueles devaneios poéticos que constituem os mitos da moderna psicologia” (HUMBOLDT *apud* GOULD, 2003, p. 40).

Gobineau faz algumas observações interessantes sobre o estudo de Morton. Afirma que a experiência conta com pouco número de crânios para se definir uma tendência mais clara e que, além disso, a posição social das pessoas a quem os crânios pertenciam deveria ser discriminada. Classifica então os resultados como fortuitos, incompletos e sem valor científico.

Em determinado ponto, porém, Gobineau parece combater a favor do monogenismo, dando voz a esse grupo ao afirmar que diferentes medições no formato da cabeça podem ser consideradas como simples variações fisiológicas. Certas causas locais que atuam durante um período de tempo mais ou menos longo seriam responsáveis por essas diferenças.

E continua,

“Os partidários da unidade étnica não deixam de aproveitar essa impotência para pretender que, desde o momento que as observações sobre a conformação da cabeça óssea parecem não poder classificar-se de maneira que permitam formular um sistema demonstrativo da separação original dos tipos, há que se considerar as divergências, não como grandes traços radicalmente distintos, senão como meros resultados de causas segundas, independentes, desprovidas por inteiro de caráter específico” (*Id.* p.95).

Na continuidade de sua análise, contudo, Gobineau rapidamente, volta a tomar a defesa dos poligenistas, ao afirmar que os partidários do

monogenismo cantam vitória com muita pressa posto que a dificuldade de encontrar um método não significa que seja impossível descobri-lo.

A partir das críticas aos monogenistas, assinala Gobineau, partidários do poligenismo aprofundam a sua análise, não se atendo somente ao estudo dos crânios, mas ampliando seu âmbito a outros traços que possam comprovar as várias origens do gênero humano como, por exemplo, a proporção relativa dos membros, a cor da pele, a pélvis, a natureza do sistema sanguíneo.

Alguns argumentos utilizados pelos cientistas da época podem parecer risíveis na perspectiva atual, como é o caso de Willem Vrolik⁹⁵, quando argumentava que nos europeus a diferença da pélvis do homem em relação à da mulher era muito menos acentuada, enquanto no caso da raça negra haveria em ambos os sexos um caráter “bastante saliente de animalidade”. Partindo da idéia de que a conformação da pélvis influiria necessariamente na formação do feto, Vrolock chega à conclusão que há entre negros e brancos diferenças originais.

Gobineau afirma ter Weber⁹⁶ atacado tal teoria, mostrando haver exceções à regra, já que determinados indivíduos americanos, africanos e mongóis apresentavam a pélvis semelhante à do europeu. Porém, Gobineau acaba por acatar a posição de Vrolik, alegando que Weber não teria levado em conta, nesses casos, a miscigenação.

Gobineau procede em todo o curso da análise como se estivesse fora da discussão, ao colocar-se como árbitro, ora favorecendo o argumento monogenista, ora refutando-o.

Outros aspectos ainda são tratados por ele, como a influência climática e a sua atuação na estrutura física dos seres humanos. Esta era uma bandeira levantada pelos monogenistas como justificativa da existência da

⁹⁵ Willem Vrolik (1801 – 1863) – anatomista e patologista holandês. Professor de anatomia e fisiologia na Universidade de Groningem.

⁹⁶ Gobineau não especifica a que Weber se refere.

grande variação dos tipos humanos espalhados pelo globo. Sobre este aspecto Gobineau apresenta o exemplo dos “quíchuas” no Peru que, em sua visão, teriam um aspecto monstruoso por apresentarem um desenvolvimento extraordinário do tórax. Para os monogenistas, a grande altitude em que viviam essa população seria responsável por tal característica. Gobineau retruca, afirmando que suíços, tirolezes ou montanhese da Escócia viviam igualmente em regiões elevadas sem apresentarem o mesmo aspecto monstruoso.

No juízo de Gobineau, “cidadela científica dos monogenistas”, seria a posição de certos naturalistas, ao afirmarem que, tanto no mundo animal quanto vegetal, mestiços podem nascer quando as espécies diferentes apresentam um grande número de caracteres afins. Nesse caso, porém, a prole estaria sempre Condenada à esterilidade. Por serem os híbridos humanos comprovadamente férteis, tal característica seria utilizada pelos monogenistas como prova de que os seres humanos pertencem a uma única espécie.

Gobineau considerava que, até aquele momento, nada autorizava a crer que a espécie humana fosse isenta da mesma regra que monogenistas aplicavam ao reino animal e vegetal. Mais do que todos os demais, esse seria um forte argumento contra as hipóteses dos poligenistas.

O aspecto da fertilidade dos híbridos, embora não seja descartado, é questionado por Gobineau, assim como o era por vários naturalistas de sua época. Em seu entendimento, a presença de híbridos no estado da natureza era muito rara, devido à aversão natural ao ato sexual entre espécies distintas. Tal condição tornava limitado o universo de casos a serem estudados, o que se configurava como restrição para afirmar-se categoricamente ser o híbrido tido como infértil.

Somente no capítulo seguinte do *Essai* Gobineau iria apresentar o modelo de monogenismo por ele professado. Um monogenismo, descrito

por Poliakov da seguinte forma: “Em suma, pode-se dizer que era monogenista em teoria, e poligenista na prática” (Poliakov, 1974, p. 218).

Vejamos como se articulava esse monogenismo *sui generis*.

Gobineau tomava como inquestionável a verdade bíblica que postulava haver um só casal original. No entanto, isso não fazia crer que não existissem diferentes raças. Tais raças seriam diferentes entre si pelas formas exteriores, as proporções dos membros, a estrutura da cabeça óssea, pela conformação interna do corpo, pela natureza do sistema venoso, pela cor e uma infinidade de outros aspectos, o que somente poderia ser rompido pelo cruzamento entre elas.

“Esta permanência de caracteres genéricos basta plenamente para produzir os efeitos de dessemelhança radical e de desigualdade, a dar-lhes o alcance de leis naturais, e aplicar à vida fisiológica dos povos as mesmas distinções que aplicarei mais tarde à sua vida moral” (GOBINEAU. 1937 p.107).

A questão fundamental então seria: como as raças chegaram a esse grau de desigualdade se foram originárias de um único centro. A partir deste questionamento, Gobineau constrói o seu argumento. Nos primeiros tempos quando surgiu a raça humana, as condições de força da natureza seriam muito mais poderosas, e assim se produziriam, sob a pressão desta natureza, modificações étnicas que seriam impossíveis de serem produzidas na atualidade.

Na perspectiva de Gobineau os seres humanos originais, expostos a essa terrível ação natural ou “cósmica”, prestavam-se muito mais facilmente a modificações do que os tipos atuais.

“O homem, então recém criado, tinha formas ainda imprecisas, não pertencendo naquele momento de uma maneira muito bem definida a uma variedade branca, negra ou amarela. Neste caso, as separações que conduziram a espécie humana até as variedades hoje estabelecidas, foram imensamente mais fáceis do que seria hoje, por exemplo, para a raça negra chegar ao tipo branco, ou para a amarela ao tipo negro. Desta forma, devemos representar o indivíduo adamita como igualmente estranho a todos os grupos humanos atuais.” (GOBINEAU. 1937, p. 110).

Gobineau postula, portanto, a existência de uma raça original, “adamita”, submetida a condições naturais mais poderosas, e ela mesma mais facilmente moldável aos diferentes climas. Desta raça original, ou “raça primária”, as raças atuais herdaram somente caracteres gerais, o que garantiria as vagas formas semelhantes que grupos mais distanciados teriamem comum, como também a possibilidade de comunicar suas necessidades por meio de sons articulados pela voz. Nada mais.

Graças à origem única de todas as raças atuais é que, entende Gobineau, os seres humanos seriam capazes de produzirem híbridos fecundos e essa seria a única forma de romper a “eterna separação das raças” (GOBINEAU, 1937, p.111).

A ação cosmológica, teria gerado então três raças distintas – a branca, a amarela e a negra, e dentro destas três raças chamadas “raças secundárias” ainda haveria variações produzidas pelas mesmas força cosmológicas. Entretanto, tais variações seriam menos radicais, não chegando a constituir uma raça diferente, o que faria com que, dentre as raças secundárias puras, houvesse tipos diferentes de negros ou de arianos, por exemplo.

Dando continuidade a seu raciocínio, diz Gobineau que a mistura entre os três tipos puros, originais, produziria o “tipo terciário”. Essa fusão, no entanto, não se daria pelo somatório de características das raças

originais, e sim pela criação de novas características, o que daria a ilusão de se ter ali uma raça pura, em razão de esses indivíduos partilharem do mesmo tipo físico e temperamento. Contudo, seriam, de fato, mistura de raças anteriormente puras, podendo então serem considerados “subgêneros”, como era o caso dos polinésios, mistura entre negros e amarelos (GOBINEAU. 1937).

As raças terciárias, ao continuarem o processo de miscigenação misturando-se entre si, produziriam as chamadas “raças quaternárias”. Nesse caso, a mescla se daria com maior dificuldade, porquanto, as raças quaternárias demorariam muito mais tempo para alcançarem um grau de homogeneidade. Os caracteres originais, que já se encontravam “debilitados” no grupo terciário, tenderiam a ser cada vez mais “neutralizados” e por fim desapareceriam em uma “confusão”. Assim sendo, quanto mais se multiplicavam as misturas, mais caóticos eram os resultados. Daí a declaração negativa de Gobineau: “não se oferece mais que um espetáculo horrível de anarquia étnica” (GOBINEAU. 1937, p. 117).

3.5. Um Nobre Medieval Anacrônico

Após a morte de Gobineau, a princesa Wittgenstein, grande amiga de Liszt e do próprio Gobineau, declarou sobre ele:

“Era um amigo nobre, um verdadeiro representante de *L’ancienne chevalerie*, com seus sentimentos heróicos, nobres e pouco práticos. Um verdadeiro Don Quichote, ou um Roland na forma diplomática e social” (WITTGENSTEIN *apud* DUFRÉCHOU, 1907, p. 13).

Muito provavelmente, o Conde Gobineau teria ido às lágrimas se tivesse tido a oportunidade de ler a homenagem de sua nobre amiga. Afinal, foi essa, durante toda a vida, a imagem que ele procurou disseminar: um homem fora do seu tempo, afeito aos valores da nobreza medieval.

Em carta ao Imperador D. Pedro II, comentando sobre o último livro que Renan lançara sobre o período clássico, Gobineau dizia:

“Não posso simpatizar com essas coisas assim como com todos os Antoninos do mundo do tempo em que viveram. Sou um homem da Idade Média, e aí fico⁹⁷” (GOBINEAU, 1882. *In*: RAEDERS, 1938, p.361).

Uma das obras na qual Gobineau trabalhou por anos a fio, e que somente veio a ser publicada na íntegra após a sua morte, foi *Amadis*⁹⁸, um poema épico dividido em dez partes, sendo a primeira delas dedicada aos arianos de sangue puro e a segunda aos mestiços semi-arianos, resultado de mistura étnica.

Ludwig Schemann, o maior divulgador de Gobineau na Alemanha, considerava o poema épico de Gobineau como um hino sublime ao idealismo, porém os franceses tendem a classificar a poesia de Gobineau como medíocre quando declaram: “*Il faut beaucoup aimer M. de Gobineau pour aimer ses vers*”⁹⁹ (Dufréhou, 1907, p. 15). Bons ou maus versos, o fato é que Gobineau com *Amadis* dava cores¹⁰⁰ às aventuras Medievais que não vivera, mas com saudade Romântica reconstruía.

⁹⁷ Carta de Gobineau a D. Pedro II em fevereiro de 1882.

⁹⁸ *Amadis de Gaula*, uma obra do ciclo de novelas de cavalaria da Península Ibérica do século XVI. Contudo a obra existe desde, pelo menos, o século XIV. A versão mais antiga de que se tem notícia atualmente é uma versão em castelhano de 1508. Porém, tudo indica que a versão original era portuguesa e muito anterior.

⁹⁹ “É preciso amar muito o Sr. de Gobineau para lhe amar os versos”.

¹⁰⁰ Cores, aqui pode ser tomada no sentido literal, significando de cor de pele.

Segundo Gahyva, embora Gobineau tivesse ensaiado utilizar o conceito de raça-espécie para elaborar a hierarquia racial que propunha, ele era na verdade um dos “últimos representantes do conceito de raça-linhagem”, remetendo-se à velha querela das raças em que francos seriam os vencedores originando a nobreza e galo-romanos seriam os conquistados que teriam dado origem à plebe (Gahyva, 2006.). Como vimos nos primeiros capítulos, esse mito fundador da nação francesa tomou várias formas ao longo dos séculos, encontrando tanto partidários dos francos como raça¹⁰¹ germânica superior quanto os que levantavam a voz em favor dos gauleses, encarando a Revolução Francesa como uma revanche.

Evidentemente, Gobineau evoca esse tipo de representação como fizeram vários franceses no período romântico. Conforme diagnosticou Tocqueville, a Revolução colocou abaixo um velho edifício social que ruía por si só, mas o fez “repentinamente, por um esforço convulsivo e doloroso, sem transição, sem precauções, sem deferências...” (TOCQUEVILLE, 1997, p. 68). Esse evento traumático, seguido pelo período de Terror, levou as gerações posteriores a uma busca de identidade histórica para a França. Augustin Thierry, partidário da Revolução de Julho, foi um desses historiadores que, voltando os olhos para a Idade Média, buscava a emergência da nacionalidade francesa.

Eis, a seguir, algumas passagens dos textos de Thierry onde fica evidente sua busca constante às origens como encaminhamento à constituição de uma identidade nacional.

“Não há senão um caminho para sair deste caos, retorno às fontes originais, das quais os historiadores desde o século XVII têm se afastado mais e mais.” (THIERRY, 1851, p.14).

¹⁰¹ Nesse momento, raça não teria, conforme vimos no primeiro capítulo, qualquer conotação biológica.

“Sem cessar de subordinar os fatos ao uso que pretendo, eu os observo com curiosidade, ainda que nada provenham para a causa que espero, e todas as vezes que um personagem ou um evento da Idade Média me apresenta um pouco de vida ou de cor local, sou tomado por uma emoção involuntária” (THIERRY, 1851, p. 1).

Gobineau, que vive como Thierry esse momento de busca de uma identidade histórica, fez um caminho diverso – universalizou a questão, buscando uma chave explicativa para a ascensão e a decadência de todas as grandes civilizações. Partiu do geral para o local, ao inserir o caso francês numa norma que valeria para todas as populações, e chegou à conclusão que a questão étnica era a resposta (Gobineau, 1937, p.15). Como pensador conservador, recorreu à história como método empírico de comprovar a sua posição. Daí a necessidade de nos tomos subsequentes de seu *Essai*, que vieram a público em 1855, se ater a exemplos que supostamente comprovassem na história a sua tese.

No entanto, Gobineau não se valeu somente da história das grandes civilizações. Como literato, tinha uma visão da ciência muito mais ampla do que especialistas que emergiam no século XIX poderiam aceitar. Em carta ao Imperador brasileiro em julho de 1871, Gobineau posicionava-se contra a especialização das ciências e reclamava:

“... em França onde a raiva da especialidade causa estragos de uma maneira bastante calamitosa para depreciar sensivelmente o nível da inteligência.” (GOBINEAU, 1871. *In*: RAEDERS, 1938. p.54).

Dessa forma, avesso às especialidades, o Conde penetrava a discussão no campo da biologia, da fisiologia, da filologia, da história, das

artes sem qualquer sensação de desconforto que pudesse atingir quem atravessasse fronteira de país estranho.

O Romantismo, como estilo de uma época pode ser ressaltado também como um traço na obra de Gobineau. Na opinião de Hannah Arendt, Gobineau era “curiosa mistura de nobre frustrado e intelectual Romântico”.¹⁰² Talvez a definição seja por demais sintética para conter toda a verdade, mas parece evidente que, tanto na arte quanto na obra de Gobineau em geral, o traço do “desencantamento romântico” não pode ser negado.

Finalmente, Gobineau, ao voltar o seu olhar para a Idade Média, encara-a como um tempo em que as misturas raciais (entenda-se raça biológica) não haviam chegado ao grau de degeneração que se encontrava em seus dias, e assim os valores da raça ariana original ainda se podiam perceber na sociedade. Isso não o faz de modo algum, como era o seu desejo, um homem da época Medieval, mas um homem do seu tempo que vive os valores do passado de forma Romântica e anacrônica.

3.6. O Brasil e Seus Defeitos

O Brasil, aos olhos de Gobineau, padecia de dois problemas fundamentais: primeiramente a falta de um passado histórico medieval, período com o qual o francês procurava de forma utópica se identificar; o segundo, e mais grave problema, era alto grau de miscigenação da população do país, o que aos olhos do Conde era sinônimo de degeneração.

Se a Europa não tinha futuro, o Brasil tampouco tinha um passado. Um país jovem, que não tivera uma Idade Média, deveria ser para o Conde um lugar onde até mesmo o sonho lhe fosse interdito.

¹⁰² (ARENDR, 1990, p. 203).

A necessidade de atribuir um passado histórico ao Brasil foi um traço percebido em outros naturalistas e historiadores do século XIX. Von Martius, em 1845, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com seu artigo vencedor do concurso de “Como Escrever a História do Brasil”, ao referir-se aos índios, levantava as seguintes questões:

“Que povos eram aqueles que os portugueses acharam na terra de Santa Cruz, quando estes aproveitaram e estenderam a descoberta de Cabral? De onde vieram eles? Quais as causas que os reduziram a essa dissolução moral e civil, que neles não reconhecemos senão ruínas de povos? A respostas a esta e outras muitas perguntas semelhantes devem indubitavelmente preceder no desenvolvimento de relações posteriores.” (VON MARTIUS. 1845. p. 385).

Anos mais tarde, Varnhagen, ao escrever a história brasileira, com base nos seus três elementos étnicos formadores, propõe uma hipótese curiosa que relaciona a história brasileira à Antiguidade Clássica, tomando a população indígena como perdedores da Guerra de Tróia que se acha decaída após o seu isolamento nas Américas.

“...E hoje temos quase a convicção de que houve efetivamente para o Brasil uma grande imigração dos próprios cários da Ásia Menor, efetuada talvez depois da queda de Tróia. Havendo eles estado, nesta guerra tremenda de dez anos entre a Europa e a Ásia, contra os gregos, e havendo ficado vitoriosos os gregos e senhores dos mares, é mais que possível que os mesmos cários nem nas suas colônias ao Oeste da África se julgavam ao abrigo das crueldades que nesses tempos se praticavam com os prisioneiros de guerra [...] e lançaram-se no oceano à aventura”. (VARNHAGEN. 1979. p. 46)¹⁰³.

¹⁰³ In ODÁLIA, Nilo (org.). Varnhagen. São Paulo: Ática, 1979.

Dessa forma, Varnhagen conseguia atribuir ao Brasil um passado comum ao europeu, remetendo a história desconhecida do índio brasileiro à Antiguidade Clássica, e vinculando a sua história a um evento grandioso como a Guerra de Tróia.

Conforme mencionado, o segundo grande problema, era o grau de miscigenação em que se encontrava a população brasileira. Como vimos, Gobineau, no seu esquema de raças secundárias, terciárias, quaternárias e daí por diante, julgava as populações a partir de seu grau de mistura, numa escala de degenerescência crescente. O brasileiro, nessa escala de gradação, não é de se espantar que fosse visto como os macacos do conto das “Mil e Uma Noites”.

O tom cáustico da crítica de Gobineau aos brasileiros deve-se, em parte, à mestiçagem da sua população, vista por ele como apresentando um alto grau de degeneração. Contudo o temperamento crítico do Conde contribuía para esse estado de coisas. Mesmo o europeu de seus dias não era visto por Gobineau como representante digno dos valores da raça ariana. Toda a humanidade seguia num ciclo de miscigenação e degeneração.

Em seu *Essai*, Gobineau faz duras críticas à idéia de que a humanidade segue na trilha do progresso até o infinito. Afirma que muitas das conquistas de seus dias eram apenas redescobertas que povos antigos haviam feito e que se perderam, na medida em que os povos foram se degenerando. Nesse ponto, a crítica volta-se para a Revolução Industrial.

“Acreditamos que nossa civilização não perecerá jamais, porque possuímos a imprensa, o vapor e a pólvora. A imprensa que não era menos conhecida no Império de Annam¹⁰⁴ e no Japão que na Europa Central,

¹⁰⁴ Atual Camboja, Vietnã, Laos, Myanmar e Tailândia .

proporcionou por acaso aos habitantes daqueles países uma civilização ao menos mediana?” (GOBINEAU, 1837, p. 125).

Gobineau segue seu raciocínio afirmando que os povos por ele mencionados conhecem a imprensa e dispõem de livros a preços baixos. No entanto, encontram-se em estado de desânimo e debilidade. O seu potencial intelectual equipara-se a de um bárbaro qualquer. Isso demonstra que, apesar de continuarem manipulando a imprensa herdada de seus antepassados, o vigor necessário para dela tirar proveito teria se diluído em seu sangue cheio de misturas. Se as inteligências encontram-se embrutecidas, de nada adianta se imprimirem obras filosóficas, históricas, literárias, capazes de nutrir intensamente o gênio de uma nação. O máximo efeito que ela poderá ter em mentes envenenadas é produzir uma “teologia de sectários”. O mesmo raciocínio é desenvolvido com relação à pólvora e ao vapor.

As grandes invenções do passado são vistas por Gobineau como inúteis se os homens do presente não tiverem os valores morais que permitam utilizar tais invenções para melhor se desenvolverem. A sua crítica à sociedade industrial massificada não é absolutamente insana. No entanto, acreditava ele que tudo se deve à questão étnica, daí o seu pessimismo contumaz.

De fato, o pensamento de Gobineau sofria de uma dolorosa ambigüidade. Em sua formulação, a civilização somente seria possível com a presença do sangue ariano misturado ao de outra raça. No *Essai*, discute o conceito de civilização com dois grandes homens de sua época. Um deles, Guizot,¹⁰⁵ considerava que a definição de civilização estaria ligada ao estado de prosperidade alcançado por uma sociedade, o que permitiria permitindo assim uma vida materialmente confortável para os seus

¹⁰⁵ François Guizot (1787-1874) – foi Ministro do Interior (1830) e depois Ministro da Instrução Pública (1832-836). Marcou sua passagem pelo governo com uma renovação na Instrução Pública.

membros ao passo que Guillaume de Humboldt¹⁰⁶, pensava a civilidade como a elevação da inteligência e do grau de cultura dos membros da sociedade.

Gobineau percebe a civilização como o equilíbrio e dois traços: a conquista material, que ele caracteriza de “masculino”, e a elevação espiritual, que seria o “feminino”. Como o primeiro traço é característico da raça ariana e o segundo das raças negra e amarela, para que a civilização ocorra é imprescindível haver a mistura das raças, porém, desgraçadamente, a mistura também traz consigo a degeneração.

Gobineau admite, por exemplo, que o branco, apesar de sua “energia reflexiva”, sua “perseverança que não se dá conta de obstáculos”, “sua maior energia física”, “seu amor singular pela vida” e tudo o mais que se possa relacionar de atributos no seu *Essai*, tem algumas deficiências que somente poderão ser supridas pela mistura com as duas outras raças. Um exemplo disso, é a habilidade artística,

“...a imensa superioridade dos brancos na esfera total da inteligência se associa a uma inferioridade não menos manifesta, na intensidade das sensações. O branco está muito menos dotado que o negro e o amarelo sob o ponto de vista sensual. Se sente assim menos solicitado e menos absorvido pela ação corporal, ainda que sua estrutura seja notadamente mais vigorosa.” (GOBINEAU, 1937, p. 150 – 151).

Esse tipo de carência do ponto de vista sensual na composição física do branco somente poderia ser suprido por meio da miscigenação, e por isso ela não somente é útil, como necessária para que se dê a civilização. Gobineau vai surpreendentemente mais longe “Seria inexato pretender que todas as mesclas são más e danosas.” (Gobineau, 1937, p. 152).

¹⁰⁶ Wilhelm von Humboldt (1767-1835) – Irmão do naturalista Alexander von Humboldt era Filósofo, lingüista e diplomata.

Para Gobineau se os três grandes grupos houvessem permanecido estritamente separados a supremacia branca seria inevitável, enquanto os outros grupos, negros e amarelos permaneceriam “insignificantes”. Todavia, todos os grupos perderiam com esse isolamento, como relata o próprio autor.

“...acompanhada de certas vantagens produzidas pelas mesclas, ainda que não contrabalanceiem muito a suma de seus inconvenientes, não resultam menos dignas de serem às vezes aplaudidas. Assim o gênio artístico, igualmente estranho aos três tipos, não surgiu senão que do enlace entre brancos e negros.” (Gobineau, 1937, p. 152).

Como podemos perceber, o pensamento racial de Gobineau pressupõe uma civilização que se destrói na medida em que se engendra, pois, “desgraçadamente”, os grandes são diminuídos e tal condição constituiria um “mal que nada pode reparar” (Gobineau, 1937)

O Brasil, além de não ter um passado, era um país que se dizia jovem, mas que aos olhos do Conde já nascera velho. O grau de miscigenação encontrava-se de tal forma avançado que Gobineau chegou a afirmar, com base em estimativas de números relativos à população, fertilidade e mortalidade, que os brasileiros se tornariam uma raça extinta em cerca de 270 anos, mas imediatamente voltaria atrás para melhor calcular e então chegar à conclusão que menos de 200 anos seria o tempo suficiente para que os brasileiros desaparecessem.

“... somos inclinados a acreditar que o número de 270 anos é extremamente exagerado, e que em menos de 200 anos, na verdade, veremos o fim da posteridade dos companheiros de Costa Cabral [sic] e dos imigrantes que o sucederam. Aliás, o Brasil já se acostumou a tal espetáculo. Sem falar

das numerosas tribos dos Guaranis, que não deixaram nada mais do que seus nomes no solo que possuíam há bem poucos anos ainda, algumas variedades mestiças, outrora muito conhecidas e capazes de desempenhar um importante papel, já não existem hoje; os mamelucos, por exemplo, do que, aliás, a província do Pará não chega a se lamentar” (GOBINEAU, 1873. *In*: RAEDER, 1988, p. 241 – 242).

3.7. Volta para a Europa

O novo Ministro da França no Brasil, Gobineau, deveria permanecer em seu posto por quatro anos, contudo, ficou de março de 1869 a maio de 1870. Conforme relata Raeders, o motivo oficial de sua partida foi a saúde debilitada devido a uma febre persistente que, tratada com doses talvez excessivas de quinino o deixava extremamente irritado e afetava sua audição. Entretanto, um incidente coberto de mistério parece ter sido fundamental para que o Conde partisse tão rápido do Brasil. Em julho de 1869, na saída de uma apresentação teatral, segundo a versão de Gobineau, ele teria agredido com duas bofetadas, e agarrado pelas barbas “sem delicadeza”, um homem que o enfrentara, ao ter o Conde lhe chamado a atenção para que não empurrasse a consulesa-geral da Holanda. O tal homem era um médico, Dr. Vicente Cândido Figueira de Sabóia (futuro Visconde de Sabóia), genro do diretor da Faculdade de Medicina, Conselheiro Cruz Jobim. Gobineau, no dia seguinte, teria mandado seu adido à casa do médico com uma mensagem em que se colocava à disposição para um duelo, o que não fora aceito pelo oponente. Porém, a repercussão do evento voltou-se contra Gobineau, que chegou a receber recados (tudo segundo o Conde) que no Brasil não se costumava duelar, pagava-se a uns mulatos para dar cabo do desafeto. (RAEDER, 1988).

Uma outra versão do episódio, escrito por Afrânio Peixoto, conta que o jovem médico se aborrecera com Gobineau por este haver olhado insistentemente para sua mulher durante o espetáculo (RAEDER, 1988, p.174). Independentemente de qual a versão verdadeira, o fato é que ou por ter a vida ameaçada por capoeiras, ou pela febre insistente, ou por ambos os motivos, o amigo Imperador interveio para que Gobineau voltasse para sua pátria junto à sua esposa (a quem parece nada haver falado do episódio) no castelo de Trye.

Em agosto de 1870, Gobineau via-se novamente em Oiseu, localidade onde se encontrava o castelo da família. A princípio, deveria retornar ao Brasil após recuperar-se da febre. No entanto, o tempo que passou em Trye em meio à guerra Franco-prussiana¹⁰⁷, com o exército de Bismarck invadindo a região, não permitiu ao Conde qualquer descanso. Tomou a posição de *Maire*, organizando a resistência aos invasores. Em meio à balburdia, escreve ao amigo Imperador,

“Se a crise atual puder ensinar à sociedade do século XX, que não se conduza, não se faça viver e não se vença nem com as massas, nem com as máquinas, mas somente com os corações e os espíritos, ela não terá custado muito caro.”¹⁰⁸ (GOBINEAU, 1870. *In*: RAEDERS, 1938, p. 23).

Gobineau não podia imaginar que seu *Essai*, no século XX, seria lido pelos nazistas e usado como inspiração para, com massas e máquinas expandir um tipo de arianismo que ele nunca pregou. A lição não foi bem aprendida, e sua obra foi quase uma cartilha deste não aprendido. Bem prevenira Toqueville dos perigos de sua doutrina, ainda quando o Conde escrevia seus primeiros volumes.

¹⁰⁷ O conflito culminou com a Comuna de Paris e a perda dos territórios da Alsácia e Lorena.

¹⁰⁸ Carta de Gobineau a D. Pedro II em agosto de 1870.

Quando a resistência às tropas alemãs já não fazia sentido em Oiseau e o próprio castelo fora invadido, Gobineau parte para Paris e posteriormente envia Christine e Clémence para Copenhague. Em Paris, Gobineau pretendia articular uma saída de forma a não ter que regressar ao Brasil, porém é surpreendido pela Comuna de Paris e vai buscar abrigo em Versailles até que a situação se acalme.

Segundo Raeders (1938), Gobineau, apesar de cumprir seu dever de cidadão francês, considerava a derrota da França um castigo e via o triunfo da Prússia como uma desforra legítima da raça ariana sobre a raça latina, chegando mesmo a escrever um artigo nesse sentido, que somente foi levado a público por seu biógrafo alemão Ludwig Schemann em 1918.

Mesmo em meio ao caos em que vivia o seu país, Gobineau procura dar notícia ao Imperador acerca das últimas produções literárias. Especialmente sobre Renan, por quem o Imperador demonstrava grande interesse, tendo em conta os estudos desse autor relativamente às línguas semitas¹⁰⁹. Gobineau promoveu uma ponte mais estreita entre D. Pedro II e vários sábios europeus e, com muitos deles, o Imperador passou a ter contato constante por meio de correspondência.

Além disso, Gobineau não interrompia suas próprias atividades intelectuais. Nesse intervalo de tempo, dentre outros escritos, concluiu um romance, “Marsile Torella”¹¹⁰ e ainda terminou o busto de D. Pedro II, escultura que fez por encomenda do Imperador (uma forma elegante de ajudar financeiramente o amigo).

Como era habitual, no tempo em que o diplomata passava em disposição no castelo de Trye, a situação financeira da família se tornava desesperadora. Com a invasão das tropas da Alemanha, Gobineau chegou

¹⁰⁹ Ernest-Renan (1823-1892), era filólogo, especialista no estudo das línguas orientais. Tal qual Gobineau detestava a República e acreditava numa hierarquia entre as raças. O Imperador enviou, por meio de Gobineau a Renan, algumas traduções do hebraico que estava fazendo do Salmo de Ruth.

¹¹⁰ Romance nunca publicado.

ao ponto de pedir a D. Pedro que lhe enviasse quinze mil francos, os quais pagaria quando a sua situação melhorasse (RAEDERS, 1988). O imperador prontificou-se a ajudá-lo, mas Gobineau, agradecido, afirma que o dinheiro já não seria necessário, pois conseguira vender uma coleção de pedras gravadas asiáticas e manuscritos árabes que possuía.

Na primeira viagem de Dom Pedro II à Europa, em 1871, Gobineau foi encarregado por Thiers, então presidente do governo provisório a receber o Imperador brasileiro. Nessa ocasião, Gobineau, a pedido de D. Pedro, agendou-lhe encontro com vários intelectuais franceses,

“Ao deixar Vossa Majestade ocupei-me em executar os seus desejos. Falando sobre isso com algumas pessoas, pareceu-se que entre os homens capazes de interessar em mais alto grau Vossa Majestade, acham-se: o Sr Claude Bernard, da Academia Francesa e da Academia de Ciências. Como fisiólogo não vejo outra pessoa nesse país capaz de competir com ele. O sr. Berthelot; entre os químicos de espírito filosófico (variedade assaz rara em França onde a raiva da especialidade causa estragos de maneira bastante calamitosa para depreciar sensivelmente o nível da inteligência), o senhor Berthelot, é, eu creio, um dos que falam melhor e expõe o mais claro e mais utilmente suas idéias notáveis. O sr Rougé: a este nada acrescentarei, pois o Imperador já o conhece e o aprecia. O Sr Mohl: é um orientalista notável e erudito (...). O Sr. Renan: nada tenho de particular a acrescentar a seu respeito, pois estou certo de que o Imperador quer que este nome figure na lista.

Como literatos, o Sr. Taine pareceu-me também capaz de aguçar a curiosidade de Vossa Majestade. Entre os homens da nova escola, é ele um dos mais brilhantes e dos mais interessaram por uma diversidade de assuntos.

Vejo-me obrigado a dizer aqui a Vossa Majestade que alguns homens conhecidos e mesmo célebres me parecem de um manejo mais difícil e que as suas relações não teriam encantos; o Sr. Theophile Gautier, por exemplo. Nestes Senhores o porte não é sempre igual ao espírito que se lhes atribui e é

impossível convencê-los a lavar as mãos, tanto no físico como no moral.”
(GOBINEAU, 1871 *In*: RAEDERS, 1938, p.54).

É interessante notar o alto nível das pessoas que Gobineau colocou em contato com o Imperador brasileiro. Constam da lista nomes como Claude Bernard, considerado fundador da medicina experimental, o qual propunha que a mesma ciência experimental que guiava os estudos físicos e químicos deveriam ser utilizados nas ciências biológicas; ou Hippolyte Taine, crítico da Revolução Francesa e do artificialismo das instituições criadas após aquele evento; Renan, de cuja obra D. Pedro tinha bastante conhecimento devido ao interesse do Imperador pelas línguas orientais; ou ainda Theophile Gautier, poeta, romancista e pintor, admirado por Balzac e, ao que parece detestado por Gobineau.

O Imperador, que havia ido à Europa devido a problemas de saúde da Imperatriz que ficara muito abalada após a morte da filha mais jovem do casal, a princesa Leopoldina, aproveitou para fazer uma longa viagem pelo Velho Mundo que tanto admirava, mas nunca conhecera pessoalmente. Em maio de 1872, retornaria ao Brasil, na mesma época em que Gobineau fora, enfim, designado para seu novo posto em Estocolmo, na Suécia. Na época, Gobineau estava concluindo mais uma escultura, a Walkyria, da qual envia uma foto junto a uma carta para avaliação do Imperador, e este não perde a piada, mesmo em via de perder o amigo. Responde com uma fina ironia: “Vossa Walkyria agrada-me em geral, mas nela noto novamente, que tendes um fraco pelos lábios grossos que, contudo, indicam pouca delicadeza de espírito”¹¹¹ (ALCANTARA. *In*: RAEDERS, 1938, p.74).

¹¹¹ Carta de D. Pedro II para Gobineau s/d.

3.8. Estocolmo & Péíades, ataque aos franceses

Em boa hora Gobineau fora designado para um novo posto, onde poderia contar com uma renda mensal. Não era a sonhada Constantinopla, mas pelo menos não teria que voltar ao Brasil. Em Estocolmo, o Conde não teria praticamente ocupação diplomática, tal qual no Brasil, e aproveitaria o tempo para melhor conhecer os países escandinavos e dedicar-se às atividades literárias e à escultura.

A primeira impressão de Gobineau era a de se encontrar num lugar da Europa onde as “doenças políticas que sofrem os outros povos europeus” não haviam atingido. O povo, no seu entender, não tinha nenhuma propensão à república ou ao socialismo. Tudo parecia se mover segundo a tradição, e de forma ordeira, conforme as declarações feitas a seguir:

“Enquanto o socialismo, mais ou menos representado pela classe Internacional, agita, perturba ou aterroriza o resto da Europa, aqui é absolutamente destituído de poder” (GOBINEAU, 1872. In: RAEDERS, 1938, p.81).

“Estou aqui, num meio inteiramente novo para mim. Grandes tendências, um grande amor à liberdade, nenhuma propensão à República nem à destruição violenta do que quer que seja” (*Id.* p.84).

Gobineau aproveita a proximidade para fazer uma viagem à Noruega, terra de onde acredita terem vindo os seus ancestrais. Ali pensava encontrar uma paisagem semelhante à da Suíça, que considerava um tanto dura com suas imensas geleiras, porém, talvez movido pela subjetividade que afirmava lhe ser maior que a objetividade, sente-se profundamente tocado pela paisagem daquele local; parece sentir-se em casa. Descreve a natureza como harmônica e as cores espetaculares. Além disso: “A população vale o

país”. Se a raça lhe pareceu muito feia no centro onde teria sofrido muitas misturas, no norte daquele país, sua impressão era outra.

“no norte, ela [a população] é magnífica e é lá que camponês conserva sua genealogia com um cuidado extremo e orgulha-se de descender dos Reis, o que dá à democracia norueguesa este profundo sentimento conservador, esta altivez e esta dignidade que outras democracias ignoram perfeitamente e mesmo muitas aristocracias.” (*Id.* p.131).

Se a França ignorava as suas qualidades literárias, ou mesmo diplomáticas, Gobineau recorria de forma idílica à nação, de onde acreditava terem saído seus ancestrais, como um tipo de lar original. É interessante notar que até mesmo a sua aversão à democracia ali se deixa amainar, o que denota ser o povo o seu problema maior com a democracia.

Essa sensação leva o Conde a nutrir um maior desencantamento por sua pátria e seus valores e tradições perdidas. Na verdade, depois da Escandinávia, Gobineau jamais voltaria a morar na França, pois para ele esta era uma nação gasta.

“As nações latinas são nações mais ou menos gastas. Eu teria acreditado facilmente há uns três anos que os italianos eram um povo mais gasto que os franceses. Era isso um engano. Nos homens desta nação onde a ignorância não existe o que falta é caráter.” (*Id.* p. 105).

No seu novo posto, Gobineau escreve o seu mais conhecido romance, *Les Pléiades*. Na interpretação de Schemann, um dos personagens do romance, Joahann Thesdor, era inspirado no Imperador brasileiro (Raeders, 1938), entretanto, Gobineau nunca chegou a mencionar o fato. *Les Pléiades* apresenta três personagens distintos: Wilfride Nore, o inglês; Louis Laudon, o francês; e o alemão Conrad Lanze, que no decorrer do romance

encontrarão a heroína anglo-saxã Harriete Coxe e Casimir Bullet, um tipo de sócia de Gobineau. (Dufrechou, 1907).

No *Essai*, Gobineau não se permite, ainda que o faça de forma latente, escrever sobre indivíduos, mas sobre populações. “Uma vez mais, não é no terreno estrito das individualidades sobre o qual me coloco. Parece-me demasiadamente indigno das ciências passarmos a tão fúteis argumentos” (GOBINEAU, 1937, p. 135). No romance, no entanto, essa liberdade é possível, e os personagens são em suas individualidades representantes do caráter ariano que se havia perdido em meio às misturas ao longo dos séculos.

Dufréhou (1907) chama essa característica do atual romance de Gobineau de “Imperialismo Individual”, enquanto classificaria o *Essai* como “Imperialismo Coletivo”. No *Essai*, o caráter biológico da raça seria enfatizado, já em *Les Pléiades*, os personagens, classificados por Gobineau como *filis de Rois*, portariam um tipo de arianismo simbólico, ou seja, valores da raça ariana que não teriam submergido em certos indivíduos, o que fazia com que estes se destacassem da mediocridade geral.

Na mesma linha de pensamento de Dufréhou, segue Gahyva (2006). Para ela o romance seria um tipo de amadurecimento da perspectiva do *Essai*, em que Gobineau abandonaria a sua concepção de nobreza racial em favor de valores individuais que destacassem, pessoas e não populações, da média geral.

“Gobineau sacrificou sua concepção de nobreza de raça em prol de uma mais abrangente – talvez mais realizável – noção de nobreza espiritual. Tratava-se da passagem de uma hierarquia racial para uma hierarquia individual” (GAHYVA, 2006, p.196).

Essa visão, entretanto, não parece se mostrar de acordo com as próprias palavras de Gobineau. O Conde escreve o romance num momento em que se encontra extremamente decepcionado com a França. Não somente devido à turbulência política em que o país ainda vivia nos anos pós-revolucionários, mas ainda com o próprio tratamento que recebera de seus compatriotas durante toda a vida. Seus livros dificilmente eram publicados, e quando publicados pouco eram lidos; a deferência que imaginava merecer como diplomata jamais correspondeu à realidade dos fatos e se não fossem alguns bons amigos, como D. Pedro II e Prokesch-Osten, a sua situação financeira teria por diversas vezes o levado ao fundo do poço.

Em carta a D. Pedro II, Gobineau fala sobre *Les Pléiades*,

“Vossa Majestade deve ter recebido as *Pléiades* já há algum tempo. Não estava certo do sucesso e, sobretudo, eu não esperava que chegasse a ser o que é. Os jornais e as cartas que recebo de toda a parte ultrapassam o que eu poderia esperar. **Pretende-se que seja este o meu melhor livro, mas seguramente não é; as Raças são superiores neste sentido**, e o meu melhor livro será o que pretendo fazer. Não obstante, confesso que aprecio *Pléiades* e, dentro deste livro, está uma boa parte de meu coração. Certos princípios de dureza como a Symphorien Franier e as opiniões expressas pelo Dr. Lanze: tive gosto de escrever esses trechos; certos princípios de vingança que mais tarde, farei em outra parte bem mais duros e cruéis, levaram-me a falar dos ‘Gennevilliers’¹¹² e dos conservadores. Chegarei gradualmente a arranhar minha presa, a esfolá-la um pouco, a ferí-la rudemente, e, numa palavra, a deixá-la em mil pedaços, será então o mais belo de meus livros”¹¹³ (GOBINEAU, 1938, p. 167; g.n.).

¹¹² Comuna do Norte da França cujo nome significa “*maison d'un homme franc nommé Genne*” (casa do homem franco de nome Genne).

¹¹³ Carta de Gobineau para D. Pedro II em julho de 1874.

Parece que Gobineau, com *Lés Pléiades*, não vacilou em momento algum acerca de suas convicções raciais, mas pretendia mostrar aos franceses os valores morais, individuais de sua própria pessoa que não foram jamais reconhecidos por eles. Ele, o próprio Gobineau, era um *filis du Roi* que, seu país mergulhado na mediocridade, não soubera reconhecer.

Ao escrever o prefácio para uma segunda edição do *Essai*, depois de ter lançado *Lés Pleiades*, Gobineau não deixa dúvidas de que continuava absolutamente convicto de suas teorias raciais.

“Este livro foi publicado pela primeira vez em 1853 (tomo I e tomo II); os dois últimos volumes (tomo III e tomo IV) são de 1855. **Na edição atual não se mudou uma linha**, e não porque, nesse intervalo, certos trabalhos não tenham determinado bastante progressos de detalhe. Porém, **nenhuma das verdades por mim expostas foram quebrantadas**, e julguei necessário manter a verdade tal como a descobri” (GOBINEAU, 1937, p. 17; g. n.).

Gobineau, com seu temperamento irascível, nada deixava por falar e nem tão pouco por escrever. Dessa forma, basta apenas dar-lhe voz para que as suas intenções fiquem claras.

De fato, Gobineau pretendia incluir uma discussão sobre o Darwinismo na nova edição, mas, segundo ele, ao estudar a fundo as teorias de Darwin, achou-as tão absurdas que optou por ignorá-las. Vejamos então o que diz a respeito: “Decididamente, eu os deixarei fazer algazarra e a ela não me misturarei. Verdadeiramente não vale à pena”.¹¹⁴ (GOBINEAU, 1938, p. 184).

¹¹⁴ Carta de Gobineau ao Imperador D. Pedro II em novembro de 1874.

3.9. Fim da Carreira Diplomática

Em 1875, o Imperador e a Imperatriz viajaram aos Estados Unidos para a Exposição Universal de Filadélfia e de lá embarcaram para a Europa, visitando a Alemanha, Portugal, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Suíça, Dinamarca, Suécia, Rússia, Turquia, Egito e a Terra Santa.

Na Suécia, Gobineau teve mais uma vez a oportunidade de receber o amigo. Mais do que isso, recebeu autorização do Governo Francês para deixar seu posto e acompanhar D. Pedro em viagem à Rússia e, em seguida, partiriam para Constantinopla e Atenas, onde Gobineau reviu velhos amigos, sua filha Diane e os quatro netinhos. O Imperador seguiu então para o Oriente e o Conde para a Itália, onde encontrou pela primeira vez Richard Wagner e, a convite deste, rumou para a Áustria e a Alemanha, onde foi alcançado por um telegrama de Paris, convocando-o para uma reunião urgente. Ao ali chegar, Gobineau foi recebido rudemente e lhe foi exigido que pedisse a sua aposentadoria. Seus superiores alegavam necessidade de rejuvenescimento dos quadros, mas parece que Gobineau, no final das contas, havia se ausentado do posto mais do que o permitido.

A infelicidade do Conde leva os dois amigos a reencontrarem-se em Paris, onde o Imperador encomenda uma estátua, a *Mima*, pois sabia que anos difíceis viriam pela frente para o amigo.

Clémence e Christine já há bastante tempo não se encontravam em Estocolmo. Ao assumir aquele posto, Gobineau conheceu a Condessa de La Tour, esposa do Ministro da Itália. A relação de Gobineau com a Condessa é tratada com bastante ambigüidade por seus biógrafos. La Tour era uma bela mulher de trinta anos, descendente de uma família francesa, casada com o Conde piemontez Victor Sallier de La Tour (ele tinha afrancesado seu nome, originalmente della Torre). Um dos biógrafos do Conde Gobineau assim descreveu a relação,

“Agrada-nos acreditar, que a amizade de Gobineau e da Condessa de La Tour foi e será até o fim, ainda que banhada de ternura, uma destas amizades sem mancha, um desses casamentos brancos de almas, nos quais dois amantes unem seus destinos no cume de um mundo ideal” (LANGE *apud* RAEDERS, 1938, p. 212).

O fato é que, fosse a amizade um casamento com La Tour “branco de alma” ou adornado com cores mais vivas, Clémence preferiu retirar-se para Trye e lá permanecer.

3.10. Roma – Ottar-Jarl, ruptura definitiva com a França

Evidentemente, Gobineau não tinha a menor intenção de, após a sua aposentadoria compulsória, juntar-se à esposa em Trye. Por sua vez a Condessa de La Tour e seu marido também não voltariam mais para Estocolmo e transferiam residência para Roma. Assim, estava selada a nova moradia do Conde: viveria na Cidade Eterna com o casal de La Tour.

A única dificuldade encontrada pelo Conde foi convencer Clémence a vender o castelo de Trye, mas, passado esse contratempo, seu último laço com a França estava definitivamente rompido.

A vida com os La Tour aproximou Gobineau de um novo círculo de amizades. Muito especialmente, Wagner, sua esposa Cosima e Liszt (pai de Cosima, que a essa altura já era padre).

Em outubro de 1879, Gobineau escreve ao Imperador anunciando o livro para o qual passara a sua vida preparando-se para escrever: *A Vie d'Ottar-Jarl*, um pirata normando descendente do deus Odin.

“Espero que Vossa Majestade tenha enfim recebido a *Vie d'Ottar-Jarl*. A maior parte das pessoas em França não compreenderam o que eu quis fazer, e

se iludem crendo que nela a idéia de genealogia é tudo. Parece-me entretanto ter feito o que até hoje jamais se fez escrevendo história sobre os homens e não sobre teorias e generalidades, e que o fato de mostrar o mesmo caráter de uma mesma natureza continuando em gerações ininterruptas vale a pena que se note”¹¹⁵ (GOBINEAU, 1879. *In*: RAEDERS. 1938. p. 310).

Ottar-Jarl demandara grande esforço de Gobineau, de forma a reunir documentação para comprovar que o pirata normando teria sido seu ancestral direto e que o caráter relativo à raça ariana teria sido preservado ao longo dos séculos. Dessa forma, Gobineau ligava-se por linha de parentesco às paisagens, ao povo e até mesmo ao deus Odin. O livro é antes de tudo uma ruptura definitiva com a França que jamais reconheceria nele um *filis de Roi*. Agora, o filho de Odin tinha uma nação maior na raça de seus ancestrais.

Mais uma vez, o sucesso do livro foi nulo. Gobineau dedica-se cada vez mais à escultura, pois sua saúde vai fraquejando e com o tempo ele enxerga cada vez menos, o que dificulta muito a leitura e a escrita. A Condessa de La Tour é sua companheira constante. Apesar da grande dificuldade para enxergar, Gobineau mantém a correspondência com o Imperador brasileiro e conclui os últimos versos de Amadis.

Em outubro de 1882, Gobineau encontrava-se com a Condessa de La Tour no castelo de Chamine, de propriedade do casal La Tour, em Auvergne, na França. Gobineau, no entanto, insistiu em voltar para a Itália. Apesar da oposição da sra. de La Tour, o Conde seguiu viagem fazendo uma parada em Turim, onde se hospedou em um pequeno hotel para passar a noite.

¹¹⁵ Carta de Gobineau a D. Pedro II em dezembro de 1879.

Era sexta-feira, 13 de outubro de 1882. O azarado Conde morreu sozinho, sem que a França tomasse conhecimento da sua existência e sem que os deuses nórdicos o viessem socorrer.

Se, na França, Gobineau passou imperceptível, na Alemanha, após a sua morte, por meio de seu círculo wagneriano de amizades, sua obra passou a ser divulgada naquele país. Ludwig Schemann ouviu falar de Gobineau por intermédio de Wagner e, a partir de então, dedicou sua vida a resgatar a figura e a obra do Conde.

“Richard Wagner foi o primeiro que me falou de Gobineau transbordando de entusiasmo. Ele não pressentiu, no entanto, o que aquele grande morto se tornaria para mim. Mas quando, hoje em dia, me recordo daquelas horas sagradas. Não posso deixar de interpretá-las de outra forma. Parece que Wagner me conduziu até esse solitário, abatido, longe de toda onda humana, com sua bandeira de verdade e me disse: salve-o!” (SCHEMANN *apud* DUFRÉCHOU, p.4).

Schemann dedicou toda sua vida a traduzir para o alemão a obra de Gobineau e apresentou-a ao público de maneira entusiástica. Racista que foi, Gobineau jamais defendeu o arianismo nos moldes que o nazismo se apropriou de seus escritos. Para ele, os antigos arianos (raça secundária) há muito haviam desaparecido, e, mesmo que existissem, nada poderiam fazer senão desaparecer em meio às inevitáveis misturas.

Conclusão

Racistas ou Racialistas?

De acordo com Tzvetan Todorov, existe uma diferença conceitual entre os termos **racismo** e **racialismo**. Enquanto o segundo se refere ao campo conceitual e ideológico, ou seja, à pré-suposição da existência de raças humanas diferenciadas entre si; o racismo seria a aplicação desta crença conceitual ao nível de atitudes concretas discriminatórias no campo político-social. Todorov completa,

“O racialista não se contenta em afirmar que as raças são diferentes, também crê que umas são superiores às outras, o que implica uma hierarquia única de valores, de um padrão de avaliação com o qual faz julgamentos universais” (TODOROV, 1993, p. 110).

Segundo esse julgamento, o racialismo seria um tipo de pré-racismo, ou seja, a visão do “outro” tomando como diferencial características fenotípicas, que seriam associadas ao conceito de raças humanas e que implica conseqüentemente alguma forma de hierarquização de tais raças, o que não denotaria imediatamente racismo. Este seria caracterizado por atitudes discriminatórias individuais, sociais ou estatais, baseadas no racialismo.

Valendo-se desse tipo de conceituação, alguns trabalhos vêm surgindo, fazendo crer que a separação conceitual entre racialismo e racismo não consiste em uma linha tênue e facilmente transponível. Em certos casos, racialismo passa a ser um simples eufemismo para racismo. Isso se deve a um tipo de percepção que faz uma separação por demais rígida entre idéias e fatos no processo histórico, sem se dar conta que idéias e atitudes atuam

de forma “simbiótica”, se usar um termo da biologia. Em outras palavras, idéias surgem de fatos históricos, assim como fatos históricos surgem de idéias. Sob essa perspectiva, idéias podem ser entendidas como eventos sociais, na medida em que geram e são geradas por eles. (Sá, 2006).

Koselleck, em sua análise sobre a crise que desencadeou o surgimento do tribunal moral que acabou por condenar o absolutismo, trata as idéias desenvolvidas pelas sociedades literárias e maçons como fato histórico relevante no desencadeamento da crise que culminou com a Revolução Francesa. Por conseguinte, idéias e ações interagem por meio de mudanças que operam na linguagem e que são fundamentais para o desenrolar dos fatos, da mesma forma que tais fatos atuam na transformação das idéias (Koselleck, 1999.).

Sob essa perspectiva, uma separação por demais demarcada entre racismo e racialismo, conforme concebe Todorov, acaba por perder o sentido em nossa análise¹¹⁶, e, desta forma, preferimos tratar Agassiz e Gobineau como racistas. Embora nenhum dos dois autores tivesse uma conduta desumana para com os que classificavam como raças inferiores, no sentido de propor uma guerra racial ou mesmo a eugenia¹¹⁷, que é um conceito estranho a ambos. Porém movidos por preconceitos, nem sempre latentes, e por um tipo de cientificismo, - que Todorov identifica como um grande *iceberg* do qual o racialismo é a ponta aparente -, propunham uma separação entre as raças humanas, como forma mais segura de classificar as diferentes raças.

¹¹⁶ Todorov classifica Gobineau, por exemplo, não como racista, mas como racialista por acreditar que este (Gobineau) “não se interessa nenhum pouco por uma política baseada em suas doutrinas” (TODOROV, 1993, p.111). Na mesma linha de pensamento, seguem trabalhos como o de Helga Gahyva (Gahyva, 2006).

¹¹⁷ A Eugenia, como o mundo conheceu em fins do séc. XIX, foi um termo cunhado por Francis Galton, primo de Darwin. Após ler *The Origin of Species (A origem das espécies)*, algumas idéias como a importância da variedade hereditária na reprodução doméstica, a sobrevivência do mais apto na luta pela vida e a analogia entre reprodução doméstica e seleção natural foram reelaboradas por Galton, em 1869, em seu livro *Hereditary Genius (O gênio hereditário)*, considerado o texto seminal da eugenia. (Stepan, 2005).

No caso dos índios das Américas, por exemplo, Gobineau, em seu *Essai*, defende a posição de que aqueles eram seres incivilizáveis; que tais populações selvagens jamais na história viveram um grau mais elevado de civilização. O máximo que podem ter feito é, no convívio com uma civilização superior, terem “humildemente” adquirido desta alguns bons hábitos, os quais certamente mais à frente acabariam por perder. O melhor que os espanhóis e portugueses deveriam fazer com relação aos índios era permitir que vivessem debaixo de suas leis e costumes, desde que professassem o cristianismo e pagassem tributo (Gobineau, 1937).

Permitir que os índios vivessem segundo os seus costumes não era uma idéia propriamente negativa, porém, o que determinava esta ação não era de forma alguma a preservação da cultura indígena (discurso que no séc. XIX não fazia qualquer sentido), a motivação se dava simplesmente baseada no fato de que, despende qualquer esforço para tentar civilizar uma raça incivilizável, seria vão. Gobineau, a partir da idéia de que os índios americanos eram e sempre seriam selvagens, propunha a ação política de submetê-los (“que professem o cristianismo e paguem tributo”) e isolá-los.

Como vimos anteriormente, Gobineau acreditava que a população brasileira em geral deveria vir a extinguir-se em menos de dois séculos. Ao voltar à Europa, procurou fazer algo a respeito, provavelmente devido ao apreço que tinha pelo Imperador. Sua primeira atitude foi, ainda em meio à guerra franco-prussiana, chamar a atenção do Imperador para a oportunidade de atrair para o Brasil imigrantes alemães, “populações do Sul Baveros, Wutembergós”, como vemos na carta de 2 de agosto de 1870,

“O que é muito significativo e constitui o ponto sobre o qual eu queria chamar a atenção de Vossa Majestade, é que a emigração sempre importante nos países que indico e nas margens do Reno manifesta-se e vai manifestar-se

cada vez com maior intensidade, visto os meios de subsistência escassear. Não acha o Imperador que o Brasil teria um grande interesse em tomar medidas para chamar a si a emigração dessas populações católicas para a ativar, a prender, a seduzir? Parece-me isto uma boa partida que, jogada convenientemente, tiraria o Brasil de seu grande isolamento no ponto de vista da emigração geral e lhe daria o que há de melhor e mais desejável, isto é, colonos agrícolas.” (GOBINEAU, 1870. *In*: RAEDERS, 1938, p. 22).

Este foi apenas um exemplo, que se repetiu ao longo do tempo em que os amigos se corresponderam. Gobineau algumas vezes voltaria ao assunto da necessidade de implementar uma política de imigração para o Brasil.

Um outro exemplo ocorreu em 1873, quando Gobineau escreveu um artigo à imprensa publicado no *Le Correspondant*, com o título *L'Emigration au Brésil*. Gobineau inicia o artigo afirmando que alemães e povos escandinavos, há vários anos, haviam preferido os Estados Unidos como destino, e que alguns voltavam de lá desiludidos. Gobineau então apresenta o Brasil como opção, dando um panorama geral do Brasil e incentivando aquelas populações a se aventurarem no império brasileiro. (Raeders, 1988). É justamente nesse artigo que Gobineau categoricamente afirma que a “raça brasileira” estaria à beira da extinção, devido ao alto grau de mestiçagem. A assertiva que faz crer que a proposta seria de substituição da população e não de infundir sangue mais próximo do ariano civilizador na mistura. Todavia, vale ressaltar que isso não é afirmado de forma explícita.

Agassiz, embora fosse movido por crenças poligenistas, não padecia do mesmo pessimismo de Gobineau. Ao encerrar a obra conjunta de Agassiz e Elizabeth sobre a viagem ao Brasil, o naturalista escreveu de próprio punho o capítulo denominado “Impressões Gerais”. Sob os auspícios do Imperador brasileiro, Agassiz, que não descuidava da retórica, inicia por anunciar que o Brasil caminhava “para uma civilização superior

sob a inspiração de um príncipe tão esclarecido quanto humano”, porém a condição para que isso se desse não seria tão simples, conforme prossegue:

“Se algum dia as faculdades morais e intelectuais do povo brasileiro se puserem em harmonia com a maravilhosa beleza e as riquezas imensas que o país recebeu da natureza, não haverá outro país mais feliz sobre a terra. No presente há, porém, vários obstáculos ao seu progresso; obstáculos que atuam sobre seu povo como uma enfermidade moral.” (AGASSIZ. E. & L. 2000, p. 454).

Dentre os empecilhos ao progresso intelectual e moral do povo brasileiro, vários pontos são mencionados, como a escravidão, a corrupção do clero, a educação, uma maior racionalização da produção agrícola e, por fim, o delicado tema da migração é tocado. Agassiz, ao tratar nesse mesmo capítulo das relações sociais e domésticas, chama a atenção para o fato de a população branca do Brasil ser quase exclusivamente descendente dos portugueses, que define como dentre as civilizações européias, “a menos afetada pela civilização moderna” (AGASSIZ. E. & L. 2000, p. 460). Agassiz chama a atenção para o fato de, logo após a independência, D. Pedro I ter ensaiado atrair para o novo império imigração alemã, e, desta iniciativa, surgiu a província de São Leopoldo próxima a Porto Alegre. Contudo, somente após 1850, com a proibição do tráfico de escravos, é que houve um maior empenho para atrair imigrantes estrangeiros. Tais iniciativas entretanto não tiveram melhores resultados devido ao abuso de proprietários de terras brasileiros que faziam contratos extorsivos que visando somente substituir a mão de obra escrava pela do europeu, circunstância que tornava os novos trabalhadores virtualmente propriedade dos fazendeiros. Agassiz via uma necessidade de estimular a vinda de populações “desejáveis” para o Brasil colocando-as em igualdade de condição relativamente à posse de terra, tal qual os brasileiros natos.

Agassiz termina o capítulo afirmando esperar que seus amigos brasileiros não pensem que pretendia criticar sem benevolência seu estado social. Afirma então ter saído do Brasil “com uma fé profunda em seu futuro e sua prosperidade” e muito grato pela acolhida que tivera por parte da população, e completa:

“Se não encontrei neles [brasileiros] algo da energia e tenacidade das raças do Norte, não esqueço de que esta é uma distinção tão antiga quanto a que guardam entre si as próprias zonas temperadas e tórrida” (AGASSIZ. E. & L. 2000, p. 470).

Elizabeth Agassiz deixou também sua impressão na sua forma sincera e menos oficial de relatar. Ao abordar o depauperamento e fraqueza da população, afirma não se tratar apenas do fato de se verem crianças de todas as cores, mas é que “no Brasil essa mistura parece ter tido sobre o desenvolvimento físico uma influência muito mais desfavorável do que nos Estados Unidos” (AGASSIZ. E. & L. 2000, p. 282). Quanto a isso, Louis Agassiz posiciona-se mais claramente numa nota de rodapé:

“Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que esta mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu” (AGASSIZ. E. & L. 2000, p. 282).

Em suma, vale dizer nesse ponto que tanto Gobineau quanto Agassiz, baseados em suas crenças raciais, propõem que o “problema da raça brasileira” seria ao menos amenizado se fosse implementada por parte do

governo, uma política que atraísse para o território imigração estrangeira, e o exemplo da província de São Leopoldo de imigração alemã é elogiado por ambos os autores.

Agassiz pensava que um investimento maciço em educação e a melhoria das condições de vida da população local seriam obrigações a que o poder central não poderia se furtar, mas o que definitivamente traria desenvolvimento seria a penetração de uma população menos danificada pelas misturas raciais.

O fato de Agassiz pensar que as populações mestiças poderiam, mediante novos cruzamentos, voltar ao tipo primitivo talvez imprimisse no discurso deste autor um maior otimismo do que aquele proferido do Conde Gobineau, que via a mistura de raças como um caminho sem volta. Na prática, esse era um ponto que fazia toda a diferença entre o discurso mais radical de Gobineau, que condenava a população de um país continental como o Brasil à extinção, e o de Agassiz, que, apesar de encarar a população como degenerada, propunha medidas de educação e saneamento, associadas à imigração.

Os exemplos citados mostram-nos como a tênue linha divisória entre intenção e ação política pode ser facilmente transposta. A vinculação entre idéias, falas e atitudes é verdadeiramente tão estreita que um prognóstico pode e deve ser entendido como um evento social.

Mestiço – a indesejável humanidade única:

No discurso racial dos dois viajantes, Agassiz e Gobineau, notamos que a causa do desconforto por eles experimentado não é propriamente a

presença no Brasil do índio ou do negro e, muito menos do branco. O grande incômodo é a fusão das três raças, ao romper assim fronteiras raciais antes facilmente demarcáveis. O Brasil não estaria Condenado pela presença de nenhum dos três tipos separados, senão que pela mestiçagem. Seria simplório, depois de estudarmos a formação científica dos dois homens, atribuir toda a aversão à mestiçagem tão somente a seus preconceitos pessoais. É evidente que tais preconceitos existem e que estes não lhes permitem ver no mestiço brasileiro o potencial humano que muitas vezes se encontrava submerso em condições de existência as mais degradantes possíveis, ou seja, sem acesso à saúde, à educação e por viver numa sociedade escravocrata em que grande parte da população se via privada até mesmo do direito fundamental de liberdade.

Dos dois estudiosos Gobineau é o que mais se alinha ao discurso conservador e anti-iluminista. Procurou, por meio de seu *Essai*, uma explicação com base na fisiologia, que emergia desde o século XVIII, assim como pelo estudo da ascensão e queda das grandes civilizações provar que era a mestiçagem a causa da degeneração das raças arianas superiores. Apesar de monogenista, Gobineau via a humanidade dividida em diferentes grupos raciais hierarquicamente escalonados, entretanto esse modelo ideal de humanidade estaria Condenado, uma vez que o intercuro entre as raças era inevitável. O Conde buscava então na tradição do passado medieval, quando a mistura entre as raças ainda não havia atingido o grau desesperador de seus dias, os valores da raça ariana que não haviam submergido totalmente. Naquela sociedade era possível apontar de forma clara o lugar de cada um. Em outras palavras, havia na rígida hierarquia social uma ordem que garantia às raças superiores um lugar de ascendência frente às inferiores. Ordem que, a seu ver, a Revolução veio romper de forma inexorável.

Projetando a sua utopia para um passado idealizado, Gobineau despertava em si uma aversão irritada pelo presente e um verdadeiro ódio pelo futuro; futuro em que, já não seria possível distinguir as diferentes raças, e o mundo inteiro submergiria numa massa de gente medíocre. Ottar-Jarl era, portanto, a ponte que ligava Gobineau a esse passado, enquanto o Brasil e a sua mestiçagem, em grau muito mais avançado do que a já degenerada França, era a própria visão do futuro inevitável.

Por outro lado Agassiz, era, como vimos, um separacionista convicto. As espécies não somente eram separadas a partir da sua morfologia, mas também distribuídas em regiões zoológicas distintas. A forma utilizada por Agassiz para classificar espécies baseava-se na observação criteriosa do ser desde a sua formação embrionária. Conforme vimos no capítulo dois, acreditava ele, que a recapitulação por meio da ontogenia fornecia ao observador naturalista a exata classificação que Deus teria planejado no momento da criação. Consoante o autor, “o verdadeiro princípio da classificação existe na própria natureza e só temos que encontrá-lo para saber ler nesse grande livro.” (AGASSIZ, L. & E., 2000, p. 39). Esse tipo de metáfora da natureza segue uma tradição que remete ao surgimento da Ciência Moderna no século XVII, quando a observação empírica no “livro da natureza” era fundamental para a validação da hipótese científica. Steven Shapin define essa atitude em poucas palavras:

“Nenhuma máxima mordernista do século XVII era mais óbvia do que esta: confia no testemunho da natureza e não no dos homens; em vez das palavras, privilegia as coisas como fontes de conhecimento; prefere a prova dos teus próprios olhos e da tua própria razão àquilo que outros te dizem. Aqui está a idéia-mãe do empirismo moderno – a noção de que o verdadeiro conhecimento procede, e deve proceder, da experiência direta dos sentidos.” (SHAPIN, 1999, p. 84 – 85).

Tanto a tradição clássica quanto a tradição dos textos sagrados deveriam ser submetidos à observação empírica junto ao “livro da natureza”. O grande problema dessa tradição talvez fosse aquele de que a natureza, de fato, não estivesse escrita em livro, mas fosse fruto da interpretação do homem. Agassiz buscava comprovar na natureza uma concepção de mundo que já havia estabelecido *a priori*, e que tendia a ser confirmada por sua maneira de interpretar os fenômenos naturais. Isso não era uma exclusividade do velho Agassiz, não são poucos os autores que associam a seleção natural de Darwin ao liberalismo econômico, e se observarmos atentamente não serão poucas as alegorias possíveis. Em outras palavras, somente podemos enxergar munidos de uma determinada bagagem cultural e, a partir dela, interpretamos o mundo e a natureza.

A maneira como Agassiz pensava a natureza obedecia a uma ordem criteriosa, em que cada ser criado teria o seu tempo e lugar determinado pela providência. Nessa perspectiva, seres de uma zona zoológica não teriam qualquer relação com seres de outras áreas e não derivariam do mesmo tronco genético, ainda que possuíssem características semelhantes. Mesmo seres fossilizados, encontrados em zonas onde, na atualidade, viviam outros de características semelhantes, não eram encarados como ancestrais dos seres atuais. Na sua concepção, novas gerações viriam a ser criadas após um cataclismo destruidor.

Vimos também como Agassiz, ao entrar em contato com a população negra da Filadélfia, manifestou profunda aversão por aqueles homens. Ali, todos os seus sentidos se “erçaram”, o que foi fundamental para julgar tais homens como tendo uma origem diversa. Dentro da perspectiva da classificação das espécies a qual Agassiz se filiava, não lhe era exigido um grande esforço para classificar seres humanos de diferentes áreas como frutos de uma criação diferenciada. O único impedimento relacionado a

esta perspectiva seria a tradição cristã que postulava a existência de um único casal original. Essa tradição, no entanto, Agassiz superou de maneira quase automática, na medida em que o “livro da natureza” lhe mostrava que tais seres não poderiam ter a mesma origem que a sua própria.

A mestiçagem, fosse nos Estados Unidos ou no Brasil, era um fator desordenador da classificação racial e unificador de uma humanidade supostamente separada por raças. A seu ver, isso estava de acordo com toda a ciência a qual se encontrava vinculado. Agassiz propunha leis rígidas para impedir o cruzamento entre raças, como podemos ver no trecho a seguir, em que trata desta questão nos Estados Unidos:

“Longe de se apresentar para mim como uma solução natural para as dificuldades do presente, a idéia de uma mistura de raças, que inspira neste momento projetos, os mais insensatos, causa repugnância a todos os meus sentidos. Onde é praticada, essa mistura produz uma população híbrida onde a posição social não pode jamais ser regular e satisfatória. Do ponto de vista fisiológico, uma política sã deverá criar todos os obstáculos possíveis ao cruzamento de raças e ao aumento dos mestiços, que são contra a natureza, como podemos ver por sua constituição, seu temperamento doentio e pela diminuição de sua fecundidade” (AGASSIZ, E., 1887, p. 463 – 467).

Ambivalência e o desordenamento da Modernidade:

A posição intermediária do mestiço causa desconforto tanto em Agassiz quanto em Gobineau. Suas respectivas concepções de mundo são por demais rígidas para suportar um elemento que seja ambivalente no que diz respeito à classificação. Essa ambivalência traduz-se para ambos num sentido de desordem, pois dá margem a interpretar a humanidade como única, tal qual no argumento iluminista.

Para Zygmunt Bauman, classificar é um ato de violência, isso porque para classificar é preciso separar, segregar, postular que o mundo possui grupos de coisas distintas e de coisas afins. Classificar é dar ao mundo uma estrutura, interpretá-lo e, em suma, organizá-lo. A ambivalência, ou seja, a possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria é, portanto uma desordem que causa profundo desconforto no homem moderno (Bauman, 1995).

Quanto mais classificadas as coisas do mundo, mais ambivalências surgem entre elas, o que leva o homem moderno a um maior esforço classificatório na tentativa de se opor ao caos pela ordem. Para Bauman, o esforço é vão, pois sempre surgirão novas ambivalências, ou seja, novas coisas que são passíveis de mais de uma classificação. Este tipo de atitude parece muito claro na tentativa de Gobineau em seu *Essai*, de classificar as raças desde a adâmica, passando pela secundária, terciária, até chegar à quaternária. A partir daí, no entanto qual já não seria possível qualquer classificação: o caos teria vencido.

De outro lado, Agassiz, ao classificar os peixes da Amazônia, por exemplo, definiu uma quantidade tão gigantesca de espécies restritas a zonas zoológicas cada vez mais delimitadas, como uma margem e outra do mesmo rio, que apesar de todo o seu esforço para, no Museu de Cambridge, organizar toda a sua coleção, viu, por muitos anos, grande parte dela ficar encaixotada ou em barris, simplesmente porque o museu não comportava todas as espécies existentes. O comportamento obsessivo do naturalista demandou liberação de vultosas verbas governamentais para sua ampliação.

Nesse sentido, podemos entender os dois homens como modernos, filhos de seu tempo e ávidos por atribuir ordem a um mundo que sempre os ameaçava com o caos. O racismo dos dois homens estava de acordo com as

ciências por eles professadas bem como a resistência de ambos à visão iluminista de uma humanidade única.

Agassiz e Gobineau são apenas dois exemplos de teóricos raciais do século XIX. Outros existiram e não chegaram a vir ao Brasil, como tiveram a oportunidade Agassiz, na expedição Thayer, e Gobineau por força da determinação de seus superiores. É bem verdade que o radicalismo da visão dos dois viajantes impediu uma maior aceitação de suas doutrinas por parte dos brasileiros letrados. Mesmo o Imperador, que manteve relações de amizade com os dois homens, demonstrou dar pouco crédito ao radicalismo de suas proposições raciais. Porém, outros pensadores tiveram maior penetração entre a intelectualidade brasileira como Spencer, por meio do darwinismo social.

O presente estudo teve a intenção de analisar o pensamento racial de Agassiz e Gobineau no contexto de suas respectivas formações para compreender melhor o mau prognóstico que ambos produziram a respeito da população brasileira e conseqüentemente para o futuro do país. A pesquisa sobre um tema desta amplitude nos foi muito prazerosa, respondendo a muitas questões e suscitando inúmeras outras. Esperamos que o efeito sobre os leitores seja semelhante.

Referências Bibliográficas :

Fontes

AGASSIZ, Elizabeth Carry. Louis Agassiz: *sa vie et sa correspondance* [sic]. Paris: Librairie Fishbacher. 1887. disponível na Internet via <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2038271/f1.pagination>. Arquivo consultado em 27 de fevereiro de 2008.

DEGROS, M. (org.). *Correspondance d'Alexis de Tocqueville et d'Arthur de Gobineau*. Paris : Gallinard, 1959.

GOBINEAU, Joseph Arthur. *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Barcelona: Editorial Apolo, 1937.

_____. *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*. Disponível na Internet via

http://classiques.uqac.ca/classiques/gobineau/essai_inegalite_races/essai_inegalite_races_1.pdf

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Louis Agassiz, Transcrição de Correspondência com o Imperador D. Pedro II, Anuário do Museu Imperial. Petrópolis, vol.13: MEC, 1952.

RAEDERS, Georges. D. Pedro II e o Conde de Gobineau. (correspondências inéditas). São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1938.

Bibliografia

AGASSIZ, Elizabeth e Louis. viagem ao Brasil:1865 –1866. Brasília: Senado Federal, 2000.

DUFRECHOU, Alfred.Gobineau. In: science e religion: études pour le temps présent, 412 philosophes et penseurs. Paris: Bloud, 1907. Disponível na Internet via <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k68007j>. Arquivo consultado em 27 de fevereiro de 2008.

FREITAS, Marcus V. Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II. Tese de doutoramento em filosofia (Brown University – Rhode Island), 2000.

GAHYVA, Helga. O inimigo do século: Um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816 – 1882). Rio de Janeiro: tese de doutoramento em ciências humanas: sociologia (IUPERJ), 2006

_____. Tocqueville e Gobineau no mundo dos iguais. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 49, no. 3, 2006, p. 553 – 582. Disponível na Internet via http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52582006000300005&script=sci_arttext&tlng=e . Arquivo consultado em 27 de fevereiro de 2008.

KURY, Lorelai B. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 157 – 172. 2001 b.

LURIE, Edward. *Louis Agassiz: a life in science*. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

PATON, Lucy. Elizabeth Cary Agassiz a biography. Boston: The Riverside Press. 1919.

POLIAKOV, Leon. O mito ariano, ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

RAEDERS, Georges. O inimigo cordial do Brasil – O Conde Gobineau no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAYMOND, Jean- François de. Arthur de Gobineau et le Bresil. Grenoble: Presse Universitaires de Grenoble, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Barbas do Imperador. D.Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. O espetáculo das raças. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros – a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

Obras Gerais

ALONSO, Ângela. Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismos. São Paulo: CIA das Letras, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

BESOUCHET, Lúdia. D.Pedro II e o século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BLANCKAERT, Claude. *On the origins of french ethnology – William Edwards and the doctrine of race*. In: STOCKING, jr (org.). *bones, bodies, behavior- essay on biological anthropology*. Wisconsin: University of Wisconsin Press: 1988.

BOTTOMORE, Tom & NISBET, Robert (orgs.). História da análise sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1980.

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência – por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BURKE, Peter. O mundo como teatro – estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992.

CALDEIRA, Ana Paula S. Colecionar, escrever a história: a história de Portugal e de suas possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado. Rio de Janeiro: Tese de Mestrado do Programa de História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS), 2007.

CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem – a elite política imperial; Teatro de sombras – A política imperial. 2ª.Ed. Rio de Janeiro, UFRJ; Relume-Dumará, 1998.

_____. República, nação e progresso. In: *Enciclopédia da brasilidade – auto-estima em verde e amarelo*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

CASSIRER, Ernst. A Filosofia do Iluminismo. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas desafios, propostas. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol 17. n. 13, 1994, p. 97 –113.

CROSBY, Alfred W. Imperialismo ecológico – a expansão biológica da Europa: 900 – 1900. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1993.

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DARWIN, Charles. Origem das espécies. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

DOMINGUES, Maria B., SÁ, Magali & GLICK, Thomas (orgs.). A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2003.

DUCHET, Michèle. *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières*. Paris: Ed. Albin Michel, 1995.

ELIAS. Norbert. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

- FLORENTINO, Manolo. Alforrias e etnicidade no Rio de Janeiro oitocentista. In: Topoi – Revista de história programa de pós-graduação em historia social da UFRJ, Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Ed, vol.5, setembro. 2002. p. 9 – 39.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1990.
- FURET, François, (org). O homem romântico. Lisboa: Ed. Presença, 1999.
- GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud – o coração desvelado. São Paulo: CIA das Letras, 1999.
- GOULD, Stephen. A falsa medida do homem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. A galinha e seus dentes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. Rio de Janeiro: Vértice. p. 5 – 27, 1988.
- _____. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. História, Ciências , Saúde-Manguinhos, vol II (2), 391 – 413, jul.-out. 2000.
- HERDER, J. G.. *Filosofía de la Historia para la educación de la Humanidad*. (p.25 – 63). Editorial Nova, Buenos Aires, s/d.
- KNIGHT, David. *Ordering the world – a history of classifying man*: Burnet Books, 1981.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro do passado – contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2006.
- _____. Crítica e crise. Rio de Janeiro: Ed UERJ / Contraponto, 1999.
- KURY, Lorelai B. Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780 – 1830). Paris : L’Harmattan, 2001a.
- _____. *Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750 – 1830)*. Rev. Hist. Sci., 1998, 51/1, p. 65 – 69.

Disponível na Internet via <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=2455031> . Arquivo consultado em 28 de fevereiro de 2008.

_____. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 863-80, 2001,c. Disponível na Internet via http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702001000500004&script=sci_arttext&tlng=pt . Arquivo consultado em 27 de fevereiro de 2008.

_____. Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. *História , Ciências, Saúde – Manguinhos*, v(2): 267-91, Jul.-out. 1998. Disponível na Internet via http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459701998000200001&script=sci_arttext&tlng= . Arquivo consultado em 27 de fevereiro de 2008.

LATOUR, Bruno. Pasteur e Pouchet: heterogênese da história das ciências. In: SERRES, M (org.) Elementos para uma história das ciências. Lisboa: Terramar, 1986, p. 39 – 96.

_____. Pasteur e Pouchet: heterogênese da história das ciências, in: SERRES, Michel (Ed.), Elementos para uma história das ciências. Lisboa: Terramar, 1996, p. 49 – 76.

_____. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Ed. Unesp. 2000.

LIMA, Silvio C., determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870 – 1890).Dissertação de Mestrado em História das Ciências na Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. COC – Fiocruz. 2005.

MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da Unesco. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro v. 2, p. 375 – 413. 1998.

- MAYR, Ernest. O desenvolvimento do pensamento biológico – diversidade, evolução e herança. Brasília: Ed. UNB. 1998.
- NISBET, Robert. O conservadorismo – Ciências sociais temas no. 1. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- ODÁLIA, Nilo (org.). Varnhagen. São Paulo: Ática, 1979.
- PENA, Sérgio. Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 12. v.2, p. 321 – 346. 2005.
- QURESHI, Sadiya. *Displaying Sara Baartman, the ‘Hottentote Venus’*. Cambridge: 2004. disponível na internet via <http://www.tcnj.edu/~cunning3/Journal%20of%20Qureshi.pdf> . Arquivo consultado em 28 de fevereiro de 2008.
- RAMOS, Jair S & MAIO, Marcos Chor. Raça, clima e evolução no séc. XIX, do pessimismo à descoberta do povo brasileiro. In: *Enciclopédia da brasilidade – auto-estima em verde e amarelo*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.
- REDONDI, Pietro. *La révolution française et l’histoire des sciences*. Paris : La Recherche, 1989.
- REIS, José C. Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais. Londrina: Ed. da Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- SÁ, Dominichi M., a ciência como profissão – médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895 – 1935). Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.2006.
- SANJAD, Nelson. Charles Frederick Hartt e a institucionalização das ciências no Brasil. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos vol. 11 no. 2. Rio de Janeiro Maio/agosto, 2004. disponível na internet via http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702004000200016&script=sci_arttext&tlng=pt . Arquivo consultado em 28 de fevereiro de 2008.
- SHAPIN, Steven. A revolução científica. Algés: Difel Ed., 1999.

SCHORSWKE, Carl E. Pensando com a história – indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Ed. Schwarcz. 2000.

SODRE, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Difel, 1982.

STEPAN, Nancy L. A hora da Eugénia - raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005.

STOCKING, jr (org.). *bones, bodies, behavior- essay on biological anthropology*. Wisconsin: University of Wisconsin Press: 1988.

THIERRY, Augustin. *Lettres sur l'histoire de France – dix ans d'études historiques*. Paris : Furne Libraires et Éditeur. 1866. Disponível na internet

via:<http://books.google.com/books?hl=ptBR&lr=&id=2lgvAAAAMAAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=augustin+thierry&ots=L6nR0sDQUf&sig=42NkABE1AK1ArTiIZ0mFF61HGMI#PPA1,M1> . Arquivo consultado em 28 de fevereiro de 2008.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural. São Paulo: CIA das Letras, 1996.

TOCQUEVILLE, Aléxis. O antigo regime e a revolução. Brasília: Ed. UNB, 1997.

TODOROV. Tzvetan. A conquista da América – a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VENTURA. Roberto. Estilo tropical. São Paulo: CIA das Letras, 1991.

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipe. Como se deve escrever a História do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 6(24): 381 – 403. 1845.